congresso sofie

VI Congresso Internacional da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação

"formação humana e estética: o corpo em evidência"

caderno de resumos simples

23 a 25 . setembro . 2026
Universidade Estadual de Campinas
Unicamp/SP

SOFIEed.

23 . setembro . 2026 **sala 1 - ed01**

Eixo Temático: estética e os corpos desviantes

O CORPO RACIALIZADO E A EXPERIÊNCIA LÚDICA: JOGO FILOSÓFICO COMO RECONFIGURAÇÃO DA SENSIBILIDADE ANTIRRACISTA

Diego Fernandes de Oliveira
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Essa é uma experiência estética concreta, professor de filosofia que se depara, em sala de aula, com estudantes pretos fenotipicamente que não se aceitam negros. Para escapar do estigma racial, declararam-se pardos. Fenômeno denominado racismo internalizado, revela que, o racismo não opera apenas como estrutura social externa, se inscreve na sensibilidade, na autopercepção corporal, no modo como o sujeito habita seu próprio corpo.

O corpo racializado torna-se, assim, corpo que aprendeu a não se ver, a não se aceitar, a não se querer. Esse fenômeno no ensino de filosofia traz uma questão estética fundamental: como reconfigurar a sensibilidade do sujeito que aprendeu a recusar sua própria corporeidade? A aula expositiva apenas apresenta argumentos, explica, que o racismo é injusto, que a negritude é bela, que é crime, mas não é insuficiente.

O racismo internalizado não é primariamente um erro de conhecimento, é uma disposição afetiva constituída ao longo de trajetórias marcadas por violência simbólica e apagamento estético. A hipótese central desta pesquisa é que a experiência lúdica, projetada com finalidade filosófica antirracista, pode reconfigurar a sensibilidade dos estudantes de formas que a argumentação racional isolada não alcança.

Artículo dois referenciais, a ludicidade crítica de Mary Flanagan, segundo a qual jogos veiculam crenças e podem abordar aspectos fundamentais do comportamento humano e a protréptica filosófica, gênero da Antiguidade presente em Platão, ressignificada como instrumento de instigação existencial. O jogo não apenas informa sobre o antirracismo, ele exorta o estudante a querer ser diferente, reconfigurando sua sensibilidade diante do próprio corpo racializado e o do outro.

O elemento mais significativo do design do jogo filosófico é a incorporação de treze símbolos Adinkra da tradição como operadores filosóficos e estéticos. Antes de qualquer argumento, esses símbolos afirmam, no plano sensível, a legitimidade e a beleza da tradição filosófica africana que se sustentam pela epistemologia das encruzilhadas, os Adinkras produzem experiências estéticas de

reconhecimento que precedem e sustentam a reflexão filosófica. Os playtests realizados no Ensino Médio e formação docente evidenciam que o contato com os Adinkras produziu nos participantes uma reação afetiva e significativa, reconhecimento de uma estética própria, de uma tradição filosófica deixada de lado pela educação formal.

Conclui-se que a formação humana antirracista exige, além de argumentação filosófica, reconfiguração da sensibilidade e que o jogo filosófico, ao articular ludicidade crítica, tradição filosófica africana e protréptica filosofica, constitui instrumento privilegiado para essa reconfiguração na escola brasileira.

Palavras-chave
corpo racializado, ludicidade crítica, protréptica filosófica, adinkra, filosofia da educação.

Referências Bibliográficas

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. p. 18.
FLANAGAN, Mary. Critical Play: Radical Game Design. Cambridge: MIT Press, 2009. p. 4. HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 10; 24.
NASCIMENTO, Elisa L.; GÁ, Luiz Carlos. Adinkra – Sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

PINHEIRO, Barbara Carine. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

OS CORPOS NEGADOS E A EDUCAÇÃO DOS AFETOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Divino José da Silva
Universidade Estadual Paulista

O objetivo é pensar os desafios de uma educação dos afetos no contexto das relações pedagógicas na atualidade, marcada pelo brutalismo do racismo, do sexismo, da misoginia, da transfobia e da homofobia. Toda relação pedagógica é, em certa medida, um acontecimento estético que envolve a experiência de afetar e de ser afetado pela diversidade de corpos em sala de aula. Essa experiência, a depender do modo como ocorre no contexto escolar, poderá contribuir para a construção de um senso de comunidade e de justiça ou, ao contrário, reforçar práticas de violência e barbárie. Quando a brutalidade, o ódio, a insensibilidade, o medo e a frieza passam a agenciar o comportamento das pessoas nas relações sociais e com os outros viventes, a pergunta que se impõe imediatamente a educação é a seguinte: o que pode a educação contra tudo isso? Certamente, não se trata de pensar a educação escolar como solução para problemas tão complexos, mas de fazer ressoar em nosso presente, o emblemático desafio lançado por Theodor Adorno à educação, por ele formulado nos seguintes termos: desbarbarizar a educação é o desafio mais urgente na atualidade para toda educação. Tendo em vista esse desafio e as urgências que o tempo presente impinge à escola, a pergunta que norteará essa comunicação é: Que lugar os diferentes corpos ocupam na relação pedagógica? A tentativa de resposta a essa pergunta passa pela reflexão sobre a relação entre os afetos que circulam nas relações sociais e os afetos em circulação no contexto escolar. Ao pensar a singularidade dos corpos no contexto escolar, o esforço será o de imaginar outras formas de circulação de afetos que contribuam para a construção de um senso de comunidade pedagógica. Trata-se de uma discussão teórica situada no campo da filosofia da educação, que tem como fio condutor a ideia/noção de educação dos afetos e o modo como a mesma se apresenta, complementarmente, em Theodor Adorno, Achille Mbembe, Paul B. Preciado e bell hooks, os quais nos auxiliarão a pensar os desafios de uma educação que lide com os afetos, ainda que nem todos utilizem explicitamente a expressão "educação dos afetos", exceção, talvez, feita à bell hooks.

Palavras-chave
educação escolar, corpos negados, circulação de afetos, racismo, masculinismo.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Educação contra a barbárie. In:_____. Educação e emancipação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

DUNKER, Christian Inago Lenz. A arte de amar. Uma anatomia de afetos, emoções e sentimentos. Rio de Janeiro: Record,2024.

hooks, bell. Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MBEMBE, Achille. Brutalismo. São Paulo:n-1 edições, 2021. PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano. Crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

FORMAÇÃO, FRUIÇÃO E CRIAÇÃO ARTÍSTICA: QUANDO OS “SEM-PARTE” RECONFIGURAM O SENSÍVEL

Thiago de Castro Leite
Universidade Estadual de Maringá

Em “A partilha do sensível”, Jacques Rancière nos convida a compreender a esfera política em sua dimensão estética, ou seja, considerando que tudo aquilo que dá forma à estrutura social aparece aos nossos olhos de um modo específico, em virtude de uma certa ordenação dos lugares e ocupações determinados a cada pessoa ou grupo social dentro de um comum partilhado.

Entendida como divisão das partes que integram esse comum, a partilha se manifesta de diversas formas, distribuindo quem pode, ou não, ocupar determinados espaços, desfrutar de tempo livre (skholé), ou ainda, exercer alguma atividade específica. Contudo, segundo Rancière, há sempre um quociente não considerado nesta divisão, que, então, é denominado pelo autor como “os sem-parte”. A esses, sob a ordenação estabelecida, a própria existência no mundo estaria relegada à chave da incapacidade e da invisibilidade, fazendo com que suas palavras ecoassem como mero ruído entre aqueles que detém a linguagem (logos).

Contra a própria ordem das coisas dadas, e rompendo com a configuração estabelecida na partilha que, até então, regia o âmbito das artes cênicas, tem se verificado um movimento significativo de artistas com deficiência que, com seus corpos e vozes, agem sobre o estabelecido, reconfigurando a ordem do visível, do dizível e do pensável. Junto a esses artistas, é preciso destacar também

iniciativas culturais que passam a compreender a acessibilidade como pressuposto para o encontro com o público com e sem deficiência. Nesses casos, elementos como a audiodescrição e a Língua Brasileira de Sinais adquirem novos sentidos na configuração de uma cena, ganham um estatuto de linguagem e, por conseguinte, reordenam aquilo que se compreende como teatro.

Tendo em vista esse contexto, esta comunicação procura refletir sobre os impactos da presença de pessoas com deficiência em experiências de formação, fruição e criação artística. Nesse intuito serão mobilizadas duas situações específicas – desenvolvidas no Conservatório de Tatuí -, nas quais o encontro entre diferentes sujeitos (com e sem deficiência) e a fricção de expectativas

sobre a arte foram decisivas para uma certa reconfiguração do sensível, resultando numa ampliação do próprio mundo. A primeira delas, ocorrida dentro do projeto "Ações para suspender o tempo" (2021), reuniu espectadores com deficiência visual e artistas em formação; a segunda, trata-se do processo de criação do espetáculo "Kitembo: entre nascedouros e poentes" (2022), em que acessibilidade e a presença de pessoas com deficiência na cena abriram novas possibilidades para se pensar a arte e a educação.

Palavras-chave
teatro; partilha do sensível, acessibilidade, artistas def, formação de espectadores.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
CARVALHO, J. S. (org.). Jacques Rancière e a escola: educação, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa (vol. 1). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

O LIMITE DO ARQUIVO: FABULAR O SILÊNCIO

Maicon Antonio Marçaneiro
Universidade Estadual de Campinas

Em 13 de fevereiro de 1938, a Missão de Pesquisas Folclóricas, organizada por Mário de Andrade, chegava a Recife com o objetivo de reunir expressões da cultura brasileira sob uma perspectiva artístico-literária. Celebrada pela imprensa, a iniciativa se inscreve, no entanto, em um contexto marcado por tensões políticas e por práticas sistemáticas de repressão às religiões de matriz africana.

A partir da construção de um arquivo composto por recortes de jornais do noticiário policial, documentos da Missão e registros fotográficos, esta pesquisa identificou, de forma recorrente, a presença de três elementos: a violência policial contra praticantes do catimbó (jurema sagrada), o apagamento de suas vozes e identidades e a circulação de discursos marcados por racismo religioso.

Este trabalho propõe, nesse contexto, a mobilização da fabulação crítica como estratégia metodológica e escrita, em diálogo com a obra de Saidiya Hartman. Longe de buscar dar voz a sujeitos silenciados — gesto que pressupõe sua ausência —, a fabulação crítica parte do reconhecimento de que essas vozes existiram e resistiram, ainda que tenham sido marginalizadas ou interrompidas pelos dispositivos de poder. Assim, o foco recai sobre a possibilidade de fabular trajetórias a partir dos vestígios disponíveis no arquivo, tensionando seus limites e lacunas.

Nesse sentido, a pesquisa toma como figura central Maria Magdalena Pereira, também conhecida como Maria Plácida, cuja presença é registrada em documentos da Missão e no noticiário policial da Folha da Manhã, mas praticamente ausente da historiografia acadêmica. A partir de sua recorrência nos registros — especialmente no caderno de Antonio Ladeira, auxiliar da Missão — e de sua inscrição em contextos de repressão policial, sua trajetória torna-se ponto de partida para uma escrita que articula arquivo e fabulação.

A fabulação crítica, aqui, não se configura como ficcionalização livre, mas como prática situada entre o arquivo e a especulação, buscando explorar aquilo que poderia ter sido, sem romper com as condições históricas que estruturam o material analisado. Trata-se, portanto, de uma tentativa de reinscrever experiências marcadas pela violência e pelo apagamento em

uma narrativa que, ao mesmo tempo em que reconhece esses limites, ensaia outras formas de existência possíveis.

Palavras-chave
fabulação crítica, arquivo, violência policial, Recife, Catimbó.

Referências Bibliográficas

AZOULAY, Ariella Aïsha. História potencial: desaprender o imperialismo. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

HARTMAN, Saidiya. Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais. Tradução de Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.

HARTMAN, Saidiya. Cenas de sujeição: terror, escravidão e criação de si na América do século XIX. Tradução de Fernanda Silva e Souza; Marcelo R. S. Ribeiro. São Paulo: Fósforo, 2025.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Revista Eco-Pós, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

HERZER: A AMIZADE DA TRAVESSIA

Noah Ratis Cavalcanti da Cunha
Universidade Federal de Pernambuco

Indagar a existência de corpos que se desviam da norma, qualquer que seja ela, implica questionar as forças de resistência que sustentam eles. Contudo, não é minha intenção conceituar e analisar como se dá o desvio desse corpo, mas sim observá-lo em seu momento de travessia, ou seja, o instante que antecede o seu reconhecimento como "desviado". A minha indagação central é: quais as forças que sustentam esse corpo na travessia? A amizade poderia ser essa força? De que modo essa amizade consegue fazer emergir uma subjetividade outra, provocando, consequentemente, uma ruptura na norma estabelecida?

Anderson Herzer, em sua biografia-poética "A Queda para o Alto", fala sobre a sua travessia subjetiva no sistema sexo-gênero. Do mesmo modo, narra como a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM, atuou como um dispositivo de dominação e sujeição de seu corpo. A existência da FEBEM foi justificada sob o discurso de promover uma segurança nacional, colocando determinados corpos como uma ameaça às instituições sociais. Entendo como instituições sociais sendo toda relação que se adeque à norma ou que promova alguma norma. Herzer narra um estado de dominação sofrido com a justificativa de que, dessa maneira, o seu corpo estaria sendo educado socialmente.

Entretanto há algo que escapa da dominação, algo que se encontra além, que seria a amizade (Ortega, 2004). Refletir sobre a amizade no contexto apresentado por Herzer é trazer a translucidez dessa amizade enquanto formação humana, na qual seria capaz de sustentar a vida de corpos bestializados dentro dos muros e arames farpados da FEBEM. Logo, é um processo de subjetivação, onde o sujeito é agente de suas próprias ações, em vez de objeto de dominação. Assim, a formação humana nessa biografia-poética não ocorre pela instituição FEBEM, mas apesar dela.

É através desta amizade política que Herzer (re)existe em seu corpo de "machão", o qual mantém pelos na face que não são interpretados como femininos, como forma de enfrentamento à própria instituição de dominação. Nessa biografia-poética, não há intenção alguma de traduzir a diferença para a norma, mas sim de se fazer ouvir. Herzer cometeu suicídio no mesmo ano da publicação de seus escritos, mas

as suas relações de alteridade e amizade continuam existindo, transbordando o seu corpo que as leis não conseguem apreender.

Palavras-chave
subjetividade, amizade, FEBEM, transmasculinidade.

23 . setembro . 2026 **sala 2 - ed02**

Eixo Temático: estética e linguagens

A REPORTAGEM E OS APRENDIZADOS

Hebe Rios do Carmo
Universidade Estadual de Campinas

Debruçados sobre teclados e telas, ensaiamos a farsa baseada no comando de tudo o que é virtual. Uma espécie de realização da lembrança fresca dos seriados americanos, que mostravam naves sob a diretriz de comandantes concentrados, ora sisudos, ora enigmáticos, em busca da salvação de planetas ou da própria existência humana. Realidade travestida de ficção? Ficção que nos salva da realidade?

Ao invés de controlarmos algo, estamos sendo controlados. Nossos passos deixam rastros tão evidentes, que um sistema ironicamente chamado "nuvem", registra até mesmo as ações que não gostaríamos de revelar. E o céu não é o limite.

O suposto autocontrole é submerso pela "sociedade do controle", como preconizam Deleuze e Guattari, baseada em sistemas cada vez mais tecnológicos e sofisticados de acesso digital a mundos, comunidades, notícias, sistemas, dados, organizações, operações, transações bancárias e tudo mais que seja possível acessar por meio de dispositivos digitais.

Também é possível verificar que a resistência ao processo de controle social é uma possibilidade gestada na compreensão da "racionalidade do poder", segundo Foucault. Quais suas razões históricas e alternativas de resistência?

Que alternativas de ação a escola pode oferecer hoje para que os estudantes resistam? Associo o potencial da reportagem ao processo educacional de resistência. Na reportagem, a construção coletiva possibilita caminhos de aprendizado não convencionais, inesperados e em constante atualização. Seria possível associar este aprendizado a uma "educação menor", termo cunhado pelo professor Silvio Gallo?

O deslocamento do conceito "menor" realizado por Gallo, convida a pensar em uma educação aberta a segmentos e fragmentações em constante movimento de busca, sem seguir modelos pré-estabelecidos ou soluções já reconhecidamente testadas no campo da educação e do ensino. A proposta de Gallo convida à renovação das conexões entre alunos e professores, de forma que as relações de

aprendizado estejam sempre inconclusas, numa construção infinita, assim como nos remete a imagem de um rizoma.

A reportagem como dispositivo de uma pedagogia em educação menor é observada como possibilidade potente e criativa, a contribuir com este processo de busca dos mais diversos caminhos para aprendizados, com vistas à resistência na sociedade do controle, quando gestada em multiplicidades de fontes, formatos e contextos. A reportagem como dispositivo disparador de aprendizados alicerçados no interesse pelo conhecimento do mundo e de si mesmo, para a construção de ações que identifiquem e até rompam os mecanismos de controle reproduzidos pela escola.

Palavras-chave
reportagem, menor, educação, controle, resistência.

Referências Bibliográficas

GALLO, Sílvio. Deleuze e a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

MIGLIORIN, Cezar. O DISPOSITIVO COMO ESTRATÉGIA NARRATIVA Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6351

PUCRS Online A Racionalidade do Poder: Reflexões sobre o Controle e a Sociedade/ 29 de Julho de 2025. Disponível em: https://online.pucrs.br/blog/racionalidade-do-poder-e-controle social

“PENSO, DE FATO, COM MINHA CANETA”: ESCOLA, ESTUDO, FORMAS DE VIDA

Eder Marques Loiola
Universidade de São Paulo

Uma das acusações frequentemente dirigidas à escola sublinha seu aspecto disciplinador, responsável pelo enquadramento do corpo em formas de governo voltadas à normalização de condutas e saberes. Nessa perspectiva, as técnicas associadas à escolarização moderna - tais como o enfileiramento, a individualização dos lugares numa sala de aula, a disposição geométrica das salas de aula, as rotinas, os exercícios de repetição, entre outros - são tomados como evidência da ação do poder disciplinar disseminado igualmente em prisões, quartéis, hospícios e outras instituições de sequestro. Sem discutir a legitimidade de tal apropriação dos conceitos foucaultianos, já consolidada na área da filosofia da educação e corrente em discursos educacionais em geral, a presente comunicação procura esboçar uma reflexão, ainda incipiente e provisória, a propósito de sentidos eventualmente negligenciados do investimento político do corpo na experiência escolar – insistindo talvez, usando ainda a linguagem de Foucault, antes em seus efeitos produtivos que em suas conotações repressivas.

Inspirado no estilo terapêutico do chamado segundo Wittgenstein, procurarei apresentar outros "objetos de comparação" com os quais nosso pensamento pode cotejar tais "imagens" cristalizadas a respeito das técnicas de disciplinarização do corpo empregadas na escola. Assumo a hipótese de que a condenação a priori das práticas mencionadas presta pouca atenção ao propósito formativo específico de seu "uso" formativo, considerando as disciplinas em seu caráter geral, abstraídas da complexidade da vida escolar. Sob esse aspecto – isto é, considerado em abstração das circunstâncias singulares de uma escola – o corpo do estudante pode de fato figurar como terreno de forças que, sob pretexto de instruir ou avaliar suas realizações, empenham-se, no fundo, em torná-lo útil e dócil.

Como forma de relativizar essa imagem unilateral das disciplinas, tentarei mostrar a possibilidade de conceber a fila, o exercício repetitivo, a individualização de lugares, a prova, entre outras práticas tipicamente escolares, como técnicas pertinentes à iniciação dos estudantes em novas linguagens e formas de vida. Aproximadas da antiga tradição dos "exercícios espirituais", nos termos de Hadot, tais técnicas podem ser vistas como formas daquilo que Masschelein e

Simons definem como “estudo”, isto é, um tipo específico de aprendizagem própria do tempo/espaço escolar. Dessa perspectiva, o corpo disciplinado, longe de conformado ou reprimido, pode emergir como um “corpo relacional” (Gebauer), enriquecido pelo domínio de linguagens que o abrem para um mundo.

Palavras-chave
escola, disciplina, forma de vida, corpo, terapia filosófica.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GEBAUER, G. O pensamento antropológico de Wittgenstein. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

HADOT, Pierre. O que é a filosofia antiga? São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. Em defesa da escola: uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. Tradução, organização, apresentação e vocabulário crítico de Giovane Rodrigues e Tiago Tranjan. São Paulo: Fósforo, 2022 Masschelein/Simons

COMO NARRAR UM CINEMA-SONHO: CINEMA INDÍGENA E LINGUAGEM EM PROCESSO

Lilian Carla Barbosa Marçaneiro
Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho propõe um exercício de escrita que se aproxima da experiência de narrar um cinema-sonho, tomando como matéria o filme Mãri hi – A árvore dos sonhos, do cineasta yanomami Morzaniel Iramari. Em vez de analisar o filme a partir de categorias consolidadas do cinema ocidental, o texto se constrói como um percurso sensível, no qual linguagem, imagem e pensamento se entrelaçam em movimento. Trata-se menos de interpretar as imagens e mais de acompanhar seus modos de existência, seus ritmos, suas forças e suas relações com o mundo.

Partindo da centralidade do sonho na cosmologia yanomami, não como metáfora, mas como modo de conhecimento e de relação, o trabalho busca tensionar os limites da linguagem acadêmica, propondo uma escrita que não se fixa na explicação, mas que se deixa afetar pelas imagens. Nesse sentido, assume-se um procedimento experimental que articula cinema, filosofia e antropologia. Isso se dá, também, porque a noção imagem revela um "mal

entendido conceitual" (Kopenawa; Albert, 2023), entre os Yanomami, utupë (imagem) trata-se de uma dimensão da própria pessoa que, no sonho, se desprende do corpo e percorre outros mundos como experiência real, dessa forma, a linguagem emerge como zona de tradução instável entre mundos, onde palavras como imagem já não dão conta do que nomeiam.

Como gesto metodológico, o texto ensaia a criação de um glossário provisório de termos, tais como "câmera-respiro", "plano-vento", "cortes-férteis" e "enquadramento-poroso", na tentativa de nomear, sem capturar, modos de filmar que emergem de uma relação de parentesco entre corpo, câmera e mundo. Esses termos não pretendem estabilizar sentidos, mas abrir passagens para pensar o cinema para além de suas gramáticas hegemônicas, reconhecendo a sua imagem como algo que não se deixa reduzir a códigos prévios.

Ao narrar o filme como quem sonha, o texto desloca a linguagem de sua função representacional, aproximando-a de uma experiência sensível e processual. Trata-se, portanto, de um exercício que não busca conclusões definitivas, mas acompanha percursos, encontros e desvios. Nesse movimento, a pesquisa se afirma como um campo em

aberto, no qual pensar é também desaprender formas de ver e de dizer, criando condições para que outras imagens, outras linguagens e outros mundos possam emergir.

Palavras-chave
cinema indígena, sonho, linguagem, imagem.

Referências Bibliográficas

BRASIL, André. Ver por meio do invisível. O cinema como tradução xamânica. Novos estudos, CEBRAP. São Paulo, v. 35.03. Novembro, 2016. p. 125-146.

IRAMARI, Morzaniel. Mãri hi: a árvore do sonho. Brasil, 2023. Filme (17 min).

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. Espírito da Floresta. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2023.

LIMULJA, Hanna. O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

EXPERIMENTAÇÃO FILOSÓFICA NO ESTÁGIO: A FORMAÇÃO ESTÉTICA COMO PISTA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM

Fabrício David de Queiroz
Universidade Federal do Goiás

Matheus Bezerra Parente
Universidade Federal do Goiás

Este trabalho discute os resultados de um projeto-piloto no contexto do estágio da licenciatura em filosofia, realizado no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG). Esse projeto de ensino objetivou a experimentação filosófica com imagens técnicas, cuja discussão se volta para a formação estética da subjetividade. No contexto escolar, esta inusitada mediação pedagógica que relaciona o lúdico na filosofia e o automatismo dos dispositivos midiáticos se voltou para a produção de narrativas visuais pelas crianças. O presente texto propõe pensar em outra relação entre cibercultura e escola, por meio de um relato de experiência. Adota-se como procedimento metodológico o plano de imanência, como discorrem Deleuze e Guattari (2010), de modo que o trabalho com o conceito, inerente à filosofia, assuma o movimento da imagem do pensamento.

Ao integrar aulas de língua portuguesa dos quintos anos, do ensino fundamental, ao ensino de filosofia, uma sequência didática desenvolvida pelos professores e estagiários culminou na produção de narrativas visuais. Através de experimentações com fotografias e vídeos, as crianças conferiram sentido ao que Larrosa (2002) chama de experiência, ou seja, os alunos atribuíram um sentido próprio às práticas da cultura visual trazidas do cotidiano. A reflexão filosófica, logo, destinada ao conhecimento de si, decorreu de atividades lúdicas com diferentes tipos de imagens. Huizinga (2017) confere o lastro dessa experimentação a partir do jogo, isto é, uma atividade livre e "não-séria", cuja função se compromete em representar alguma coisa.

A partir das análises de Couchot (2003) sobre o regime de visualidade, compreende-se que a sujeição ao automatismo numérico, proveniente dos desenvolvimento tecnológicos da informática, retira dos indivíduos a expressão da subjetividade. Assim, de início, o trabalho com imagens técnicas das mídias digitais é comprometido pela tensão entre sujeito e máquina. Neste contexto, a experimentação realizada no estágio se debruçou por investigar questionamentos como: Qual o lugar da formação estética no processo de ensino-aprendizagem? O que as narrativas visuais podem oferecer ao conhecimento de si? De que modo o ensino de filosofia pode tensionar a relação dos estudantes com os dispositivos?

Em um contexto contemporâneo marcado por tensões entre ensino e vida, cibercultura e cultura escolar, arte e automatismo, as narrativas visuais aparecem como um elo possível para pensar o ensino. Deste modo, afirma-se a proposição de uma educação estética a partir de Schiller (1989), estabelece a sensibilidade como elemento fundamental para a formação humana, sem o tradicional privilégio do intelecto.

Palavras-chave
experienciar, narrativas visuais, subjetividade, ensino de filosofia, educação estética.

Referências Bibliográficas

COUCHOT, Edmond. A tecnologia na arte: Da fotografia à realidade virtual. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SCHILLER, Friedrich. A Educação Estética do Homem: numa série de cartas. Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1989.

23 . setembro . 2026 **sala 3 - ed04**

Eixo Temático: estética e política

CONFLITOS ONTOLÓGICOS E AS FRONTEIRAS ESTREMECIDAS: NOVAS MANEIRAS DE PENSAR OS CORPOS, AS SUBJETIVIDADES E AS RESISTÊNCIAS

Ana Carolina Patto Manfredini
Universidad Nacional Autónoma de México

Em uma palestra sobre o livro Escute as Feras, de Nastassja Martin, a antropóloga e psicoterapeuta Amnéris Maroni sugere que o século XXI é o século das diferenças e das fronteiras estremecidas. Se o século XX foi o século da linguagem, das identidades e do capitalismo fordista, hoje vivemos uma grande mutação nos níveis micro e macropolítico, bem como na forma como conceituamos a existência. Autores como Eduardo Viveiros de Castro, Philippe Descola, Nastassja Martin e Elizabeth Povinelli nos fornecem teorias que embaralham as categorias tão bem definidas pela metafísica europeia. Os pares opostos natureza-cultura, sujeito-objeto, e corpo-mente perdem as essências que os mantinham fixos e separados. Surgem novas ontologias que, como neblinas, turvam as fronteiras entre os reinos, forçando o pensamento a reinventar, de maneira radical, o que, por séculos, nos pareceu óbvio: os sujeitos são humanos, e as pedras, coisas. A partir dessas teorias antropológicas, surgem muitas perguntas que abalam a epistemologia moderna como um terremoto: o que é (ou pode) um corpo? Uma pedra é um ser não vivo? Uma onça é uma pessoa? O planeta está vivo? São perguntas essenciais se quisermos pensar a estética como a criação de novos (e urgentes) modos de existência.

Essas novas ontologias não só questionam o antropocentrismo, como também as ideias de identidade, essência e universalismo. Por meio de uma ontologia animista, é possível visualizar novas formas de ser e existir, nas quais a natureza também é cultural e todos os seres são políticos e pensantes. "A essência do ser é a pessoa", afirma Viveiros em sua teoria do perspectivismo ameríndio. Trata-se de um antropomorfismo que anula o antropocentrismo, pois, se todos os seres são, em essência, humanos, nossa excepcionalidade se perde. O corpo também adquire outro sentido, diferencial. Se, no fundo, todos são pessoas, o que diferencia os seres são os corpos.

Essa repercussão de uma filosofia da diferença no campo antropológico também se manifesta nas lutas minoritárias. Por mais que sejam chamadas de lutas identitárias, na verdade são o oposto: buscam desfazer as identidades rígidas impostas pelo gênero, pelo especismo, pelas raças etc. O ressurgimento do fascismo em uma

escala tão grande, com partidos declaradamente de extrema direita, é justamente um efeito de contenção desses novos movimentos individualistas. O fascismo não tolera a diferença; pelo contrário, busca eliminá-la.

Palavras-chave
diferença, antropologia, não humano, minorias, fronteiras.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, G. y GUATTARI, F. (2002), Mil mesetas. Capitalismo y esquizofrenia. Pre-textos.

DESCOLA, P. (2016) Outras naturezas, outras culturas. Editora 34. Martin, N. (2021) Escute as feras. Editora 34.

PRECIADO, Paul (2020) Yo soy el monstruo que os habla. Editorial Anagrama. Viveiros de Castro, E. (2023) Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural. Ubu Editora.

A POTÊNCIA CRIATIVA DOS CORPOS: PENSANDO O CORPO EM MULTIPLICIDADES

Maria Júlia Abranches Jacinto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Paula Demarco
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Esta pesquisa explora as dimensões filosóficas da relação entre corpo e educação, buscando compreender como os afetos atravessam os processos educativos e as experiências corporais na infância. O projeto "Em Caxias, a filosofia en-caixa?", desenvolvido na Escola Joaquim da Silva Peçanha, em Duque de Caxias/RJ, coordenado por Vanise de Cassia Dutra Gomes em parceria com o NEFI/UERJ, coordenado pelo professor Walter Omar Kohan, constitui um dos campos de exploração da pesquisa. Nas experiências de pensamento realizadas com as crianças, buscamos investigar em quantas dimensões se pode pensar um corpo.

A partir de um relato produzido durante uma atividade, observamos uma criança que ocupava o espaço de maneira distinta das expectativas da dinâmica proposta: corria pela sala, transformava uma imagem em um megafone e observava o grupo à distância antes de participar da atividade. A experiência provocou reflexões sobre os modos singulares de presença e elaboração das crianças, bem como sobre aquilo que atravessa o corpo para além da linguagem verbal.

Em diálogo com Baruch Spinoza, compreendemos os afetos como variações da potência de agir, produzidas nos encontros entre corpos. Para o filósofo, "a passagem a uma perfeição maior ou o aumento da potência de agir denomina se afeto ou sentimento de alegria; a passagem a uma menor perfeição ou a diminuição da potência de agir, tristeza" (DELEUZE, 2002, p. 57). Nesse sentido, a pesquisa busca pensar uma educação que favoreça encontros capazes de ampliar a potência criativa dos corpos dentro da escola pública.

Além disso, investigamos o teatro como ferramenta de abertura, criação e aprendizagem. Com um grupo de crianças oriundas de zonas periféricas, exploramos as potencialidades do processo de elaboração de uma peça teatral e suas conexões com o currículo básico, considerando o corpo como espaço de criação e produção de sentidos.

Palavras-chave
corpo, educação, afeto, infância, filosofia.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre educação e filosofia. Tradução de Joseane Lucena de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CARTOGRAFIAS E ESTÉTICAS DAS VIOLÊNCIAS: UMA LEITURA DOS CORPOS FEMININOS A PARTIR DE BELL HOOKS E SILVIA FEDERECI

Sabrina Demarchi
Universidade Estadual Paulista

Este trabalho nasce da compreensão de que as violências sofridas pelas mulheres na contemporaneidade não são casos isolados ou meras fatalidades. Elas expressam um problema estrutural e histórico, profundamente fincado na forma como a sociedade se organiza. Nessa engrenagem, o controle sobre o corpo feminino e a divisão sexual do trabalho atuam como peças-chave para manter de pé tanto o sistema capitalista quanto as desigualdades de gênero. Por isso, faz-se necessário voltar no tempo e olhar para as origens dessa opressão, entendendo como a submissão das mulheres foi construída e normalizada ao longo da história.

Para compreender essa raiz, é fundamental analisar a construção do patriarcado. A base desse modelo remete ao pater familias do direito antigo, época em que o homem tinha autoridade total sobre a vida da esposa e dos filhos. Essa estrutura mudou de cara com o tempo, mas não sumiu. Como mostra Silvia Federici, o avanço do capitalismo transformou a própria família em um espaço de controle. O chamado "patriarcado do salário" amarrou as mulheres à dependência econômica, afastando-as do acesso direto ao dinheiro e transformando o trabalho doméstico e de cuidado em uma "obrigação natural" feminina.

É desse cenário incômodo que esta pesquisa, de caráter teórico e bibliográfico, ganha fôlego. Para entender o problema em sua complexidade, estabelece-se um diálogo entre o feminismo marxista de Silvia Federici e a pedagogia crítica de bell hooks – duas referências indispensáveis para pensar gênero, educação e mudança social. Enquanto Federici escancara como a divisão sexual do trabalho virou ferramenta de exploração, hooks amplia o horizonte ao defender a educação como prática de liberdade, mostrando que gênero, raça e classe andam sempre articulados. A partir desse encontro, o estudo busca ir além de uma visão puramente técnica do ensino, defendendo uma formação humana crítica, emancipatória e comprometida com a dignidade.

Nesse processo, a escola ocupa um papel central. Como instituição viva, ela carrega uma dualidade: tanto pode repetir as desigualdades de sempre quanto virar um espaço de resistência. Quando o cotidiano

escolar normaliza estereótipos, ele alimenta o patriarcado; mas é também ali que brotam as chances de ruptura. O objetivo aqui é entender como a educação pode ajudar os docentes a enxergarem o machismo não como um erro individual, mas como uma estrutura histórica que molda identidades, relações e instituições. Só assim será possível desenhar caminhos pedagógicos que valorizem a autonomia, o pensamento crítico e a construção de relações mais justas.

Palavras-chave
feminismo; formação humana; patriarcado.

Referências Bibliográficas

FEDERICI, Silvia. Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva. São Paulo: tradução do coletivo Sycorax. Disponível em: https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wpcontent/uploads/sites/1073/2023/05/Silvia-Federici-Caliba-e-a-bruxa-Mulheres-corpo-e acumulacao-primitiva.pdf

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CIÊNCIA E ARTE: ESPINOSA E O CUIDADO COM O CORPO DA CRIANÇA

Fernando Bonadia de Oliveira
Universidade Estadual de Campinas

No prefácio da parte V da Ética, Espinosa (2015) distingue o que cabe à Medicina e o que é tarefa da Lógica: a primeira descreve a "arte" de cuidar do corpo para fazê-lo cumprir de forma correta o seu papel; a segunda descreve a "via" por meio da qual o intelecto pode se tornar mais perfeito, isto é, mais potente.

No proêmio do Tratado da Emenda do Intelecto, escrito e deixado inacabado cerca de quinze anos antes da Ética, Espinosa (2023) enumera, entre outros, dois "meios" que nos conduziriam ao "sumo bem" ao qual seu trabalho aspirava: a Doutrina da Educação das crianças e a Medicina. A doutrina da educação aparece logo depois da Filosofia Moral e imediatamente antes da Medicina. O autor indicou em nota que não atentava "à série" das "ciências" enumeradas, e não reservou àquele momento da exposição espaço para pensar o encadeamento lógico entre elas.

De volta para a Ética, lemos no capítulo 9 do apêndice da parte IV que quem educa outras pessoas para que vivam sob o império próprio da razão, demonstra "engenho e arte" (Espinosa, 2015).

Nos escritos políticos do filósofo, encontramos a expressão "ciências e artes" incidindo em contexto educacional. No Tratado Teológico-Político, capítulo XX, Espinosa (2003) observa que a "liberdade de pensamento" é considerada "absolutamente necessária para a promoção das ciências e das artes"; no Tratado Político, capítulo VIII, ele manifesta a posição segundo a qual "tanto as ciências quanto artes serão otimamente cultivadas se for concedida, a quem quer que peça, autorização para ensinar publicamente" (Espinosa, 2009).

O objetivo desta comunicação consiste, em primeiro lugar, em evidenciar que, na obra espinosana, Educação e Medicina têm um duplo estatuto: são ciências (conjunto de saberes sobre uma determinada matéria) e artes (conjunto de técnicas por meio das quais se alcança um determinado fim). Em segundo lugar, pretende mostrar que, no espinosismo, a Educação é uma ciência e uma arte especiais, pois sua finalidade é justamente o cultivo das ciências e das artes. Finalmente, procura revelar como Medicina e Educação podem contribuir para aquilo que o filósofo aponta no escólio da proposição

39 da parte V da Ética como o esforço a que devemos nos dedicar “antes de tudo nessa vida”: transformar “o corpo da infância”, “maximamente depende das causas exteriores” e, portanto, apto a poucas coisas, em um “outro corpo”, que seja, enfim, “apto a muitíssimas coisas” (Espinosa, 2015).

Palavras-chave
medicina, doutrina da educação, Espinosa, corpo da criança.

Referências Bibliográficas

ESPINOSA, Bento. Tratado Teológico-Político. Introdução, tradução e notas: Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ESPINOSA, Bento. Tratado Político. Introdução, tradução e notas: Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ESPINOSA, Bento. Ética demonstrada em ordem geométrica. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos. São Paulo: Edusp, 2015.

ESPINOSA, Bento. Tratado da Emenda do Intelecto. Tradução: Samuel Thimounier Ferreira. Campinas: Editora da Unicamp, 2023.

REZENDE, Cristiano. A doutrina da educação das crianças no Tratado da Emenda do Intelecto de Espinosa. Filosofia e Educação, Campinas, n. 5., p. 52-110, 2013.

O DISCURSO POLÍTICO DO CORPO EM EXPERIÊNCIAS FILOSÓFICAS COM CRIANÇAS

Daniel Gaivota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Maria Júlia Abranches
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Allan Silva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho se desenvolve no contexto do projeto de pesquisa A vida política de uma criança filósofa-educadora (Edital FAPERJ Nº 22/2024). A pesquisa explora a intrincada relação entre filosofia, infância e educação, abordando a infância como um conceito elusivo que resiste a definições normativas (Mayall, 2002). Nesse cenário, tenta buscar caminhos para tornar presentes epistemologias e autorias infantis nos campos dos Estudos das Infâncias. O projeto promove encontros com turmas do CIEP Municipalizado Profª Gladys Teixeira, no município de São João da Barra.

O diálogo é mediado por práticas de investigação filosófica com crianças, a partir da proposta de Lipman (1990) e Sharp (1999). A produção de saber se funda em metodologias cartográficas (Passos, Kastrup, Escóssia, 2014) e crípticas (Gaivota, 2024), ou seja, que não se baseiam na coleta de dados em forma de evidências, mas no acompanhamento de processos e na observação de aspectos não visíveis e não quantificáveis da infância, desafiando epistemologias centradas nos adultos. Assim, o material de análise consiste em registros de fenômenos geralmente despercebidos: as condições dos corpos nas atividades, as crianças que vivenciam a experiência fora da roda de conversa, o (des)controle dos corpos. Nesses casos, os movimentos inquietantes do corpo escapam às regras, definições e convenções.

Com as crianças, em suas recusas às nossas propostas, percebemos esse elemento político que se sobressai da experiência comum: o corpo atua como campo de resistência e expressa, na práxis, o que a linguagem falada não comporta. Há uma dimensão filosófica no movimento, na risada e no olhar que cria novos novos sentidos para a experiência. Aquilo que buscamos a partir de uma forma adultamente estruturada muitas vezes parece embarreirar os afetos emergentes; parece então que se torna mais interessante para as crianças buscar com o corpo as disputas pelos sentidos daquele campo coletivo. Ou seja, nesse contexto, é o corpo que se configura como pensamento filosófico e político.

Para o projeto de pesquisa, isso assume importantes desdobramentos políticos: parece enfim haver campos reais de diálogo igualitário com

as crianças na escola, mas é preciso aprender essas linguagens emergentes para construí-lo. Ou: é preciso educar os nossos próprios corpos para habitar esse diálogo honestamente, mais do que habitá-lo "corretamente". E se pudermos ensaiar uma territorialidade em que o movimento do corpo seja pensamento em ação, a ação pedagógica parece residir na honestidade com a qual nos colocamos corpo a corpo com essas infâncias.

Palavras-chave
corpo, linguagem, resistência, filosofia com crianças, epistemologias infantis.

Referências Bibliográficas

MAYALL, Berry. Towards a sociology for childhood. Thinking from children's lives. Buckingham: Open University Press, 2002.

LIPMAN, Matthew. A filosofia vai á escola, São Paulo: Summus, 1990.

SPLITTER, L; SHARP, A. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

23 . setembro . 2026 **sala 4 - ed05**

Eixo Temático: estética e arte



PERAMBULAÇÕES DO CORPO CRIADOR: CAMINHAGENS, ANDARILHAGENS

Barbara dos Santos
Universidade Estadual Paulista

Este trabalho tem como objetivo compartilhar, preliminarmente, algumas reflexões do projeto de pesquisa do PPGE Educação, financiado pela CAPES desde outubro de 2025, acerca de um recorte da metodologia de pesquisa em arte-educação, que atua na linha de pesquisa em poéticas visuais e processos de criação. Visa apresentar ao leitor a caminhada como método para o trabalho com as visualidades e materialidades na escola, por meio do Ensino de Arte e outras configurações de docências em educações outras.

A caminhada tem sido investigada na arte-educação, sobretudo a partir dos percursos dos poetas, da sina dos viajantes e dos deslocamentos para/com/do outro. Nesse sentido, em um dos recorte da pesquisa, o presente trabalho pretende elucidar os estados do corpo criador, por meio de caminhagens, andarilhagens, errâncias, fluxos e tensões sobre aquilo que reverbera como resquícios de presença. Cartografar encontros, fissurar o conhecido, riscar o indivisível, saltar para o indesajado... um corpo que caminha, andarilha pelo (des)conhecido, coleta imagens, sentimentos, sensações, dobras para o cotidiano. As trajetórias e os caminhos que se percorrem são dados a passos físicos, como pegadas no mar, que deixam rastros e vestígios, mas também se desdobram em linhas de errância, linhas de fuga, linhas sonoras, olfativas, gustativas, com elementos de sinestesia e polifonia sobre corpos em transbordamento. Ao investigar a caminhada no processo de criação coletiva, uma das faces de pesquisa é compreender como a dramaturgia docente atua neste âmbito, ou seja, como é percebido os estados do corpo criador, que opera numa continuidade de fabulações, numa linguagem que antecede ao próprio gesto mínimo. Dessa forma, o percurso mobiliza dizeres e fazeres sobre a constituição das materialidades e das visualidades que operam no Ensino de Arte, que partilha outras composições, num movimento espiralar, coletivo, generoso sobre planos de imanência. Portanto, ao propor um olhar atento sobre a caminhada enquanto processo de investigação de uma pesquisa em Arte-Educação, num escopo mais pontual do processo, compreende também diferentes facetas, nuances e sutilezas do corpo criador em estado de criação coletiva. E como numa grande dança circular, os corpos se atravessam por uma grande ideal em comum, numa

tentativa de grafar um outro (novo/velho) contemporâneo. O corpo criador atua como um poeta-menino, ou Manoel de Barros (1916-2014), ao perceber que o banal, cotidiano, simples se complexifica quando percebemos as ruínas, os vazios, as fissuras, quebra... percebemos como fluir um rio.

Palavras-chave
dramaturgia docente, fabulação, materialidades, poéticas visuais, processos de criação.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? São Paulo: 34, 1992. DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. São Paulo: 34, 2017.

PEREC, Georges. Espécies de espaços. São Paulo: 34, 2025. RANCIÈRE, Jacques. Políticas de escrita. São Paulo: 34, 1995.

PENSAMENTO ENCARNADO: TEATRO, CORPOREIDADE E PEDAGOGIA DO SENSÍVEL NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Tiago Teixeira Vieira
Universidade de Brasília

A modernidade ocidental consolidou uma cisão ontológica entre razão abstrata e corporeidade, relegando o corpo à condição de extensão cartesiana. Essa fratura epistemológica atravessa as instituições escolares, que historicamente silenciam o corpo como sujeito legítimo da aprendizagem. A pandemia de Covid-19 intensificou esse processo: os corpos foram aprisionados em janelas digitais, distanciados da experiência sensível do encontro. No ensino médio integrado técnico, que é um espaço de tensão entre formação humana e racionalidade técnico-produtivista, essa cisão se manifesta com agudeza. Esta pesquisa interroga: como o teatro pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais nos estudantes do ensino médio, considerando a experiência vivida durante a criação e apresentação de uma peça teatral?

A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty constitui o eixo teórico central: o corpo não é objeto entre objetos, mas "conjunto de significações vividas", consciência encarnada onde o pensamento se realiza e se transforma. Michel Henry radicaliza essa perspectiva ao afirmar o corpo como corpo subjetivo, sede da auto-afetação, experiência sentida que precede toda objetivação. Michel Foucault oferece ferramentas críticas para pensar a escola como dispositivo de produção de corpos dóceis. Howard Gardner reconhece a inteligência corporal-cinestésica como forma legítima de conhecimento.

A pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica foi realizada com a turma POINT 1A do Ifes Campus Cariacica (39 estudantes, 15-16 anos, curso técnico em Portos). A sequência didática estruturou-se em quatro blocos: sensibilidade e descondicionamento; jogos de percepção e empatia; linguagem simbólica e expressão corporal; rodas de conversa. A culminância foi a apresentação da peça "A Caixa de Pandora" no FestSevida (16/06/2025). A análise revelou oito categorias empíricas: empatia e alteridade, autoconhecimento, expressão corporal, improvisação e criatividade, pertencimento e protagonismo coletivo, regulação emocional, percepção estética, presença e escuta consciente.

O teatro opera como pedagogia do sensível, uma abordagem que reconhece o corpo como sujeito do saber, integrando razão e

sensibilidade, pensamento e afeto, gesto e consciência. O conceito autoral de pensamento encarnado articula essas dimensões, demonstrando que o conhecimento também é expressão encarnada, emergindo da vivência e da relação com o outro. Diante da hegemonia das inteligências artificiais, o corpo em evidência emerge como projeto formativo urgente. A pedagogia do sensível, ao restituir ao corpo sua dignidade epistemológica, oferece contribuição decisiva para uma formação humana integral, em diálogo crítico com a BNCC.

Palavras-chave
pensamento encarnado, pedagogia do sensível, corpo percebido, teatro-educação, fenomenologia.

Referências Bibliográficas

BOAL, A. Jogos para Atores e Não-Atores. São Paulo: Edições Sesc, 2015. FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GARDNER, H. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995.

HENRY, M. Filosofia e Fenomenologia do Corpo. Trad. Luís Manuel Bernardo. São Paulo: É Realizações, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

INTERLÚDIOS NA PAISAGEM: COREO(ESCRITAS) DA IMAGEM

Barbara dos Santos
Universidade Estadual Paulista

Este trabalho tem o objetivo de apresentar ao leitor algumas experimentações com fotografia e linguagem escrita, a partir do trabalho de campo intitulado "campografias visuais", como trabalho de conclusão da especialização em Educação do campo, ofertado pela UFSCar, realizado em Limeira (SP) no 1º semestre de 2023. Visa compartilhar algumas provocações acerca da ideia da fotografia, a partir da paisagem do campo, na consonância com a compreensão de uma (outra) coreografia ou coreo(escrita) da imagem. Dessa forma, ao pensar na trajetória do corpo que caminha no espaço, observamos que uma câmera está pendurada ao corpo olhando tudo que está embaixo do olhar atento. Num pequeno gesto delicado, a câmera se posiciona para o caminho da paisagem, criando intervalos, pausas, silêncios, reticências, continuidade [...] produzindo interlúdios de uma paisagem delirante, movediça, criativa, pujante. As imagens são capturadas pelo obturador que mostra o pequeno retângulo delicado; gravetos, galhos de árvore, folhagem seca, pedrinhas, água a deslizar-se pelo orvalho que se instaura no campo. As fotografias são produzidas como um grande diário de coleta de instantes em circularidade, na qual as imagens produzem movimentos, coreografia, numa sintonia de uma grande dança. Linhas, lampejos, fragmentos, esconderijo, passagem [...] O tempo compõe um grande inventário de pequenos instantes congelados, numa educação que é ambiental, que se prolonga para um olhar atento, curioso sobre as pequenas insignificâncias da vida. Portanto, ao produzir um ensaio visual que fissura a paisagem, (ar)risca o fragmento, tira as coisas do lugar, produz errâncias num caminho de linha de fuga, territoriza outras correntezas no devir-pesquisa-delirante. As fotografias produzidas num pequeno retângulo são parte da extensão de um olhar que procura coisas, que percebe vestígios, num caminho de retirante. A aposta de uma pesquisa que atua na educação ambiental, num certo sentido, fissura e (re)cria um outro discurso verde, no sentido de potencializar as ruínas, os escombros, aquilo que está obscuro numa paisagem que se apresenta espiralar. De outro modo, a produção de imagens produz errâncias no corpo que escapa da superfície, que transcende o movimento da palavra, que cria continuidades, rupturas, que percebe os vestígios de passagem nos contornos de uma paisagem em flutuação.

Palavras-chave
coreografia visual, educação ambiental, fotografia, poéticas visuais, processos de criação

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. A câmera clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

DELEUZE, Gilles. A imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FLUSSER, Vilém. A filosofia da caixa preta. São Paulo: Annablume, 2011.

FLUSSER, Vilém. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARTE EDUCAÇÃO COMO ACONTECIMENTO DA DIFERENÇA: ESTÉTICA, CORPO E FORMAÇÃO SENSÍVEL

Maiquel Cristian Reichert
Universidade de São Paulo

Esta pesquisa de doutorado evidencia um problema central na arte educação: a captura da arte pelo paradigma da representação. A arte na escola não pode ser meramente um dispositivo formativo; ela constitui uma linha de fuga para criar sentido e acontecimentos. O regime da representação, de herança platônica, delimita o que pode e o que não pode ser arte em contextos educativos. Em nossa proposição, a arte educação é a composição de elementos heterogêneos e singulares que não se harmonizam, mas se tensionam em encontro disruptivo entre corpos. Dessa forma, o eixo (IV) Estética e arte mobiliza-se como campo do encontro sensível entre corpos em processos formativos, reconhecendo a formação sensível como parte integrante da formação humana.

Nossa abordagem conceitual opera por meio do plano de imanência da filosofia da diferença de Deleuze e Guattari. Aqui reterritorializamos a escola como campo do encontro sensível entre corpos heterogêneos, que mobilizam um tipo de pensamento estético, como signo violento formulado por Deleuze, e como micropolítica dos afectos com Rolnik e Guattari. A arte, nesse contexto, não é um dispositivo de recognição/representação, mas uma revolução molecular produzindo novos rearranjos de sentido, atualizando virtualidades no real. Assim, essa pesquisa não se ocupou em propor metodologias de ensino para a arte na escola, mas em compor elementos que constituam a gênese de uma arte educação pelo pensamento da diferença.

Essa gênese de uma arte educação pelo pensamento da diferença se materializa na proposta de composição como forma de deslocamento sensível que não oblitera, mas que agrega formas diferenciais de currículo, conhecimento e professoralidade. Aqui o professor como performer "põe o currículo para dançar", como afirma Sandra Corazza, mobilizando uma dessedentarização da escola e uma revolução afetiva. A chave para atualizarmos a arte educação como campo de intensidades diferenciais é o acontecimento do sentido, que necessariamente emerge do encontro entre corpos heterogêneos que, como signos violentos, forçam o pensamento a criar.

Desse modo, esta pesquisa não apenas atualiza a arte educação como encontro sensível, mas a reposiciona como força transformadora capaz de converter a escola em um território de potência de agir, promovendo bons encontros que potencializam o modo de existir de estudantes e professores. Ao afirmar a estética como fundamento e não como acessório, o trabalho contribui para a Filosofia da Educação ao renovar posições historicamente fixadas e ao restituir ao corpo, à sensorialidade e à vivência seu lugar central nos processos formativos.

Palavras-chave
arte-educação, estética da diferença, formação sensível, micropolítica dos afectos, filosofia da educação.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é Filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed. 34, 2010.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. Deleuze e a Educação. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1996.

23 . setembro . 2026 **sala 5 - ed06**

Eixo Temático: estética e os corpos desviantes



ERA UMA VEZ... O MACHISMO ESTRUTURAL: O IMPACTO DOS CONTOS DE FADAS NA FORMAÇÃO SUBJETIVA DO FEMININO

Maria Eduarda Ribeiro Violato Fazoni
UniSALESIANO

A subjetividade feminina é moldada por referências sociais e contos de fadas, especialmente os das princesas da Disney, que definem padrões de beleza e comportamento: mulheres brancas, magras, jovens e cisgênero são idealizadas, enquanto corpos fora desse padrão são associados à vilania, marginalizando e perpetuando a violência simbólica sobre os corpos desviantes, estando fora da norma e relacionado à vilania. Assim, mulheres que não se encaixam nesses moldes têm sua feminilidade questionada. Os contos também relacionam amor à violência, perpetuando relações de poder desiguais e reforçando estruturas machistas, racistas e misóginas.

Ademais, essa narrativa culpa as mulheres, colocando-as umas contra as outras e distraindo do verdadeiro problema: a manutenção do poder masculino, que justifica a violência masculina como instinto, responsabilizando a vítima e isentando o agressor. Sob esse viés, os contos de fadas funcionam como uma ferramenta educacional de construção da subjetividade do sujeito e a narrativa da própria existência, forjada em elementos sociais e premissas confeccionadas e expostas pelas animações de forma simbólica introjetando o modo de ser padronizado, excluindo o ser como protagonista da sua própria história, tolhendo de sua própria singularidade, cessando mundos possíveis e excluindo quem foge dessa narrativa roteirizada, sendo um processo de desalteridade (Aun; Rodrigues, 2023).

Em uma sociedade que opera em um sistema patriarcal, capitalista, machista, misógino, racista e homofóbico, essa premissa pode ser compreendida pelos jogos de desejos e as formas de regimes políticos que são inscritos na carne subjetiva. Esses mecanismos sociais servem para delimitar as opções de escolhas que a mulher tem de expressar o seu feminino, ou seja, estabelece um padrão de feminilidade e tudo que foge a ele se torna uma existência desviante. Ademais, é por esse mesmo registro que é inserido o papel da mulher na sociedade, segundo o rosto do gênero e os desejos moldados por esse inconsciente colonial-cafetinístico, delegando a mulher o papel de submissa, inferior, cuidadora, objetificada sexualmente entre outros fatores, como aspectos ditos naturais do gênero (Rolnik, 2018).

As princesas da Disney são utilizadas no campo da educação como forma de aprendizagem das atitudes a serem seguidas, sendo apresentadas ao mundo infantil e no brincar as crianças reproduzem essas histórias como forma de constituir o seu mundo interno e conhecer o externo, o que acaba provocando impactos no processo de subjetivação e na perspectiva feminina havendo a dociliazação desse corpo como forma de controle do mesmo e perpetuando esses ensinamentos.

Palavras-chave
contos, machismo, subjetividade, princesas da Disney, docialização.

Referências Bibliográficas

AUN, Nicole; RODRIGUES, Alessandra. Histórias para quem dormir?: expondo os contos de fadas para despertar. São Paulo: Claraboia, 2023.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
HOOKS, Bell. Teoria feminista: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ROLNIK, Suely. Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N 1 edições, 2018.

DESAFIOS ESTÉTICOS-POLÍTICOS DA PRESENÇA DOS CORPOS DEFICIENTES NA ESCOLA

Pedro Angelo Pagni
Universidade Estadual Paulista

A presença dos corpos deficientes na escola pode ser compreendida tanto como um alerta constante para o desvio quanto como produtora de uma dissidência que, em aliança com outros corpos, traça devires insurgentes contra essa instituição e agencia, em seus atores, forças instituintes virtualmente capazes de transformá-la. É nesse horizonte que a presente pesquisa se insere, buscando cartografar esses traços, agenciamentos e pequenas transformações. Para tanto, acompanha os devires insurgentes desses corpos e os agenciamentos produzidos pelos modos como ocupam esse terreno, nele criam instalações artísticas e, por que não dizer, escavam trincheiras em direção às possíveis alianças políticas que se tecem no interior da instituição escolar.

Nesse percurso, analisa-se a literatura produzida por esses atores, em cujos corpos a deficiência se inscreve, entendida em sua amplitude, ao mesmo tempo em que se discutem as ferramentas que procuram qualificá-la – do modelo social à interseccionalidade, passando pelas teorias queer e crip – em diálogo com as filosofias da diferença. Busca-se, assim, oferecer ferramentas teóricas tanto às pesquisas sobre o tema quanto aos atores escolares que convivem com a presença dos corpos deficientes, oxigenando seus olhares por meio de um pensar que a apreende como problema filosófico e como acontecimento emergente de um terreno estético que tensiona o paradigma científico no qual, até então, se escorou a chamada educação inclusiva.

Apresentam-se, nesta ocasião, os resultados e as discussões parciais da primeira etapa da pesquisa, circunscritos à elaboração da deficiência como problema filosófico e, sobretudo, aos modos pelos quais os corpos em que ela se inscreve se apresentam, performam e se encontram com outros corpos na escola, delineando um campo estético a ser pensado filosoficamente pelos atores dessa instituição. Tanto o problema enunciado quanto a problematização proposta desafiam a filosofia da educação a deslocar-se, reconhecer seus próprios limites e habitar, de forma experimental, uma fronteira ainda pouco explorada – seja por suas próprias investigações, seja por outros campos da Educação.

Palavras-chave
corpos deficientes, presença, estética, educação inclusiva, filosofia da educação.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Discurso e verdade: seis conferências sobre a parrhesia (Berkeley: outubro a novembro de 1983). Prometeus: Filosofia em Revista, Natal: UFRN, ano 6, n. 13 – ed. esp., 2013.

GREINER, Christine; GODOY, Ana; MELLO, Fernanda. Corpos CRIP. São Paulo: N-1, 2023.

PAGNI, Pedro A. A deficiência como problema filosófico: o pensar "deficiente" e sua potência instituinte na instituição escolar . Kalagatos, Fortaleza, vol.21, n.3, 2024, eK24059, p. 01-20. [Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/13903. Acesso em: 7 maio, 2026]

PAGNI, Pedro A. Deficiência, interseccionalidade e suas inflexões teóricas: outras perspectivas para a pesquisa educacional e desafios à educação inclusiva: outras perspectivas para a pesquisa educacional e desafios à educação inclusiva. Roteiro, [S. l.], v. 49, p. e35462, 2024. DOI: 10.18593/r.v49.35462. Disponível em: https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/35462. Acesso em: 7 maio. 2026.

O EXCEDENTE UTÓPICO E SURREALISMO: O INCONSCIENTE COMO SUBVERSÃO À RAZÃO INSTRUMENTAL

Rebeca Molieri Barbosa
Universidade São Francisco

Allan da Silva Coelho
Universidade São Francisco

Esta reflexão é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, realizada junto ao PPGSS em Educação da Universidade São Francisco, na linha de pesquisa "Educação, Sociedade e Processos Formativos"; e tem como objetivo analisar a relação entre a estética e o conhecimento, mobilizando a perspectiva surrealista e a valorização do inconsciente como forma de contestar a razão instrumental, a partir de autores da América Latina.

Contrapondo a tradicional formação humana racional, propõe-se a valorização das expressões do inconsciente, sendo que uma destas expressões rebeldes à supremacia da razão instrumental se encontra em movimentos artísticos e sociais como o surrealismo, que busca "dar à revolução as forças da embriaguez" (Löwy, 2002, p. 45), rejeitando a lógica racional e a estética tradicional.

Ernst Bloch entendia que o surrealismo possuía um "excedente utópico", pois buscava transpor a crítica social-política para despertar o desejo (pulsão) por uma realidade transformada (Löwy, 2002). Via no surrealismo uma tentativa de revelar desejos e aspirações inconscientes, revelando um horizonte utópico de possibilidades transformadoras que poderiam inspirar a luta por sua concretização (como os sonhos diurnos). O diálogo entre Bloch e o surrealismo é possível na medida em que ele foi influência para muitos autores surrealistas, como é o caso de Guy Girard, surrealista francês (Löwy, 2021, p. 97).

É possível encontrar no movimento surrealista uma concepção estética que expressa a valorização do inconsciente para além de um ideal abstrato e teórico, possuindo dimensões práticas (relevantes à práxis libertadora), associado à sua corporeidade, que permitem ao sujeito transgredir as barreiras da razão instrumental através de seu inimigo direto: o não racional (ou o diversamente racional). Assim, a transgressão, gestada na materialidade do corpo como inconsciente que, ao tornar-se consciência antecipadora, possui dimensões práticas de transformação e subversão.

Esta reflexão convida a outras abordagens da Filosofia da Educação que pode ser encontrada em autores sensíveis a construção de

relações intersubjetivas baseadas na alteridade que, para Dussel (2000; Pansarelli, 2016), se refere a compreensão do Outro como Outro e não como um desdobramento de si próprio, permitindo o diálogo simétrico entre sujeitos assimétricos. Deste modo, a visão de "eu" e "tu", de Freire (1987), complementa ao problematizar a percepção do outro como "tu" sem reduzir o "eu" que existe naquele "tu" e, na coexistência de diferentes subjetividades, vislumbrar a esperança como fôlego para a construção de horizontes utópicos.

Palavras-chave
estética, surrealismo, alteridade, esperança.

Referências Bibliográficas

DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação: na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LÖWY, Michael. A estrela da manhã: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LÖWY, Michael. O Cometa incandescente: romantismo, surrealismo, subversão. São Paulo: 100 cabeças, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968 ed. 1987. 107pp.

PANSARELLI, Daniel. Alteridade e educação: um exercício a partir da práxis pedagógica da libertação. v. 7, n. https://dx.doi.org/10.7443/problemata.v7i3.32086. 3, p. 74-89, Disponível 2016. DOI: em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/32086.

MULTIPLICIDADE, CONCERTINIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE

Marcio Francisco Teixeira de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Inspirado em Espinosa, o trabalho discute os conceitos de MultipliCidade e concertinidade, articulando-os à formação docente. Parte-se da visão de que a cidade é formada por múltiplas vivências, por força das variadas maneiras que cada um tem de afetar e de ser afetado. Ela é território de convergências, mas também de desvios e conflitos. E a existência do múltiplo não impede que a diferença constitutiva de cada singularidade seja constantemente ameaçada.

Ao romper com modelos transcendentes e moralizadores, compreende-se aqui a formação humana como processo relacional, no qual a variação da potência de agir depende da multiplicidade dos encontros. Com o conceito de MultipliCidade discute-se a cidade como locus de experimentação do múltiplo, mesmo quando se imagina existir uma suposta "mesma" cidade. A diferença aparece como constitutiva das experiências urbanas e formativas, mas ela é alvo de um apagamento por meio de práticas de fixação violenta de valores e modos de vida. Ressaltar o múltiplo é uma estratégia ético-política para o exercício ativo da concertinidade.

O conceito de concertinidade remete à polissemia da concertina, instrumento musical vinculado à composição, mas também instrumento de proteção marcado pela contenção e pelo risco ofensivo da lâmina. Esse conceito expressa o caráter simultaneamente composicional e conflitivo das relações entre indivíduos e grupos. Se, em graus diversos, tais relações envolvem simultaneamente composição, tensão e risco, concertinar com a diferença significa negociar continuamente os limites entre preservação de si e abertura ao outro. Diante da diferença, corre-se o risco de experimentar relações frequentemente pontiagudas, violentas, em que cada singular busca exercer a própria potência, mas também é possível praticar uma arte concertinamente composicional para fazer concerto com outras singularidades desejantes.

A educação encontra na ideia espinosista de múltipla afetação uma fonte para refletir sobre a relação entre universidade e formação docente. Ao privilegiar a força do múltiplo, essa reflexão não separa a vida na cidade da vida na universidade, mas entende a própria

universidade como componente constituído e constitutivo da cidade, em mútua afetação. Quanto mais aberta ao múltiplo, mais a universidade poderá contribuir com uma formação que concertina com os desafios ético-políticos da contemporaneidade. Assim, ao articular os conceitos de MultipliCidade e de concertinidade à formação docente, o trabalho pretende refletir sobre uma formação de futuros docentes que não prescinde de suas experiências extra-acadêmicas, mas admite as composições, conflitos e variações da potência de agir vividas na cidade como circunstâncias formativas sempre presentes.

Palavras-chave
multiplicidade, concertinidade, formação docente, múltipla afetação, diferença e singularidade.

Referências Bibliográficas

BOGÉA, D., OLIVEIRA, M. Desejo, fantasia e currículo: das signifiXações à concertinidade. Revista Diálogo Educacional, 26(88), p. 553-568.

OLIVEIRA, F. Educação e servidão em Espinosa. Filosofia e Educação, v. 5, n.1, p. 210-233, abr./set. 2013.

OLIVEIRA, M. Os Modelos de formação desejados e a variação da potência de agir em Espinosa. Philósophos - Revista de Filosofia, Goiânia, v. 28, n. 2, 2023.

SÉVÉRAC, P. Renaître. Enfance et éducation à partir de Spinoza. Paris: Hermann Éditeurs, 2021. SPINOZA, B. Ética. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

EDUCAÇÃO BÁSICA, GÊNERO E SEXUALIDADE: UMA GENEALOGIA DAS DISPUTAS ENTORNO DOS CORPOS E SEUS USOS

Taís Barbosa Manenti
Universidade Estadual Paulista

O presente trabalho objetiva apresentar os resultados parciais de uma investigação em andamento a nível de mestrado acadêmico, na área da Educação, cujo objetivo geral reside em elaborar uma genealogia das disputas em torno do gênero e da sexualidade na educação básica brasileira no tempo presente, considerando, com especial ênfase, suas ressonâncias na prática docente entre os anos de 2015 e 2025.

O referencial teórico mobilizado para tanto abarca, majoritariamente, parte da produção teórica de Michel Foucault (2008; 2025), inscrita sob o eixo genealógico, em diálogo com parte da produção de Paul B. Preciado (2020; 2022). Tal referencial fundamenta a hipótese de que a instituição escolar não só pode ser considerada como inapta para proteger certos corpos de violências perpetradas em razão de gênero e sexualidade, como também parece ser parte integrante do problema na medida em que opera, frequentemente, com base em pressupostos normativos de gênero e sexualidade.

Sendo assim, buscamos compreender, à luz da analítica do poder foucaultiana, os processos de normalização empreendidos pela instituição escolar no tempo presente, sobretudo, no que diz respeito às dimensões de gênero e a sexualidade – compreendida, aqui, em termos de um dispositivo histórico de poder. Além disso, buscamos fundamentar o uso da genealogia enquanto percurso metodológico de nossa investigação dada a sua aptidão em evidenciar o corpo marcado pela história.

Neste percurso investigativo, ficou evidente, ainda, que o modo foucaultiano de conceber a sexualidade como algo produzido e não como fruto de uma suposta ordem natural, tal como os próprios sujeitos, ressoou em outros projetos teóricos que, a grosso modo, partiram do mesmo entendimento a respeito da sexualidade e do sujeito, sem, contudo, deixarem de reconhecer as limitações das formulações foucaultianas, direcionando seus esforços para ampliá-las (Miskolci, 2017). Nessa seara, encontra-se a produção de Paul B. Preciado que, por sua vez, contribuiu para aprofundarmos nosso diagnóstico acerca da letalidade proveniente do modus operandi da instituição escolar, bem como para ampliar as formulações acerca da sexualidade elaboradas por Foucault.

Palavras-chave
educação, gênero, sexualidade, Foucault, Preciado.

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Organização e seleção de textos de Paul Rabinow e Nikolas Rose. Tradução de Elisa Monteiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

MISKOLCI, Richard. Estranhando Foucault: uma releitura queer de História da Sexualidade 1. In: SPARGO, Tamsin. Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase – orientações pós-seculares. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 85-95.

PRECIADO, Paul B.. Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

PRECIADO, Paul B.. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

23 . setembro . 2026 **sala 6 - ed07**

Eixo Temático: estética e linguagens

ATLAS ALEGÓRICO TRANSPERIFÉRICO: A EDUCAÇÃO PELO ARQUIVO E A ESCRITA COMO TESTEMUNHO

Fabiano Ramos Torres
Universidade Federal de Minas Gerais

A comunicação propõe pensar a gambiarra - técnica popular de invenção, improviso e reparo - como manifestação de uma episteme periférica e como paradigma para a fundamentação e produção de um Atlas Alegórico transperiférico, concebido como um dispositivo que possibilita a experimentação de uma escrita favorável ao exercício do filosofar em periferias. O Atlas é compreendido como um dispositivo que opera por meio da montagem de alegorias, que procuramos aproximar da prática da gambiarra, problematizando, deste modo, os saberes institucionalizados e concebendo a escrita como testemunho dos saberes menores. Para tanto, problematizamos a escrita, as práticas e os enunciados sobre educação, filosofia e periferias, presentes num conjunto de crônicas e alegorias de nossa autoria onde são experimentados os limiares entre a escrita filosófica e a escrita literária, bem como o sujeito e a história constituídos nesta produção, o que abre margens para se discutir a dimensão ficcional da filosofia, do arquivo e da subjetividade. O conjunto de crônicas e alegorias intitulado "O fervo e a brisa" foi produzido ao longo dos 15 anos em que atuamos como docente da educação básica pública em contextos periféricos. Esse material foi pensado como dispositivo para o ensino de Filosofia, articulando linguagem, dialetos, temas e acontecimentos periféricos ao arcabouço teóric da filosofia. A montagem é um procedimento comum ao atlas, à alegoria, à gambiarra e ao arquivo pessoal, funcionando como um operador prático e conceitual. Assim, o Atlas Alegórico Transperiférico é concebido como experimento de transcriação alegórica do arquivo no qual tomamos como aporte teórico autores como Aby Warburg, Didi Huberman, Walter Benjamin, Giorgio Agamben, Oswald de Andrade, Sandra Corazza, Roland Barthes, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Este referencial teórico favorece pensar a escrita filosófica em termos de um paradigma estético e essa opção se justifica mediante a necessidade de filosofar e ensinar a filosofar em contextos periféricos, exercício e experimentação que exige aguçar a sensibilidade para situações concretas e materiais. A referência a Oswald de Andrade remete ao conceito de antropofagia, que é também um conceito operante no exercício de produção do Atlas, uma vez que se trata, no exercício de montagem de alegorias, de devorar, elaborar e regurgitar os autores

por nós aventados. Tudo isso faz do Atlas alegórico Transperiférico uma espécie de gambiarra epistêmica onde experimentamos devires periféricos da filosofia, bem como devires-filosóficos da periferia.

Palavras-chave
montagem, gambiarra, atlas, alegoria, periferia.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2012. BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Editora Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CORAZZA, Sandra M. Artistagens. Filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIDI-HUBERMAM, George. A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

BOUFLEUR, Rodrigo Naumann. Fundamentos da Gambiarra: A Improvisação Utilitária Contemporânea e seu Contexto Socioeconômico. 2013. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

LÉGUAS DE INSENSATAS CACOFONIAS: MODELOS DE LINGUAGEM COMO O OPOSTO DA ESCRITA FILOSÓFICA

Heitor Coelho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O advento dos Grandes Modelos de Linguagem (Large Language Models, ou LLMs), em especial a partir da terceira versão do GPT da OpenAI, em 2023, além de marcar um aumento exponencial na produção de lixo digital e do acesso a tecnologias de ponta em falsidade intelectual, deu um passo largo no que podemos chamar de "automação" da atividade educacional. Temos assistido, desde então, discentes, docentes e instituições delegarem suas atividades a esses softwares em ritmo acelerado, como se eles pudessem de alguma forma "solucionar" a educação.

Se é verdade que tal tendência precisa ser resistida, é mais ainda que precisa ser compreendida, e há diversas formas válidas de tentar fazê-lo. Para a presente apresentação o que se propõe é contrapôr, à concepção reducionista da linguagem que os LLMs (ou, ao menos, seus mercadores e apólogos) parecem pressupor, uma outra, ancorada na atividade do pensamento.

Na medida em que se constituem como "próteses robóticas de cognição turbo estatística", "papagaios estocásticos" (Bender et alii) que operam por combinação e recombinação de massas imensas de dados, estes softwares passam ao largo da atribuição de sentido que caracteriza a leitura e a escrita humanas; não deixam de ser uma variação da "Biblioteca de Babel", de Borges, com suas "léguas de insensatas cacofonias", tão distantes da linguagem humana – esta que se estrutura, não a partir de correlação probabilística, mas do sentido.

Ora, é precisamente do sentido, do significado, que o pensamento se ocupa (Arendt); esse sentido nunca é simplesmente abstrato, surgindo, antes, de um contexto sócio-histórico, de uma cultura produzida por seres vivos dotados dos corpos que os LLMs não podem ter. Por outro lado, o non-sense desses softwares parece corresponder a uma falta de sentido que assola a própria sociedade e, mais especificamente, as instituições educacionais e de pesquisa, que parecem cada vez mais voltadas a regurgitar um suposto desempenho sob a forma de números, sem nenhum propósito encarnado.

Palavras-chave
modelos de linguagem, linguagem, pensamento, Arendt, Borges.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHELL, Shmargaret. "On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big?", em: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FaccT '21). Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, 610–623. https://doi.org/10.1145/3442188.3445922.

BORGES, Jorge Luis. "A Biblioteca de Babel". Em: BORGES, J. L. Ficções. São Paulo: Globo, 2001.

DOCTOROW, Cory. "Goodhart's Law (of AI)", em: Pluralistic. 11/08/2025. Disponível em: https://pluralistic.net/2025/08/11/five-paragraph-essay/. Último acesso: 14/05/2026.

FJELLAND, Ragnar. "Why general artificial intelligence will not be realized". Humanit Soc Sci Commun 7, 10 (2020). https://doi.org/10.1057/s41599-020-0494-4

LINGUAGENS DIGITAIS, FORMAÇÃO CRÍTICA E HUMANA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO TEACHER MORNING MORNING NAS REDES SOCIAIS

Ana Paola Matiasso Cruz
Universidade Nove de Julho

Esta comunicação propõe uma reflexão filosófico-educacional sobre o projeto Teacher Morning Morning, desenvolvido em plataformas digitais, como Instagram e TikTok, como espaço de circulação de linguagens, socialização de práticas escolares, valorização das produções discentes e compartilhamento de conteúdos complementares de Língua Inglesa e Língua Portuguesa. A iniciativa, originada no contexto da pandemia de Covid-19, período em que as tecnologias digitais intensificaram a mediação dos vínculos pedagógicos, afetivos e comunicacionais entre docente, estudantes, escola e comunidade, consolidou-se como experiência formativa atravessada pela presença pedagógica, pelo acolhimento e pela construção de pertencimento. A expressão morning, morning, associada à saudação cotidiana em sala de aula, converteu-se em marca identitária do projeto e em signo de aproximação, escuta e incentivo à aprendizagem. O objetivo desta comunicação é apresentar de que modo as redes sociais educacionais podem configurar-se como experiências estéticas, discursivas e formativas, ao articularem língua, imagem, voz, corpo, sensibilidade, autoria e participação estudantil. Em diálogo com a temática geral do Congresso, o corpo é compreendido em sua dimensão física, simbólica, sensível e comunicacional, manifestando-se como presença, gesto, voz, imagem, afetividade e expressão mediada pelas linguagens digitais. Nesse espaço, são socializadas produções estudantis, registros de práticas pedagógicas, projetos escolares, experiências de aprendizagem ativa e materiais de apoio aos estudos. Entre as ações divulgadas, destaca-se o projeto Cursinho Comunitário, elaborado por estudantes com o propósito de auxiliar outros jovens do Ensino Médio na preparação para vestibulares, contemplando redação, interpretação textual, aspectos gramaticais e línguas estrangeiras. Nessa perspectiva, as linguagens digitais são compreendidas como práticas expressivas, socioculturais e formativas, cuja potência ultrapassa a dimensão instrumental, ao mobilizarem texto, imagem, vídeo, áudio, legenda e interação, ampliando modos de presença, participação e produção de sentidos no contexto educativo. A discussão dialoga com inquietações da pesquisa de mestrado em andamento da autora, intitulada O impacto do letramento crítico na prática docente: contribuições para a

formação dos professores de inglês do Ensino Médio nas Escolas Técnicas Estaduais (Etecs). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza narrativa e interpretativa, fundamentada em uma perspectiva filosófico-educacional e ancorada em estudos sobre formação humana, educação dialógica, formação crítica, estética e linguagens digitais. Sob essa perspectiva, o projeto Teacher Morning Morning evidencia-se como prática de reinvenção docente e resistência pedagógica, ao transformar a linguagem digital em território de acolhimento, expressão, protagonismo estudantil e formação crítica.

Palavras-chave
linguagens digitais; estética; formação humana; pensamento crítico; ensino de línguas.

Referências bibliográficas

DUBOC, Ana Paula Martinez. Atitude curricular: letramentos críticos nas brechas da formação de professores de inglês. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, sujeito e história. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

REFLEXÕES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS DIGITAIS A PARTIR DO REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA HERMENÊUTICA OBJETIVA

Ana Paula dos Santos de Sá
Universidade Federal de São Carlos

Luiz Roberto Gomes
Universidade Federal de São Carlos

Inserida no eixo temático Estética e Linguagens, esta comunicação visa compartilhar reflexões e resultados obtidos em um projeto de pós-doutorado financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo nº 2021/15222-5), que teve como um de seus objetivos dar continuidade à aproximação do aporte teórico-epistemológico da Hermenêutica Objetiva (Oevermann, 1986) aos estudos sobre livros didáticos (Sá & Gomes, 2024).

A partir de análises fundamentadas no método da Hermenêutica Objetiva, e realizadas em conjunto com equipe multidisciplinar do grupo "Teoria Crítica e Formação Ético-política" (UFSCar/CNPq), interessa-nos explorar as seguintes questões: (i) Digitalizar a educação, em geral, e os materiais didáticos, em particular, atribui novas materialidades à linguagem escolar e, por conseguinte, proporciona novas experiências estéticas em sala de aula?; (ii) De que forma e em que medida o método da Hermenêutica Objetiva, por meio do diálogo que estabelece com a Dialética Negativa de Adorno (Adorno, 2009), pode contribuir para a compreensão crítica de recursos digitais em educação de diferentes disciplinas?

O corpus foi composto por um manual escolar do componente de Português voltado ao oitavo ano e adotado em Portugal, escolha decorrente de um estágio de pesquisa no exterior (BEPE-PD - Processo nº 2024/21649-0) que permitiu selecionar exemplares estrangeiros com maior diversidade interativa quando comparados aos materiais digitais de edições recentes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Para a discussão desses dados, recorremos, entre outros, a referenciais que tratam das relações entre imagem e memória (Seligmann-Silva, 2006) e a estudos que articulam os atuais efeitos pedagógicos da cultura digital a conceitos-chave da Teoria Crítica (Polachini, 2026).

Os resultados parciais do projeto a que esta comunicação se refere apontam que, embora a multimodalidade e a interatividade características de materiais didáticos digitais imponham desafios metodológicos ao uso da Hermenêutica Objetiva em estudos da área (e. g. configuração dos protocolos; disponibilização prévia dos protocolos à equipe de análise; definição de critérios de

sequencialidade), os efeitos dessa aparente expansão e diversificação da materialidade textual trazida por recursos tecnológicos são menores no que tange a seus possíveis contributos à ampliação da experiência estética dos estudantes. Nota-se que a adição de vídeos, áudios ou de mecanismos interativos não é muitas vezes acompanhada de uma mediação didático-pedagógica atenta à dimensão estética desses recursos, enfraquecendo o potencial de formação para a autonomia e sensibilidade no contato com linguagens usualmente ausentes em livros didáticos impressos.

Palavras-chave
educação digital, estética, hermenêutica objetiva, livro didático.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Dialética negativa. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. OEVERMANN, Ulrich. Kontroverse über sinnverstehende Soziologie. Einige wiederkerende Problema und Missverständnisse in der Rezeption der "objektiven Hemeneutik". In: Aufenanger und Lensen (HG). Handlung und sinnstruktur. Bedeutung und Anwendung der objektiven Hemeneutik. München: Kindt Verlag, 1986. p. 14-29.

POLACHINI, Helen Mariano. DAS ERLEBNIS: a vivência do choque na cultura digital e o esfacelamento da memória. In: Caderno de Anais XII Congresso Internacional de Teoria Crítica, 2025, São Carlos - SP. Caderno de Anais XII Congresso Internacional de Teoria Crítica: Inteligência Artificial, Neofascismo e os Desafios da formação / Organização Juranildo Alves de Carvalho Junior – 1 ed. – São Carlos, 2026, p. 220-232. Disponível em: https://www.teoriacriticaeducacao.ufscar.br/in%C3%ADcio#h.jgi9mgd1ms8b Acesso em: 29 abr. 2026.

SÁ, Ana Paula dos Santos de; GOMES, Luiz Roberto. Uso da Hermenêutica Objetiva em pesquisas sobre livros didáticos. Educar Em Revista, 40, e90361, 2024. https://doi.org/10.1590/1984-0411.90361

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens. Remate de males, v. 26, n. 1, p. 31-45, 2006.

TECNOLOGIAS DIGITAIS E LIBRAS: ESTÉTICA, CORPO E EXPERIÊNCIA SENSÍVEL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Liliane Cotta Pereira Lima
Universidade Federal de Goiás

Daniel Christino
Universidade Federal de Goiás

Claudio José de Souza
Universidade Federal de Goiás

As transformações tecnológicas contemporâneas têm provocado mudanças significativas nas formas de comunicação, interação e produção do conhecimento, impactando diretamente os processos educacionais e as práticas de inclusão. No contexto da educação de surdos, as tecnologias digitais ampliam as possibilidades de circulação da Língua Brasileira de Sinais (Libras), favorecendo experiências comunicacionais mais acessíveis, interativas e visuais. Nesse cenário, a Libras ultrapassa sua função estritamente linguística e passa a ocupar um espaço de expressão estética, cultural e política, evidenciando o corpo como elemento central da linguagem e da formação humana.

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre as relações entre Libras, tecnologias digitais e experiências estéticas na educação contemporânea. A pesquisa possui caráter qualitativo e bibliográfico, fundamentando-se em estudos sobre educação inclusiva, cultura surda, linguagem e tecnologias da comunicação. Busca compreender de que maneira mídias interativas, plataformas digitais, inteligência artificial, recursos audiovisuais e ambientes virtuais de aprendizagem contribuem para novas formas de produção de sentidos, fortalecimento identitário e ampliação das práticas inclusivas voltadas à comunidade surda.

A Libras caracteriza-se como uma língua visuoespacial cuja materialidade linguística está diretamente associada ao corpo sinalizante. Expressões faciais, movimentos corporais, espacialidade e visualidade constituem elementos fundamentais para a construção da linguagem. Assim, a experiência estética da Libras não pode ser dissociada da corporeidade. As tecnologias digitais, ao ampliarem a circulação de vídeos, narrativas visuais e conteúdos em Libras, favorecem práticas pedagógicas mais sensíveis às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Entretanto, apesar dos avanços tecnológicos, ainda persistem desafios relacionados à acessibilidade digital, às limitações das ferramentas automatizadas de tradução em Libras e às desigualdades no acesso às tecnologias. Muitas plataformas

educacionais permanecem centradas em modelos oralizados e textuais, dificultando a plena participação de estudantes surdos nos processos educativos.

Conclui-se que a aproximação entre Libras, estética e tecnologias digitais contribui para o fortalecimento da educação inclusiva e para a valorização das experiências visuais e corporais da comunidade surda. Dessa forma, o estudo defende práticas educativas mais democráticas, acessíveis e sensíveis às diferenças, reconhecendo a Libras como linguagem estética, cultural e política no contexto contemporâneo.

Palavras-chave
libras; tecnologias digitais; educação inclusiva; estética; cultura surda.

Referências Bibliográficas

Bezerra, E. T.; Santos, M. A. Tecnologias assistivas para o ensino de Libras e inclusão educacional. Revista Foco, 2024. Disponível em: Revista Foco. Acesso em: 13 maio 2026.

Lima, L. C. Libras, letras e conexões digitais: práticas pedagógicas mediadas pelo WhatsApp. Revista Missioneira, 2024. Disponível em: Revista Missioneira URI. Acesso em: 13 maio 2026.

Silva, E. E. G. da. Tecnologias digitais no ensino de Libras: interfaces alternativas para ouvintes. Revista R15, 2025. Disponível em: Revista R15. Acesso em: 13 maio 2026.

Reis, M. L. R. P. Educação de surdos: perspectivas e desafios contemporâneos. Momento – Diálogos em Educação, 2025. Disponível em: Momento FURG. Acesso em: 13 maio 2026.

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Educação de surdos em perspectiva bilíngue. Rio de Janeiro: INES, 2023. Disponível em: INES Publicações. Acesso em: 13 maio 2026.

23 . setembro . 2026 **sala 7 - ed08**

Eixo Temático: estética e política

POR ONDE ANDA A VONTADE NA ESCOLA?

Amanda Jardim
Universidade Federal de São Carlos

“Não quer nada com nada”, “não tem interesse”, “não se esforça”. Não é incomum que frases como essas circulem no cotidiano escolar como modos de nomear e explicar o afastamento dos estudantes em relação às experiências pedagógicas formalizadas. Em meio a esses discursos, uma pergunta parece insistir: por onde anda a vontade na escola? Frequentemente, ela parece ser procurada no interior do próprio sujeito, como uma força capaz de sustentar o envolvimento dos estudantes em relação ao conhecimento. Nessa perspectiva, pensar e aprender tendem a ser vinculados à imagem de um sujeito concebido como uma interioridade soberana, capaz de decidir por pura força de vontade. No entanto, quando se desloca o olhar para o que ocorre nas brechas da experiência escolar, torna-se possível perceber que os estudantes aprendem, criam e se mobilizam intensamente em diversos encontros que escapam à organização formal da aula: nos corredores, nas conversas paralelas, nas brincadeiras. Então, por que essas intensidades parecem, muitas vezes, enfraquecer justamente quando o pensamento passa a ser pedagogicamente conduzido? É a partir dessa inquietação que este ensaio se aproxima da filosofia de Baruch Spinoza (2022) e das leituras produzidas por Gilles Deleuze (2017). Nesse percurso, coloca-se em questão uma compreensão de vontade frequentemente presente nos discursos escolares, associada à ideia de uma faculdade interior, livre e soberana. Em Spinoza, contudo, a vontade deixa de ser concebida como força individual capaz de determinar as ações por si mesma, passando a ser pensada no interior dos encontros entre os corpos. Com isso, razão, afeto e pensamento deixam de aparecer como instâncias separadas: pensar não se opõe aos afetos, mas emerge precisamente dos encontros que aumentam ou diminuem nossa potência de existir. Trata-se, portanto, de deslocar interpretações moralizantes da vontade para um campo ético e relacional, voltando a atenção não para a suposta ausência de vontade nos estudantes, mas para as condições que tornam certos modos de pensar, sentir e aprender possíveis no interior da experiência escolar. Desse modo, abre-se espaço para pensar a produção do pensamento menos como resultado de uma força interior do sujeito e mais como algo inseparável dos encontros que atravessam a vida escolar.

Palavras-chave
vontade, afeto, razão, pensamento, experiência escolar.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Espinosa e o problema da expressão. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

SPINOZA, Baruch. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

A FALTA DE TEMPO E O DESÂNIMO NA DOCÊNCIA

Juliana de Souza Damasceno
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho propõe uma reflexão a partir da experiência da autora no estágio supervisionado em educação fundamental I, em seu curso de graduação em pedagogia, juntamente com a colega Luanna Passos. O referido estágio foi realizado na rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, e o traço mais marcante observado ao longo dele foram a falta de tempo para o planejamento e o desânimo dos docentes.

Observamos os desafios presentes no exercício da docência uma pressão cada vez maior no sistema educacional, com o sistema engajado para o cumprimento de metas como métrica de rendimento e desempenho, acompanhando o modelo da psicopolítica neoliberal na educação, onde os professores se vêem responsáveis pelo " fracasso escolar". Frequentemente as cobranças produzidas pelo sistema educacional, e até mesmo pelos próprios docentes, têm desencadeado o adoecimento psíquico destes profissionais da educação. Refletimos sobre a falta da construção de uma escola crítica, ecológica, e sobre a falta de diálogo e de canais de escuta com estes profissionais, e de como a ausência de uma educação crítica vem prejudicando esses docentes e consequentemente a qualidade da educação pública.

Para o embasamento teórico serão utilizados Freire (1997), que nos convida a repensarmos nossas práticas como um ato de luta e resistência; Laval e Vergne (2023), que demonstram ser um erro esperar que as mudanças para a educação aconteçam de forma vertical, pensando em uma educação democrática e ecológica; e Han (2015), que reflete sobre os papéis presentes na sociedade, dentre eles, o papel da educação.

Palavras-chave
planejamento, docência, democracia, neoliberalismo, psicopolítica.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Professora, sim; Tia, não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. Editora Olho d´Água. 1997.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Trad. de Enio Paulo Giachini.

Petrópolis: Vozes, 2015.

LAVAL, Christian. VERGNE, Francis. Educação Democrática: a revolução escolar iminente. tradução de Fabio Creder. 1 ed. - Petrópolis, RJ. Vozes. 2023.

DA DISCIPLINA AO ALGORITMO: PLATAFORMIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO COMO ATUALIZAÇÃO DO DISPOSITIVO ESCOLAR

Sandra Aparecida Riscal
Universidade Federal de São Carlos

Tiago Teixeira Vieira
Universidade Federal de São Carlos

A pandemia de Covid-19 instaurou, na educação brasileira, uma transposição forçada da experiência escolar presencial para ambientes plataformizados. O retorno ao presencial, a partir de 2022, não significou, contudo, o abandono dessas tecnologias: a escola que reabriu suas portas é hoje uma escola atravessada por sistemas digitais, algoritmos, métricas automatizadas e, mais recentemente, por inteligência artificial aplicada a processos pedagógicos e avaliativos. Este trabalho, vinculado à pesquisa de doutorado em andamento, investiga em que medida tal plataformização constitui ruptura ou continuidade em relação ao dispositivo disciplinar descrito por Michel Foucault em Vigiar e Punir. A hipótese de investigação, ainda em construção, sustenta que a plataformização não rompe com a racionalidade disciplinar moderna, mas a atualiza por meio de outra economia de visibilidade, distribuição espacial e controle do tempo: a visibilidade deixa de ser panóptica e centralizada para se tornar distribuída, contínua e algorítmica; o corpo discente, antes adestrado pela presença e pela ordenação espacial da sala de aula, passa a ser modulado por mediações de tela, métricas comportamentais e arquiteturas técnicas que prescindem da copresença. Trata-se, portanto, de examinar a hipótese de que a jaula digital, formulação aqui proposta para nomear a atualização algorítmica da racionalização escolar, opera por captura mais sofisticada e menos visível que a disciplina clássica, justamente porque dispensa muros, vigias e corredores ao internalizar seus equivalentes no próprio dispositivo técnico. A pesquisa adota perspectiva genealógica de inspiração foucaultiana, articulada a contribuições do campo dos estudos críticos sobre plataformização (entre outros, Couldry, Mejias, Williamson e Selwyn), e mobiliza ainda a discussão fenomenológica sobre corporeidade discente desenvolvida em trabalho anterior do autor sobre experiência escolar pós-pandêmica. Pretende-se, com isso, contribuir para o debate filosófico-educacional sobre as implicações estético-políticas da plataformização para a formação humana, problematizando o modo como tais tecnologias afetam a sensibilidade, a presença corporal e a autonomia pedagógica de estudantes e docentes na escola pública brasileira contemporânea. O trabalho não busca formular condenação genérica das tecnologias digitais na

educação, mas demarcar as condições críticas sob as quais sua incorporação ao ambiente escolar pode preservar ou capturar a dimensão sensível e formativa do corpo discente.

Palavras-chave
filosofia da educação, plataformização, dispositivo disciplinar, corporeidade, jaula digital.

Referências Bibliográficas

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. The costs of connection. Stanford: Stanford University Press, 2019.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SELWYN, N. Should robots replace teachers? Cambridge: Polity Press, 2019. VIEIRA, T. T. Pensamento encarnado: a influência do teatro no desenvolvimento de habilidades socioemocionais de estudantes do ensino médio. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro), Universidade de Brasília, 2025.

WILLIAMSON, B. Big data in education. London: Sage, 2017.

O “GANHO” DE TEMPO COM A INTELIGÊNCIA ATIFICIAL E A TECNO-IMAGEM COMO SIGNO DO EMPOBRECIMENTO DA FORMAÇÃO ESTÉTICA

Luiz Roberto Gomes
Universidade Federal de São Carlos

O crescimento e desenvolvimento cada vez mais assustador da cultura digital, sob o fetiche da sofisticação das tecnologias digitais (Castells, 2019), em um mundo codificado (Flusser, 2017), com a falsa promessa de facilitação e melhoria da nossa condição de vida (Zuboff, 2020), suscita a necessidade de reflexão crítica sobre o impacto da utilização da Inteligência Artificial - IA (Bruno, 2022) nos processos de humanização. Que tipo de relação estética nós estabelecemos com a tecnologia, enquanto modo de produção social? Amparada pelos conceitos de experiência (Benjamin, 1987 e 1989) e de experiência formativa (Adorno, 1995 e 2010), a reflexão propõe uma análise das consequências do processo de renúncia da experiência na formação estética, em uma espécie de servidão voluntária, nos termos de La Boétie. Conforme Benjamin (1987 e 1989), a atrofia da experiência nos torna menos humanos, no sentido da necessária religação espaço-temporal que, nós como sujeitos, deveríamos estabelecer com a história e a cultura. As reflexões de Adorno na teoria da semiformação (2010) também são decisivas para entendermos, como humanos, a necessidade de superação inconformista das relações efêmeras que determinam a forma de desenvolvimento da cultura contemporânea. As nossas disposições subjetivas e coletivas se materializam na experiência, e essa é uma condição formativa e emancipatória fundamental, para as relações que podemos estabelecer com o passado e o futuro. Aderir automaticamente a IA, como forma de adaptação às inovações tecnológicas, significa entre outras coisas, renunciar aos processos de humanização e ao consequente empobrecimento estético da cultura.

Palavras-chave
inteligência artificial, experiência estética, tecno-imagem, formação ético-política, teoria crítica da sociedade.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. Teoria da semiformação. In PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio. A.S. & LASTÓRIA, L.A.C.B. (Orgs.) Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010. p.7-40.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza In Obras Escolhidas. Vol 1. Magia e Técnica, Arte

e Política. 3.ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.257;

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FLUSSER, Vilém. Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Ubu, 2017;

ZUBOFF, S. Big Other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHINO, M.; GUILHON, L.; MELGAÇO, L. (orgs). Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem. São Paulo, 2018. p.17-68.

DIMENSÃO FORMATIVA DA GESTÃO ESCOLAR: ÓCIO ESTUDIOSO E TEMPO LIVRE NA ARTE DE GOVERNAR

Luciana Maria Schmidt Rizzi
Universidade de Passo Fundo

O presente texto inscreve-se no contexto reflexivo sobre o papel fundamental que a gestão exerce no espaço escolar no mundo atual. Trata-se de problematizá-lo na direção de justificar o seu papel formativo, para além do papel burocrático e administrativo. Parte-se da hipótese de que a gestão escolar pode ser formativa, com espaços de estudo, pesquisa e reflexão e, acima de tudo, com espaço para pensar sobre a própria experiência, através de movimentos que fortaleçam os sujeitos ética e formativamente. Então, pergunta-se: como é possível em um mundo quase totalmente empresarial e administrado, dar um caráter formativo para a gestão, fortalecendo eticamente o gestor escolar, de modo a refletir no trabalho do professor e do aluno?

A justificativa para a proposição passa, neste ensaio, por três elementos. Primeiro, a inspiração de origem grega, na direção de imprimir uma singularidade à vida, de forma qualificável, pois apesar de dificuldades, ela - a vida - sempre pode ser aperfeiçoada ou modificada por uma decisão e uma vontade do sujeito, compreendida como uma arte de viver.

Segundo, porque não basta apenas que estejamos vivos ou que sejamos membros de uma população, nem de técnicas atualizadas para inclusão do indivíduo na sociedade, pois muitas vezes essas técnicas deixam de ser "arte da existência" e passam a ser "técnicas reguladoras ou de controle" do indivíduo. Terceiro, reforçamos o conceito de resistir, em seu sentido mais pleno, e que se encontra localizado na preparação das novas gerações, para o cultivo da democracia, na formação por meio da cultura, pela experiência formativa em meio ao mundo.

Na direção de propor uma compreensão formativa da gestão escolar a partir das noções de ócio estudioso e de tempo livre, o texto foi estruturado em três partes, tratando-se de um trabalho investigativo de cunho teórico, em uma postura hermenêutica. Na primeira parte, são apresentados aspectos constituintes do pensamento neoliberal e seus desdobramentos para a constituição das subjetividades contemporâneas, para a educação, para a escola e para a gestão escolar. Na segunda parte, são apresentadas as noções de tempo

livre e ócio estudioso e o modo como se tornam condições para a estruturação de uma dimensão formativa da gestão escolar, para além da dimensão burocrática e administrativa que a constitui sob a influência da perspectiva neoliberal. Nas considerações finais, são apresentados possíveis sentidos para a gestão escolar pensada em perspectiva ético-formativa.

Palavras-chave
gestão, educação, escola pública, formação.

Referências Bibliográficas

DALBOSCO, Cláudio Almir. Filosofia, escola e experimento formativo: a libertas como cultivo da soberba inflamada. In: GALLO, Silvio; MENDONÇA, Samuel. (Orgs.). A escola: uma questão pública. São Paulo: Parábola, 2020a.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sílvio (Orgs). Repensar a educação: 40 anos após vigiar e punir. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

MASSCHLEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A pedagogia, a democracia, a escola. Tradução Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

23 . setembro . 2026 **sala 8 - ed09**

Eixo Temático: estética e arte



POÉTICAS DO ENCONTRO: A POTÊNCIA TRANSFORMADORA DAS ARTES NA RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E CRIANÇAS NA ESCOLA PÚBLICA

Gláucia Sales Paez Fernandez
Universidade Estadual Paulista

As artes enquanto linguagem - que não se limita à representação do mundo, mas constitui uma forma singular de expressá-lo e recriá-lo - podem suscitar encontros que ampliem a potência de agir dos sujeitos e contribuam para transformações profundas nas escolas de educação infantil? Tendo por inspiração o pensamento de Deleuze, acredita-se que esses encontros são potências que escapam à linearidade e aos poderes estabelecidos, criando outros modos de existir e aprender.

A partir dessa perspectiva, a escola não se limita à função de transmitir palavras de ordem, mas se torna um território de acontecimento, um ambiente vivo de trocas significativas, afetos alegres e descobertas. Em diálogo com Paulo Freire, Anna Marie Holm e Michèle Petit compreende-se as artes como linguagem dialógica e libertadora, que possibilita a escuta sensível do outro e contribui para a formação de sujeitos críticos, implicados na construção de uma educação mais democrática e emancipadora. Através das experiências estéticas abre-se espaço para outras maneiras de ler e se relacionar com o mundo, promovendo conexões mais sensíveis e significativas, permitindo reencantar o cotidiano e devolver o sonho à realidade escolar.

O trabalho artístico na escola se configura como uma linguagem potente, capaz de ampliar a percepção e tornar visível o que, no dia a dia, poderia passar despercebido. É nesse contexto que ganha força o encontro de professoras e professores com as crianças que, como afirma Anna Marie Holm, “vivem em estado de arte”.

Esses encontros, marcados pela escuta, pelo afeto e pela presença, possibilitam que os adultos acessem suas memórias de infância. Como destaca Adriana Friedmann, ao nos conectarmos com as crianças pequenas e com suas formas singulares de estar no mundo, somos convidados a revisitar camadas profundas de nossa história, ativando lembranças, gestos e percepções que muitas vezes foram silenciados pelo tempo e pelas exigências da vida adulta. Trata-se de um processo de reconexão com uma linguagem que nos é familiar, mas que requer escuta atenta e disponibilidade interna para emergir.

O encontro pelas artes cria uma dobra na linearidade da rotina, interrompe o automatismo e abre espaço para a experiência — no sentido proposto por Jorge Larrosa — como aquilo que nos atravessa e nos transforma. Nesse deslocamento, emerge a possibilidade de uma reapropriação da própria vida. Viver as artes, nesse sentido, é também um gesto de resistência, de afirmação da sensibilidade e de escolha por uma vida tecida por afetos, alegrias e encantamentos.

Palavras-chave
experiência estética, educação infantil, escuta sensível, micropolíticas do cotidiano, estado de arte.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. vol 2. São Paulo: Ed.34, 1995, 128 p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 58 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025, 160 p.

FRIEDMANN, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2020, 198 p. HOLM, Anna. Baby-Art: os primeiros passos com a arte. São Paulo: MAM-SP, 2007, 94 p.

PETIT, Michèle. Somos animais poéticos: A arte, os livros e a beleza em tempos de crise. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 2024, 192 p.

GESTÃO DA SENSIBILIDADE E TERRITÓRIOS DE ALTERIDADE - A PINACOTECA ESCOLAR COMO EIXO DA FORMAÇÃO HUMANA

Ana Lúcia Nunes Urtado Silva
Universidade Nove de Julho

A tese tem como eixo central a formação humana, compreendida como um processo que orienta o sentido da educação escolar, pela mediação de uma vivência pedagógica viabilizada pela atividade pedagógica da Pinacoteca Escolar Convergente, instalada junto à Escola Estadual Prof. Luís Gonzaga de Carvalho Melo. Parte-se da ideia de gestão da sensibilidade como prática formativa, reconhecendo a escola como um território de alteridade. Nesse contexto, a pesquisa investiga de que modo a direção escolar pode fomentar a formação humana por meio da criação e gestão da Pinacoteca Escolar Convergente. Sustenta-se que a direção, ao instituir e cuidar de espaços de experiência estética, escuta e diálogo, exerce um papel mediador na humanização das relações escolares. A Pinacoteca Escolar Convergente configura-se como um território educativo que integra arte manual e arte digital, possibilitando a expressão subjetiva, o reconhecimento do outro e a construção de vínculos éticos e democráticos. A problemática que orienta o estudo questiona como a idealização e a implementação desse espaço, sob a liderança da direção escolar, contribui para a formação humana. O objetivo consiste em analisar de que forma a criação e a gestão da pinacoteca favorecem a formação humana e o fortalecimento da convivência democrática, ao mapear concepções de gestão, articular as dimensões ética e estética da arte e monitorar seus impactos na sensibilidade coletiva e nas relações interpessoais. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza filosófico-educacional, que permite acompanhar os movimentos, sentidos e transformações vivenciados no processo de constituição da pinacoteca. Os procedimentos metodológicos, vinculados à abordagem qualitativa de um estudo de caso, incluem análise documental de projetos pedagógicos e registros da gestão, entrevistas narrativas com gestores, professores e estudantes, participação durante a produção das obras e a manutenção de um diário de campo reflexivo. Para sua sustentação teórica, a pesquisa se utilizará de referenciais expressos pelas categorias de formação humana, de gestão da sensibilidade, de alteridade e de convivência democrática na escola, trabalhadas no campo da reflexão filosófico-educacional contemporânea. A hipótese defendida é que, ao gerir a

Pinacoteca Escolar Convergente, a direção escolar assume protagonismo na gestão da sensibilidade e na constituição de territórios de alteridade, nos quais a arte se afirma como mediação ética, estética e crítica da formação humana em movimento.

Palavras-chave
formação humana; gestão da sensibilidade; alteridade; pinacoteca escolar.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A condição humana. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A busca do sentido na formação humana: tarefa da filosofia da educação. Educação e Pesquisa, v,32, n.3, 2006.

COMO ASSASSINAR O AGORA? AS POTENCIALIDADES DA FOTOGRAFIA DOCUMENTAL NO (RE)PENSAR DA RELAÇÃO EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

João Pedro Araujo dos Santos
Universidade Estadual Paulista

Partindo da compreensão de que a fotografia documental, de caráter ambientalista, tensiona as relações entre humano e natureza, produzindo uma experiência sensível que orienta o (re)pensar da interação com a natureza, investigamos a educação ambiental sob um viés estético-crítico. Nesse contexto, analisamos o ato de olhar (gaze) como uma fatalidade ontológica: ele não se dirige apenas ao fenômeno, mas recai, em última instância, sobre o próprio sujeito.

O olhar flexiona as categorias espaço-temporais do ser, e se faz como um exercício sensível de cavucar e extrair nas entranhas do imaginário uma história: uma articulação condicionada pelo real de um determinado conteúdo recortado de espaço e tempo.

Contudo, o olhar não se realiza apenas em primeira instância, não se dá apenas na ativação de uma interioridade recortada, mas há na segunda instância do olhar uma invasão, pois aquilo que vemos também nos olha. E, em última instância, nos toca, já que tudo o que nos é visível adquire tangibilidade. Portanto o olhar se torna fatalmente um tato. Tateamos através das categorias do ser um outro recorte, e somos invadidos pela resposta desse contato.

Entretanto, nesse emaranhado, há ainda uma fantasmagoria que opera sobre o ato de olhar, uma imagem que paira sobre a percepção e queda gravemente na experiência de apreensão sensível do olhar, assim além de olharmos e sermos vistos pelo fenômeno, olhamos no entremeio os fantasmas autônomos criados por nós deste mesmo fenômeno. Essas instâncias não são consequentes, estão emaranhadas em si, ocorrem mutuamente no espaço imagético da consciência.

Tal ontologia do olhar delineada aqui encontra na fotografia documental uma materialidade. A imagem fotográfica ultrapassa o registro, constituindo-se como vestígio espaço-temporal capaz de ativar a totalidade do recorte. Desse modo, configura-se como potência para o olhar, orientando novas formas de interação com o mundo.

A fotografia documental se apresenta como recorte, tato e potência, mobilizando dimensões sensíveis, históricas e imaginárias. Nessa experiência dialética entre sensível e histórico, afirma-se sua potência

estética, capaz de tensionar a relação entre sujeito e natureza, e de abrir novas possibilidades de subjetivação.

É nesse campo de tensões que o presente trabalho reconhece, nas fotografias documentais críticas de Sebastião Salgado, potencialidades para (re)pensarmos a educação ambiental em caráter estético-crítico, na qual a sensibilidade não se dissocia da elaboração histórica e geográfica do mundo.

Palavras-chave
fotografia documental, olhar, estética, subjetivação, educação ambiental crítica

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Passagens. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 91-107.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 1998.

SALGADO, Sebastião. Gênesis. 1. ed. São Paulo: Taschen, 2013.

ARTES (AUDIO)VISUAIS COMO MEIO DE COMPOSIÇÃO PARA UMA TESE-GEOMETRIA

Eric Machado Paulucci
Universidade Federal de São Carlos

Carolina Tamayo
Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho constitui uma dobra da tese de doutorado intitulada “Essa escrita é sobre geometria *exceto quando não é: experimentações entre educações, imagens e corpocidades”. Ao acionar uma determinada tese-geometria, interessa defender que o conteúdo é indissociável de sua forma expressiva. Recusando a ideia de que o texto acadêmico deve ser um espelho descritivo da realidade, compreendemos a escrita como um processo que produz diferença e se torna a própria investigação.

A escrita é assumida como um processo de criação artística através de uma curadoria (áudio)visual e uma montagem textual. Investigar por meio das artes (áudio)visuais implica compor fragmentos, imagens e rastros dispersos para compor novas relações. Essa montagem não parte de um sujeito previamente isolado, mas constrói uma corporeidade no decorrer do texto, gerando simultaneamente um corpo-pesquisador, inaugurado pelas derivas do processo investigativo, e um corpo-pesquisa, feito de textos, afetos, imagens e(m) movimento que variam juntos. Nessa curadoria estética a escrita recusa a clareza totalitária que tudo cataloga, acolhendo as sombras onde a vida resiste ao enquadramento acadêmico.

Pensar o espaço não como um receptáculo estático, mas como um acontecimento produzido pelo encontro de corpos em um presente contínuo, desloca o estatuto da medição. Na filosofia de Gilles Deleuze (1988, 1998), pensar é ser provocado por forças dinâmicas. Se o espaço é fluido e intensivo, a métrica euclidiana perde sua soberania absoluta. Medir, no sentido clássico de fixar coordenadas abstratas, torna-se insuficiente por tentar paralisar o movimento vivo. Sob essa perspectiva, se a medição tradicional funciona como um modo de controle espacial, evocar uma geometria desde uma escrita experimentação aciona o incorpóreo: o sentido e o impacto invisível que nascem quando os corpos se misturam na cidade e na escola.

Essa tensão torna-se produtiva através do fazer artístico efetivado pelo ato de medir através da cartografia (Rolnik, 2011). Não se trata de delimitar propriedades, mas de dar visibilidade às intensidades, às velocidades e às distâncias afetivas. É a transição de uma métrica extensiva (dos metros)

para uma topologia intensiva (das forças e dos ritmos), transformando a medida em um ato provisório, político e performativo. Ao mobilizar a colagem, a imagem e a performance, os procedimentos artísticos compõem uma geometria outra, substituindo a régua pela montagem e combatendo o academicismo que historicamente separou a mente do corpo. A tese-geometria funciona, assim, como um dispositivo estético que convida quem lê a experimentar as mutações de um corpoespaço em pleno acontecimento.

Palavras-chave
geometria, imagens, investigação baseada nas artes, corpo, espaço.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988. DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1998.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

O USO DO CINEMA NA ESCOLA E AS POSSIBILIDADES DE EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS, ÉTICAS E POLÍTICAS

Thaynan de Oliveira Soares Rodrigues
Universidade Estadual de Campinas

Considerando o aparato conceitual do filósofo Gilles Deleuze (2022), em especial os conceitos experimentação e aprendizado, o presente texto se trata de um recorte de pesquisa, cujo objetivo principal consiste em conhecer os sentidos atribuídos às diferentes práticas de cinema na escola. Assim, a partir de um gesto cartográfico, busca-se descrever algumas imagens do uso do cinema no âmbito da educação básica, as quais foram levantadas por meio de uma busca de artigos que apresentam relatos dessas práticas, bem como os referenciais teóricos que as sustentam. Entre esses referenciais, destacam-se Alain Bergala (2008), Adriana Fresquet (2013) e Cezar Migliorin (2015), sendo autores imprescindíveis para a compreensão das diferentes práticas com o cinema na escola, podendo levar a enxergar possibilidades de experiências estéticas, éticas e políticas. As experiências estéticas remeteriam, a princípio, a um modo sensível de se relacionar com o cinema, permitindo um encontro com as obras para além de seu uso meramente pedagógico. Dessa forma, levando em conta a noção de alteridade em Bergala (2008), acredita-se numa abertura de espaços para uma educação do olhar, na qual alunos e professores entrariam em contato com diferentes formas de perceber a realidade por meio dos filmes. Na possibilidade de se construir um corpo sensível com as imagens cinematográficas, as experiências éticas surgiriam como um outro modo de estar no espaço escolar, onde alunos e professores seriam convidados a confrontarem suas próprias certezas, colocando-os em uma posição de igualdade em relação uns aos outros. Fresquet (2013), nesse sentido, aponta para a possibilidade de aprendizados singulares na escola, considerando o cinema como importante disparador desses aprendizados. Migliorin (2015), por sua vez, convoca a pensar algumas práticas com o cinema como forma de resistência aos discursos hegemônicos que pairam no contexto educacional. Para além do ato de assistir a um filme, a criação de imagens cinematográficas realizadas pela própria comunidade escolar poderia conduzir às micropolíticas, as quais estariam relacionadas, em princípio, à novas construções de subjetividades. Ressalta-se que tais autores foram considerados a partir dos artigos analisados. Desse modo, o gesto cartográfico das fontes orienta-se pelos conceitos deleuzianos de experimentação e aprendizado. A análise, portanto, não

busca estabelecer uma verdade fixa sobre o objeto, mas propor outros modos de ver as práticas de cinema na escola e as experiências estéticas, éticas e políticas que delas emergem.

Palavras-chave
cinema, escola, estética, ética, política.

Referências Bibliográficas

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema: Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola . Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. São Paulo: Editora 34, 2022.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

24 . setembro . 2026 **sala 9 - ed04**

Eixo Temático: estética e os corpos desviantes

A ESCOLA: UM LUGAR PARA INVENTAR FRONTEIRAS COM OS AFETOS, CORPOS E LINGUAGENS

Priscila Liz Belmont
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Paula Demarco Lopes
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Usualmente, a palavra fronteira é utilizada para designar um espaço entre dois ou mais lados, como uma espécie de meio; o não-lugar vago de resíduos antinaturais (Anzaldúa 2016, p. 25), uma fenda causada pela ruptura entre uma coisa e outras. Trata-se também de um território atravessado por encontros, deslocamentos e possibilidades de criação onde algo ainda não foi totalmente capturado por definições prontas.

Contudo, a fabricação de fronteiras faz parte de uma espécie de arquitetura colonial que o sistema hegemônico insiste em multiplicar, fazendo delas as demarcadoras das diferenças e das relações de conflitos e mortes. Fomos inspiradas pela teoria das fronteiras de Glória Anzaldúa (2016), pelas forças de transfluência de Antônio Bispo dos Santos (2023) e pelos afetos em Spinoza (2009), com eles, pensamos o corpo fronteiriço como potência, o corpo que não se define por uma essência fixa, mas pela fluidez e capacidade de afetar e ser afetado nos encontros que estabelece com outros corpos.

Nesse sentido, as fronteiras deixam de operar apenas como demarcações rígidas produzidas pela lógica colonial e passam a ser pensadas também como territórios de transfluência, onde diferentes forças podem se encontrar e ampliar suas vivências. Neste trabalho, buscamos compreender como as afecções (affectio), sendo as modificações produzidas nos corpos a partir dos encontros com outros corpos (Deleuze, 2002), constituem marcas, imagens e ideias que atravessam continuamente a experiência com os afetos (affectus) que variam as potências produzidas por essas afecções e como essas forças constituem o próprio território fronteiriço e suas criaturas. E quais afetos são produzidos das fronteiras que inventamos com a escola?

Os afetos alegres, que aumentam nossa potência de agir (Spinoza, 2009; Deleuze, 2002), tornam-se para nós, fundamentais ao pensar uma educação filosófica que não opere pela captura, pelo medo ou pelos regimes de normalização das diferenças e da linguagem, mas pela invenção de modos de coexistência capazes de sustentar a multiplicidade da vida no espaço escolar.

Pode então emergir afetos alegres das fronteiras? Um lugar atravessado pela violência normativa da própria colonialidade e negação das diferenças, que produzem ideias confusas, paixões tristes e processos de captura da vida. Aqui, nossas perguntas vão criando caminhos para pensar a diferença, a fronteira e os afetos em movimentos de uma educação filosófica em que a escola como um possível território fronteiriço das infâncias possa habitar corpos, histórias e linguagens para a circulação de afetos alegres e a ampliação da potência coletiva de invenção.

Palavras-chave
fronteiras, afetos, transfluência, educação filosófica, diferença.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: The New Mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023.

SPINOZA, Baruch. Ética. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre educação e filosofia. Tradução de Joseane Lucena de Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

“QUANDO EU FALO, O PENSAMENTO VEM DUM OUTRO MUNDO”: UMA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO POPULAR NO HORIZONTE DA FORMAÇÃO DE MUNDOS

Cleiton de Barros Nunes
Universidade de Pernambuco

Diante da pergunta "o que é a educação?", Tonho Ciço, lavrador de sítio no interior de Minas Gerais, crava: "Educação... quando o senhor chega e diz "educação", vem do seu mundo, o mesmo, um outro. Quando eu sou quem fala vem dum outro lugar, de um outro mundo" (In: BEZERRA, BRANDÃO, 1980). A afirmação do roceiro implica, de partida, que a chamada "questão política da educação popular" é inseparável do problema cosmopolítico (STENGERS, 2018) da formação dos mundos. Nesse sentido, nosso propósito mais amplo consiste em explorar as interfaces entre as ferramentas da filosofia da educação e o campo da educação popular. Ora, ao assumir a perspectiva do lavrador, é possível tomar a mesmidade da palavra "educação" nesses dois mundos como uma espécie de brecha que expõe a diferença entre eles. Isso é mais do que admitir, como já se admite em certo sentido, que se trataria de pontos de vista distintos acerca de uma mesma experiência (a educação), pois a diferença, nesse caso, não está na maneira de ver e/ou de se referir à educação. Radical, a diferença é dos mundos e o corpo subalterno do roceiro expõe essa fenda cosmopolítica através da qual pretendo pensar. Seria possível pensar a educação popular a partir de uma composição de forças entre dois (ou mais) mundos sem apagar, suprimir, reduzir ou suspender as diferenças entre eles? É possível pensar uma educação popular que não se esforce para ser uma espécie de síntese dialética entre pontos de vista diferentes acerca da educação (tomada como objeto)? "Esse eu queria ver explicado", aponta Ciço (e eu com ele) em um tom desconfiado. Trata-se de um exercício de pensar a educação na periferia de um mundo (o "nosso") que se quer universal e mobiliza uma infinidade de dispositivos de assujeitamento e de aniquilação epistemológica e ontológica de outros mundos confrontantes. A empeleitada começa no corpo e consiste em ir aos lugares em que a fina tessitura do "nosso" mundo, a pele, roça com outros mundos. Levar Ciço a sério e até as últimas consequências é, primeiramente, acreditar em outros mundos, em uma extramundanidade como a irredutibilidade de outras miradas ao olhar da figura do sujeito humano, tal como concebido pela discursividade humanista ocidental (VALENTIM, 2018) e agenciado nos dispositivos coloniais que não cessam de se atualizar (FERDINAND, 2022). Convite malandreado a um corpo a corpo intenso com as matérias que compõem os mundos.

Palavras-chave
educação popular, mundo, cosmopolítica, extramundanidade.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Aída; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A questão política da educação popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abr. 2018.

VALENTIM, Marco Antonio. Extramundanidade e sobrenatureza. Ensaios de ontologia infudamental. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CONTRAESPAÇOS: UMA HETEROTOPOLOGIA DE ESPAÇOS ESCOLARES

Maiara Vera Lima
Universidade Estadual Paulista

A presente pesquisa busca compreender o conceito de heterotopia e como ele pode ser utilizado nas escolas. Por intermédio da heterotopologia foucaultiana como método de análise. Analisaremos as obras em que o filósofo francês define o conceito de heterotopia, para então discutir as suas possibilidades de utilização e importância no ambiente escolar, considerando as redes de poder que o permeiam, assim como as resistências que aí se encontram. Objetivamos, com isso, encontrar elementos para compreender a ocupação pelos corpos dissidentes do ambiente escolar, especialmente, após o seu direito ao acesso pelas políticas de inclusão. Interessa-nos, principalmente, discutir se a presença e a ocupação desse espaço público por esses corpos se constituem em focos de resistência ao poder instituído e de que forma colocam em circulação outras práticas, saberes e afetos.

Após o levantamento bibliográfico que interpreta a noção foucaultiana de heterotopia e educação, analisamos as obras Outros Espaços (2003) e As Palavras e as Coisas (2007). No momento atual estamos analisando dois livros que retratam a presença dos corpos heterotópicos no contexto escolar em Os vagabundos eficazes, de Fernand Deligny (2017) e A vida que ninguém vê, de Eliane Brum (2006). Nesses livros, buscamos pontos de convergência e ruptura com o conceito de heterotopia, com a finalidade de compreender como os espaços e corpos descritos resistem e como essas subjetividades dissidentes subvertem os padrões e as linhas do poder vigentes no ambiente escolar.

Os resultados parciais alcançados sugerem o quanto personagens marginalizados presentes nas obras de Deligny (2017) e de Brum (2006) nos auxiliam na reflexão sobre a presença dos corpos heterotópicos nas escolas. As referidas obras convergem em uma leitura de mundo voltada para corpos que rejeitam a docilização, a reificação, ou seja, subvertem a ordem, expondo uma perspectiva vista sob a ótica heterotopológica inspira nos atores escolares uma percepção outra sobre a corporeidade periférica que passou a habitar essa instituição.

Palavras-chave
heterotopia, educação, heterotopologia, inclusão.

Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. A vida que ninguém vê. Porto Alegre: L&PM, 2006. DELIGNY, Fernand. Os vagabundos eficazes. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: FOUCAULT, Michel. Ditos & Escritos IV: estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. P. 431-441.

QUAIS AS RELAÇÕES DA “AGONIA DO EROS” NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA COM A VIOLÊNCIA ESCOLAR? AFIRMAÇÃO DAS DIFERENÇAS E DESAFIOS PARA AS ARTES DE EDUCAR

Vinicius Henrique dos Santos
Universidade Estadual Paulista

Este estudo está pautado nas contribuições Byung-Chul Han, quem afirma que na sociedade do consumo, o eros, isto é, o "outro" que não pode ser abarcado pelo regime do eu, é agonizado em prol da narcisificação de si mesmo, configurando uma sociedade marcada pela eliminação das diferenças. Assim, diante do expressivo aumento da violência escolar nos últimos dez anos, especialmente dos casos em que a afirmação diferença é o gatilho da violência escolar, o trabalho disserta sobre as relações deste problema com agonia do eros na sociedade e consequentemente, na educação contemporânea. A partir da análise de um caso emblemático do ano de 2025, o da invasão policial na EMEI Antônio Bento na cidade de São Paulo, o trabalho organiza uma investigação alinhada a duas hipóteses: 1) a violência escolar também pode expressar a agonia do eros quando se manifestar pela dificuldade dos indivíduos da comunidade escolar em lidar com a assimetria do outro e 2) a prevenção da violência escolar, especialmente aquelas relacionadas aos discursos de ódio contra grupos marcados pela diferença, pode ser realizada pela produção de condições de viabilidade para lidar com os outros e suas diferentes visões de mundo, tornando-a possibilidade de ação pedagógica e não de convenção policial. Os resultados sugerem que é possível caracterizar um tipo de violência escolar marcado pela agonia do eros e que as artes de educar que considerem o eros podem se tornar um caminho alternativo a militarização das escolas, proposta comumente apresentada pelos poderes públicos e setores conservadores da sociedade, haja vista que quando essas artes se pautam no eros, educadores viabilizam uma experiência erótica, isto é, uma experiência abre um leque de possibilidades de vir a ser ao indivíduo que não advém de uma norma ou da narcisificação de si mesmo, e sim da morte de seu mundo, de suas verdades estabelecidas, que contrastando com a atopia do outro, retira o sujeito do narcisismo que marca, sob a perspectiva de Han, a sociedade do consumo.

Palavras-chave
eros, educação, violência, diferenças, erótica.

Referências Bibliográficas

HAN, Byung-Chul. Agonia do Eros. Petrópolis: Vozes, 2025.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HONÓRIO, Gustavo. PM com metralhadora entra em escola infantil em SP após pai reclamar de desenhos de matriz africana, afirma funcionária. 2025a. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/11/18/pm-com-metralhadora-entra-em-escola infantil-em-sp-apos-pai-reclamar-de-desenhos-de-matriz-africana-afirma-funcionaria.ghtml. Acesso em: 04 fev. 2026.

HONÓRIO, Gustavo. Funcionária de escola infantil foi prensada por PMs armados após pai contestar desenho de matriz africana, dizem testemunhas. 2025b. Disponível em: https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2025/11/18/funcionaria-de-escola-infantil-relata-ter sido-prensada-por-pms-armados-apos-pai-contestar-desenho-de-matriz-africana.ghtml. Acesso em: 04 fev. 2026.

QUEIROZ, Christina. Violência escolar aumenta nos últimos 10 anos no Brasil. 2025. Disponível em: https://revistapesquisa.fapesp.br/violencia-escolar-aumenta-nos-ultimos-10- anos-no-brasil/. Acesso em: 04 fev. 2026.

NORMA E NECROPOLÍTICA: O PROBLEMA ESTÉTICO-POLÍTICO DOS CORPOS DESVIANTES

Marcos Bruno Silva
Universidade Federal de Goiás

O que torna certos corpos insuportáveis ao olhar? Em que momento a diferença deixa de ser apenas não reconhecida para tornar-se intolerável? Esta comunicação parte dessas questões para radicalizar o problema: não se trata de pensar os chamados corpos desviantes a partir da lógica da inclusão, mas de interrogar o regime estético-político que define o que pode ser reconhecido como corpo. O problema não está nesses corpos, mas nas condições que organizam o visível e determinam o que pode ser sustentado como forma de vida. Para isso, mobiliza-se a obra de Georges Canguilhem, em especial sua reflexão sobre a noção de monstro. Para o autor, a monstruosidade não constitui um erro da vida, mas uma de suas possibilidades.

A vida não se define pela conformidade, mas pela capacidade de instituir normas; o desvio não é exterior à norma, mas uma de suas expressões mais radicais. O monstro não corrige a vida: ele a expõe, revelando que a vida não coincide com as formas que pretendem estabilizá-la. Essas existências não são falhas, mas variações que colocam em tensão a pretensão de regularidade das formas normalizadas.

Contudo, essa compreensão não se sustenta integralmente quando o problema é deslocado para o plano sócio-histórico. Em Michel Foucault, o monstro não é apenas reconhecido como anormal: ele é produzido como tal. O anormal não designa uma exterioridade à norma, mas o efeito de práticas que classificam, avaliam, corrigem e normalizam. A diferença deixa de ser variação vital para tornar-se resultado de uma operação normativa: aquela que define o normal ao produzir o desvio, neste caso, a constituição dos corpos desviantes.

Assim, a estética dessas formas não se reduz à percepção individual, mas remete à organização do sensível: o que pode ser visto, reconhecido ou rejeitado não é dado, mas produzido. É nesse ponto que a análise se aproxima do pensamento de Achille Mbembe. Se, em Foucault, o poder moderno opera segundo a lógica de fazer viver e deixar morrer, em Mbembe essa racionalidade é levada ao limite: o poder passa a exercer uma decisão direta sobre a morte.

A necropolítica não corrige nem integra: expõe à morte. Quando determinadas formas de vida não podem ser estabilizadas no campo do visível, deixam de ser apenas anormais e tornam-se descartáveis. O percurso proposto, portanto, não conduz à reconciliação, mas à radicalização do problema: o desvio não é apenas possível ou produzido, ele pode ser eliminado.

Palavras-chave
normatividade vital; anormal; corpos desviantes; regime do sensível; necropolítica.

Referências Bibliográficas

CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

CANGUILHEM, G. O conhecimento da vida. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

FOUCAULT, M. Os anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

24 . setembro . 2026 **sala 10 - ed10**

Eixo Temático: estética e linguagens

EXPERIÊNCIA, SUBJETIVIDADE E RUÍNAS: FUNDAMENTOS PARA UMA TEORIA CRÍTICA DA FORMAÇÃO

Sophia Rodella Ferreira
Universidade Estadual Paulista

Fábio Caires
Universidade Estadual Paulista

O presente projeto propõe investigar, a partir do elucidado por Walter Benjamin, os contornos de uma teoria crítica da formação que recuse a lógica formativa e valorize a experiência, memória, a narração e o gesto como fundamentos de um outro modo de constituição do sujeito. Busca se compreender como sua crítica da modernidade, técnica e experiência, pode contribuir para elaboração de uma teoria da formação, em oposição aos modelos adaptativos e funcionalistas da educação contemporânea?

A formação, vinculada à tradição humanista e iluminista da Bildung (formação), passou por um processo de esvaziamento semântico e de funcionalização prática. No âmbito educacional, se expressa pela tecnicização dos currículos, avaliação performática de competências e redução da experiência educativa ao desempenho mensurável. O pensamento de Benjamin, sobretudo em seus escritos sobre a perda da experiência (Erfahrung), a crítica à história progressista e o resgate da infância como figura filosófica, constitui uma base para resistir a essa tendência. Embora não tenha desenvolvido uma teoria educativa sistemática, oferece uma constelação conceitual de inegável fecundidade para o campo da formação. Sua desconfiança sobre às formas de transmissão do saber, às narrativas lineares do progresso e à homogeneização das experiências humanas torna-se, um solo fértil para edificação de uma teoria crítica da formação.

Ao valorizar a linguagem na dimensão poética e performativa, a memória como exercício ético de restituição do passado silenciado, e a narração como gesto que restitui densidade temporal à experiência, Benjamin desestabiliza os alicerces em que se ergue a pedagogia moderna de viés normativo. Sua concepção de história, propõe tempos interrompidos e rememorados, desloca a própria ideia de formação como processo linear e cumulativo. Em lugar da conformação de indivíduos adaptados às exigências do sistema, abre-se a possibilidade de pensar uma formação atravessada por interrupções, descontinuidades e resistências. Em termos benjaminianos, poderíamos chamar de “formação por ruínas” ou formação pela experiência da perda.

Esta pesquisa, ao explorar o pensamento benjaminiano, busca preencher uma lacuna ainda pouco investigada, ao propor uma articulação entre filosofia, crítica cultural e teoria da formação. Trata-se, de uma contribuição original, na medida em que desloca o eixo da educação da adaptação à resistência, da conformação à interrupção, da funcionalidade à experiência, fazendo ressoar, no campo educativo, as interpelações ético-políticas da obra de Benjamin.

Palavras-chave
Walter Benjamin, teoria crítica, perda da experiência, erfahrung

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Mágia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

A LITERATURA COMO ESPAÇO DIALÓGICO: MIKHAIL BAKHTIN E A FORMAÇÃO PELO PENSAR

Thuany Naiara Pinheiro da Silva
Universidade Federal de São Carlos

Poliana Bruno Zuin
Universidade Federal de São Carlos

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a literatura como espaço de formação do pensamento à luz da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e de sua concepção de dialogismo. Para Bakhtin (2011), a linguagem é um ato vivo, social e ético, constituído na interação entre vozes diversas. Cada palavra nasce em resposta a outras e carrega em si a presença do outro e do contexto histórico e cultural em que se insere. A literatura, nesse sentido, é compreendida como um território dialógico, polifônico e polissêmico, no qual o sujeito se forma e se transforma, pensa e se humaniza na interlocução com as palavras e consciências alheias.

O ato de ler e interpretar textos literários é, portanto, um exercício de alteridade, de abertura ao diálogo e de construção de significados compartilhados. Tal concepção encontra ecos na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky (2007), para quem o pensamento e a linguagem se desenvolvem socialmente, mediando os processos de internalização e formação da consciência. Assim, o encontro com o texto literário representa uma prática simbólica que amplia o repertório do leitor e estimula o pensamento crítico, criativo e sensível.

No campo educativo, a literatura, enquanto experiência estética e ética, contribui para a formação integral do sujeito. Cunha (2005) afirma que a filosofia e a literatura, especialmente no contexto da infância, são caminhos complementares para a construção de sentidos e o exercício do pensar reflexivo. Nesse horizonte, o mediador assume um papel essencial, favorecendo o diálogo e a escuta ativa, conforme propõe Chambers (2014) em seu método "Diga-me", que transforma a leitura em uma conversa onde perguntas e respostas geram pensamento.

A abordagem bakhtiniana, articulada com esses referenciais, convida a compreender a literatura como prática de liberdade, resistência e humanização, um espaço de encontro entre ética e estética, linguagem e pensamento. Como destaca Brait (2014), o sentido da palavra é sempre múltiplo e inacabado, o que faz da literatura um campo de contínua produção de sentidos e formação de consciências. Assim, pensar a leitura literária à luz de Bakhtin é reconhecer o ato estético

como experiência profundamente educativa, que une o aprender, o dialogar e o viver em comunhão com o outro.

Palavras-chave
Bakhtin; Linguagem e Pensamento; Literatura e Formação; Dialogismo; Mediação Literária.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011. BRAIT, B. (org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAMBERS, A. Diga-me: crianças, leitura e conversas. São Paulo: Pulo do Gato, 2014.

CUNHA, J. A. Filosofia na educação infantil: Fundamentos, métodos e propostas. 2. ed. Campinas: Alínea, 2005.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O SENTIDO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA FORMAÇÃO EDUCATIVA: UMA LEITURA FILOSÓFICA DA BNCC

Helen Mariano Polachini
Universidade Federal de São Carlos

Esta comunicação objetiva discutir o sentido da Experiência Estética na educação, mais especificamente na Pedagogia. Dessa forma, busca viabilizar o repensar de práticas docentes com vistas à promoção de reflexões voltadas à formação educativa para a autonomia. Para tanto, este estudo, o qual é qualitativo e exploratório, baseia-se em duas pesquisas de Iniciação Científica, que contemplam a etapa da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Base Nacional Comum Curricular, atual documento-referência para o currículo da Educação Básica no Brasil. As pesquisas destacam, por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), que a intencionalidade educativa no documento se refere à "organização e proposição, pelo educador, de experiências" (Brasil, 2018, p. 39) sob uma concepção educativa voltada ao desenvolvimento de Habilidades e Competências à medida que busca selecionar as experiências que os estudantes vivenciarão durante a sua formação, retirando a centralidade destes no ensino-aprendizagem. Esse fenômeno demonstra uma alusão a um curso pré-traçado que mostra-se inclinado ao atendimento dos resultados esperados pelo professor, tornando o planejamento pedagógico, fonte unilateral da formação. Porém, contrariamente, John Dewey adverte que "uma experiência, para ser educativa e estética, deve ter relação direta com a pessoa, pois só assim deixará um saldo positivo e contribuirá para novas e poderosas experiências" (Silva; Cunha, 2021, p. 35). Assim, posiciona a experiência como elemento a ser incentivado para que a expressão de criação do próprio estudante possa servir de aporte à mediação do educador, como importante característica da dimensão estética. Nesse sentido, da ênfase na subjetividade, Walter Benjamin, por sua vez, destaca o espírito como o alicerce sine qua non da experiência, pois a "dimensão espiritual de seu pensamento o faz entender que a linguagem 'não é apenas comunicação do que é comunicável, mas simultaneamente símbolo do não-comunicável'" (Albuquerque; Souza, 2008, p. 126), evidenciando o caráter dialético e metafísico que dá corpo à linguagem. Ademais, imbuído desse argumento, Benjamin (1994, p. 107) revela o valor profundo da narração, não como linguagem a ser meramente transmitida, uma vez que o contação de um acontecimento envolve a experiência na qual "ficam impressas as marcas do narrador como

vestígios das mãos do oleiro no vaso da argila." Logo, contrário à passividade do ouvinte e compreendendo as idiossincrasias carregadas no discurso do narrador, o autor enfatiza o papel cíclico da memória que se constrói, justamente, na história individual de cada sujeito, como requisito à formação educativa autônoma.

Palavras-chave
experiência estética, educação, BNCC, formação, autonomia.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, E. D. P. E .; SOUZA, S. J. E .. Wittgenstein e Walter Benjamin: inquietações éticas e filosóficas como formas de viver e pensar. Psicologia Clínica, v. 20, n. 1, p. 113-133, 2008.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 1ª ed. São Paulo: Edições 2011. 225 p.

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação. Brasília, 2018.

SILVA, T; CU.NHA, M. C.. Dewey e a experiência estética: uma contribuição ao Ensino de Arte. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 2, 2021.

NEURODIVERGÊNCIA E ACESSIBILIDADE DA ESCRITA: LLMS, TECNOLOGIA ASSISTIVA E AUTORIA EM MEDIAÇÃO TÉCNICA

Josenei Godoi de Medeiros
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Marcia Staudt
Universidade Estadual de Maringá

Tânia Aparecida Martins
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Este trabalho desenvolve uma reflexão teórico-crítica sobre formação humana, linguagem, autoria e acessibilidade da escrita em contextos neurodivergentes atravessados por mediações técnicas de produção textual. A questão central consiste em compreender de que modo os modelos de linguagem de larga escala, LLMs (Large Language Models), inteligência artificial (IA) treinada para compreender, gerar e sistematizar a linguagem humana com complexidade e fluidez, podem operar como tecnologias assistivas de mediação linguística quando há tensão entre elaboração do pensamento, organização discursiva e reconhecimento social da autoria. A neurodivergência aparece, neste trabalho, como lugar em que a escrita deixa de ser apenas forma final do pensamento passando a evidenciar as condições de sua própria constituição. Em experiências neurodivergentes, a elaboração conceitual pode alcançar densidades, enquanto sua conversão em texto linear, normatizado e socialmente aceitável encontra entraves. A questão envolve a distância entre pensar, organizar a linguagem e tornar-se reconhecível pela escrita. Essa distância possui implicações formativas e estéticas, pois a escola, a universidade e instituições ainda tendem a reconhecer o pensamento a partir de formas autorizadas de textualização. Os LLMs podem atuar como tecnologia assistiva de escrita. Sua função não se reduz à produção automática de frases, mas envolve apoio à ordenação, à estabilização, à revisão e à comunicabilidade de uma elaboração conduzida pelo sujeito. A autoria precisa ser pensada como prática distribuída entre intenção, direção conceitual, escolha, recusa, correção, julgamento e assunção do texto final. Sob análise filosófica e teórica, o referencial articula Foucault (2001), Heidegger (1968), Canguilhem (2011), Hayles e Stiegler (1998). Em Foucault, a autoria permite compreender os modos pelos quais enunciados são agrupados, atribuídos, legitimados e reconhecidos. Em Heidegger, a relação entre pensamento, técnica e cálculo ajuda a interrogar a linguagem diante de procedimentos capazes de organizar formalmente o dizer.

Em Canguilhem, a norma opera como regime histórico de valoração, permitindo compreender a neurodivergência como variação produtiva da experiência corporal e cognitiva, sem reduzi-la a inadequação. Hayles e Stiegler situam a técnica como dimensão constitutiva das

formas de linguagem, sensibilidade e formação. Sustenta-se que a escrita assistida por LLMs exige categorias para compreender autoria, acessibilidade, experiência estética e reconhecimento em práticas de escrita tecnicamente mediadas, propondo um deslocamento conceitual que substitui a noção de autoria individual pela de autoria distribuída e mediada, na qual a técnica atua como extensão cognitiva e o reconhecimento institucional deve privilegiar o percurso e a intencionalidade em detrimento da conformidade formal.

Palavras-chave
neurodivergência. acessibilidade da escrita. LLMs. tecnologia assistiva. autoria.

Referências Bibliográficas

CANGUILHEM, Georges. O normal e o patológico. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos III: estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

HAYLES, N. Katherine. Electronic literature: new horizons for the literary. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2008. HEIDEGGER, Martin. What is called thinking? Tradução de Fred D. Wieck e J. Glenn Gray. New York: Harper & Row, 1968.

STIEGLER, Bernard. Technics and time, 1: the fault of Epimetheus. Tradução de Richard Beardsworth e George Collins. Stanford: Stanford University Press, 1998.

ESTÉTICA DA ESCUTA NO PROCESSO FORMATIVO: REFLEXÕES A PARTIR DE A QUEDA DO CÉU (2015)

Ana Paula dos Santos de Sá
Universidade Federal de São Carlos

Sueli Soares dos Santos Batista
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Luiz Roberto Gomes
Universidade Federal de São Carlos

Com base numa leitura conjunta de A Queda do Céu (2015), realizada pelo grupo "Teoria Crítica e Formação Ético-política" (UFSCar/CNPq), a presente comunicação compartilha reflexões sobre o possível lugar de uma estética da escuta no processo formativo.

Em diálogo com discussões da Escola de Frankfurt sobre a questão da audição/escuta/ouvintes (Adorno, 1996), consideramos que o escutar yanomami relatado por Davi Kopenawa fornece novos e decisivos elementos para se pensar tanto a formação estética da sensibilidade em uma sociedade fria e insensível (Adorno, 1995) quanto o experienciar da linguagem do silêncio. Contrariando o atual senso-comum em torno da ideia de "escuta ativa", identificamos em A Queda do Céu (Kopenawa & Albert, 2015) descrições alinhadas com o processo de "escuta profunda" constitutivo de outros povos indígenas (Kambeba, 2024), acerca do qual destacamos aspectos como a sinestesia sonora – decorrente de um ouvir não apenas dos sons, mas do silêncio, dos sonhos, das cores, dos movimentos – e inter-multi-modalidade da escuta – que imbrica, por exemplo, o desenhar (linguagem não verbal) e o ouvir (cultura oral).

Em um contexto educacional marcado por expressões como "protagonismo jovem" e "storytelling" – que muitas vezes ilustram o sequestro neoliberal do léxico escolar –, esta escuta espacial e de corpo inteiro propõe experiências sensíveis e de linguagem que deslocam o eu para o outro. Nesse sentido, o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passa a merecer atenção no modo como aborda os eixos da escrita e da oralidade, razão pela qual propomos uma leitura articulada de A Queda do Céu (2015) com excertos extraídos do documento (Brasil, 2018). Tomando como exemplo orientações didático-pedagógicas envolvendo o gênero textual podcast, verificam-se 26 ocorrências do termo, a maior parte delas relacionadas aos comandos de "produzir" e "publicar", sendo escassas mediações de escuta apreciativa ou crítica.

Parafraseando Kopenawa, cabe analisar, portanto, que implicações têm uma pedagogia que direciona os estudantes a partilharem as suas criações, tal como a sonharem, apenas consigo mesmos.

Palavras-chave
teoria crítica da sociedade, formação humana, estética da escuta.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: ADORNO, Theodor W. Os pensadores - textos escolhidos. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996, p. 65-108.

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Povos indígenas e o ensino da escuta, 27/11/2024. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/editorial/povos-indigenas-e-o-ensino-da-escuta/ Acesso em: 29 abr. 2026.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

24 . setembro . 2026 **sala 11 - ed13**

Eixo Temático: estética e política

O QUE FAZ UMA EDUCADORA FILOSÓFICA?

Flávia Coutinho Barbosa
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Indefinido o começo, porém composto por dois lugares, o que já é muito em termos de superfície. Duas palavras. Duas bordas. Duas margens. O que faz alguém que está no entre? Na verdade, a pergunta não é esta, não pode ser esta. Ainda. Talvez seja uma questão de tempo, de temporada para colher a pergunta. Uma questão de tempo para desvelar. Ou seria um tempo de inventar? Talvez a dúvida seja mais concreta, talvez esteja mais inclinada à procura, não do fim e nem do começo, mas do modo de chegar ao entre. E, talvez, finalmente com os pés no entre, desnudar os seus possíveis.

Por meio de uma escrita que construa sua singularidade, esta comunicação busca pensar o seguinte problema: o que faz uma educadora filosófica? A investigação parte do chão da escola pública, onde o erro e a experiência são abarcados como potências que vão além da prática docente, aquilo que desloca o pensamento e que força a educadora a se reinventar a cada encontro. A exposição, tomada como ato de estar em diálogo com o caminho, é a dinâmica que permite que a educadora se deixe afetar pelo imprevisto, pelo que escapa ao controle.

Embalada pela "pedagogia menina da pergunta", de Walter Kohan, a pesquisa entende o ato de perguntar como uma micropolítica na escola pública: uma força que transforma o cotidiano da sala de aula, que abre fissuras para que as crianças possam construir experiências de pensamento. No entanto, não se trata de ensinar filosofia, mas de cultivar uma relação intensa com a curiosidade, o espanto e, sobretudo, com a invenção de si.

A escrita busca ser viva, o contrário de uma configuração burocrática, permitindo que o pensamento afetivo da pesquisadora desvele quem ela se torna ao longo do processo. O diálogo é construído com Kohan, Nietzsche e Ingold. Ao articular estética, política e educação, esta comunicação pensa que a educadora filosófica está imersa no jogo político, pois ela o reinventa no nível micro, pergunta a pergunta.

Palavras-chave
educação filosófica; pedagogia; pergunta.

Referências Bibliográficas

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015.

KOHAN, W. O. (2002). Entre Deleuze e a Educação: notas para uma política do pensamento. Educação & Realidade, 27(2).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ENTRE A POSSE E A SOLIDARIEDADE: MULHERES E POLÍTICA ESTÉTICA DOS AFETOS EM ALEXANDRA KOLLONTAI

Anna Paula Mesquita
Universidade Estadual de Campinas

O presente trabalho propõe uma análise filosófico-política da subjetividade feminina e da produção social dos afetos a partir da obra A nova mulher e a moral sexual, de Alexandra Kollontai. Partindo da compreensão de que o amor e as sensibilidades não constituem experiências naturais ou exclusivamente privadas, mas formas histórica e socialmente produzidas, busca-se investigar de que maneira a autora articula amor, política e emancipação feminina em sua crítica à moral burguesa. Nesse sentido, o artigo compreende o patriarcado não apenas como estrutura econômica e jurídica, mas também como um regime de organização das sensibilidades, responsável por modelar modos de sentir, desejar e se relacionar socialmente.

A reflexão concentra-se na crítica kollontaiana ao amor entendido como propriedade emocional, estrutura que contribui para a manutenção da dependência feminina e para a reprodução das formas patriarcais de subjetivação. Ao analisar categorias como casamento, exclusividade amorosa, posse afetiva e renúncia feminina, o trabalho procura demonstrar como a lógica da propriedade privada e do individualismo burguês produziu historicamente vínculos marcados pela submissão emocional das mulheres. Desse modo, o amor burguês aparece como tecnologia social de disciplinamento dos afetos, organizando desigualmente as experiências emocionais, os corpos e as formas de convivência coletiva.

Em diálogo com Michel Foucault e Simone de Beauvoir, a pesquisa busca evidenciar que Kollontai constrói uma verdadeira política estética dos afetos, ao compreender o amor como fenômeno histórico diretamente relacionado à formação humana e aos processos de subjetivação. Por fim, o artigo analisa a noção de amor-camaradagem como proposta ética e política de reorganização das relações humanas, fundamentada na solidariedade, na reciprocidade e na coletividade. Argumenta-se, portanto, que a emancipação feminina exige não apenas transformações econômicas e jurídicas, mas também uma profunda transformação das sensibilidades e das formas de experiência coletiva.

Palavras-chave
Alexandra Kollontai; política dos afetos; subjetividade feminina; estética e política; patriarcado.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. A mulher desiludida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? Lisboa: Vega, 2002.

KOLLONTAI, Alexandra. A nova mulher e a moral sexual. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

A CRÍTICA DA EDUCAÇÃO ORNAMENTAL DA MULHER EM CATHARINE MACAULAY: DO CULTO À BELEZA EXTERNA AO CULTIVO DA BELEZA MORAL

Clara Helena Barbosa Raimundo
Universidade Estadual de Campinas

Este trabalho analisa a crítica de Catharine Macaulay, pensadora do século XVIII, à educação da mulher, fundamentando-se nas Cartas VI, XVIII, XXII e XXIII de sua obra Cartas sobre Educação. A autora argumenta que a redução da formação das mulheres ao cultivo de "ornamentos" e à aparência física não apenas as desvia da sabedoria, mas é o pilar central que sustenta a falsa noção de uma diferença natural de caráter entre os sexos. Macaulay refuta a ideia de que a natureza estabeleceu a sujeição feminina, atribuindo as distinções intelectuais e morais unicamente à condição e educação distintas às quais homens e mulheres são submetidos.

No âmbito da racionalidade, Macaulay confronta diretamente o pensamento de Rousseau, denunciando que a suposta "superioridade em habilidades sociais" das mulheres é, na verdade, uma compensação enganosa para sua exclusão dos direitos civis e políticos. Ela demonstra que, como os órgãos dos sentidos e as percepções são idênticos em ambos os sexos, a mente feminina é capaz de alcançar a excelência moral e o raciocínio rigoroso, desde que não seja corrompida por um sistema que incentiva a vaidade e a frivolidade desde o berço.

A autora realiza uma análise crítica do que denomina coqueteria (coquetismo). Para Macaulay, as artes da sedução e o foco na beleza pessoal são "táticas" que as mulheres adotam para exercer uma soberania precária em uma sociedade que lhes nega privilégios racionais. Ela propõe substituir o entusiasmo pela beleza externa, considerada por ela dependente de preconceitos culturais e associações de ideias, pelo cultivo da beleza moral e das virtudes sólidas.

Por fim, Macaulay defende que a verdadeira formação humana exige a substituição da "máscara do dia", isto é, as modas passageiras e a polidez superficial, por uma educação baseada no entendimento. Ela propõe que as mulheres sejam instruídas na sabedoria para que possam renunciar à influência indireta e manipuladora em favor de privilégios racionais e direitos consolidados. A formação proposta visa proteger o indivíduo tanto da letargia quanto dos vícios, elevando a

mente a um estado onde a virtude e a felicidade dependam do exercício pleno da razão, e não de ornamentos.

Palavras-chave
Catharine Macaulay; educação ornamental; racionalidade; beleza; moral.

Referências Bibliográficas

KULKAMP, Camila. Catharine Macaulay. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia, V. 7, N. 3, 2022, p. 13-29. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/catharine macaulay/> . Acesso em: 21 maio 2026.

MACAULAY, Catharine. Cartas sobre a educação. Tradução de Camila Kulkamp. São Paulo: Kotter, 2024.

“AS ABÓBORAS ESCONDEM SEGREDOS”

Daniel Gaivota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Franciele Araújo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Thaís Mendes Amorim
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho se desenvolve no interior do projeto de pesquisa A vida política de uma criança filósofa-educadora (Edital FAPERJ Nº 22/2024). A pesquisa busca tornar presente, nos campos dos Estudos das Infâncias, epistemologias e autorias infantis, para além do conhecimento adulto sobre a infância. Tem como campo escolas no interior do Rio de Janeiro, entre elas a E.M. Professora Dilza da Silva Sá Rego, em Maricá.

Naquela escola há uma horta, que está sem cuidados. Murilo, entretanto, aluno do 5º ano, mantém-se invariavelmente encantado por ela, e ao ser indagado, responde que a horta é "um lugar de muitos mistérios", e que "as abóboras escondem segredos". Esta relação direcionou nossa pesquisa para uma observação das relações complexas entre os corpos das crianças e os espaços da escola.

A partir do conceito de rizoma (Deleuze, Guattari, 2012) a pesquisa se desdobrou em investigações cartográficas com os estudantes no espaço da escola, tentando criar uma metodologia que permitisse observar não o que é visível, aparente, evidente, mas aquilo que permanece invisível não obstante as tecnologias de visibilização (Gaivota, 2024). Essa investigação, no contexto da pesquisa, toma contornos políticos, no sentido que, para além da visibilização ou invisibilização dos elementos, espaços ou pessoas, o que parece estar em jogo é a condição de visibilidade que cada relação instaura ou inaugura.

Assim, Murilo, pelas condições que habita na escola, torna-se capaz de ver os segredos das abóboras na horta. Pode a sala de aula ser também um lugar de muitos mistérios? Nas primeiras experiências, um objeto que poderia ou não existir gerou conflito entre "querer saber" e "querer não saber", complexificando as premissas (adultas) que as crianças carregavam. O desejo de ver logo foi perdendo vez quando elas perceberam que ver o que estava escondido significava o fim da brincadeira. Que, ao descobrir o desconhecido, ele se perde.

Da mesma forma, a relação de Murilo com os espaços da escola não é simples nem linear, mas complexa, permeada de encobrimentos. A análise da relação entre Murilo e a horta permite escapar da ideia de que existe um espaço "correto" que salva ou transforma alguém

magicamente. Ou de que a sala de aula seja antiquada, e os espaços lúdicos, a solução inovadora. O que permite uma resposta pedagogicamente complexa e responsável à complexidade da relação das crianças com os espaços parece ser, portanto, a atenção às forças que vão sendo, ocultamente, cultivadas ali.

Palavras-chave
espaço escolar, infância, cartografia, filosofia com crianças, epistemologias infantis.

Referências Bibliográficas

GAIVOTA, D. Escolas Invisíveis: dobras para uma críptica da visão pura. Rio de Janeiro: NEFI, 2024.

DELEUZE, G., & GUATTARI, F. Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia. (Vol. 1, 2 ed.). São Paulo: Editora 34, 2011.

SOBRE O SENTIR E O NÃO SABER EM SIMÓN RODRÍGUEZ: POR UMA FILOSOFIA OUTRA NA ESCOLA

Alice Pessanha Souza de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Esse trabalho integra-se ao meu projeto de doutorado, no qual tenho por objetivo pensar o lugar da filosofia na escola para a invenção de uma América Latina outra. A partir da filosofia da educação de Simón Rodríguez (2016), filósofo e educador do século XIX, quero questionar as possíveis relações entre a filosofia e a invenção. Por que encontramos em seus escritos, e em sua vida, a luta pela invenção de uma América Latina outra ao mesmo tempo que encontramos, repetidas vezes, a reivindicação pela filosofia na escola? Qual a relação entre filosofia e invenção? O que pode a filosofia na invenção de sujeitos e modos de vida? Nesse trabalho quero abordar um dos problemas que tem se manifestado no decorrer da pesquisa. Mais especificamente, proponho pensar em que medida podemos compreender a invenção de Simón Rodríguez como a construção de uma sensibilidade outra, distinta daquela que regia as subjetividades colonizadas latino-americanas.

Para isso, parto da relação estabelecida por Rozitchner (2012) entre ignorância e não sentir em Simón Rodríguez. Segundo Rozitchner, ao denunciar a ignorância europeia, o que faz Rodríguez é alertar sobre a impossibilidade de conhecer se não sentimos a dor que sente o outro. Nesse sentido, diríamos que, o que faz Rodríguez é estabelecer a base de sua invenção, a saber, inventar uma América Latina outra é inventar formas de ser e pensar capazes de sentir a dor do outro.

Para abordar esse problema utilizo como referência a compreensão de colonialidade elaborada por Maldonado-Torres (2023) e seu conceito de não ética de guerra, que, segundo o filósofo, nos constitui hoje nas Américas como sujeitos. Essa não-ética de guerra é consequência da forma como os colonizadores chegaram nessas terras: não orientados pelos princípios éticos que regiam suas vidas em sociedade, mas por uma ética, ou melhor, uma não ética, própria da guerra. Ao recorrer a Fanon, e sua compreensão de damné, Maldonado-Torres nos abre caminho para questionar em que medida a violência torna-se a linguagem do colonizado. Assim abordar a filosofia na escola, a partir de Simón Rodríguez, é pensar em que medida a filosofia, em sua dimensão de pergunta, torna-se capaz de questionar a naturalização da violência que nos rege e a incapacidade de sentir a

dor do outro, abrindo caminhos possíveis para pensar sistemas de pensamento que não mais ignorem as dores que nos circundam, mas nos façam percebê-las e senti-las para que possamos assim, inventar modos outros de ser no mundo que vivemos.

Palavras-chave
invenção, filosofia, América Latina, colonialidade, ensino de filosofia.

Referências Bibliográficas

Maldonado-Torres, N. Sobre a colonialidade do ser. Rio de Janeiro: Viaverita, 2022.

RODRÍGUEZ, Simón. Obras completas. Caracas: UNESR, 2016. ROZITCHNER, León. Filosofía y emancipación. Simón Rodríguez: el triunfo de un fracaso ejemplar. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2012.

UMA ILHA, DUAS PEDAGOGAS E MUITAS PERGUNTAS: EXPERIÊNCIA, FORMAÇÃO E POLÍTICA DA ESCUTA

Priscila da Silva Rodrigues Carvalho
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Cristiane Fátima Silveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Este trabalho nasce do encontro entre uma baiana e uma mineira, duas pedagogas e doutorandas em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em formação filosófica junto ao Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI). A partir de uma experiência vivida no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), na Ilha Grande/RJ, em fevereiro de 2024, buscamos refletir sobre a formação filosófica como experiência sensível, coletiva e política. O texto parte da compreensão de que a filosofia da educação pode constituir-se como espaço de abertura ao não saber, à escuta e à pergunta, deslocando formas aceleradas e produtivistas de viver a formação acadêmica. A experiência formativa vivida na ilha colocou em questão os modos contemporâneos de habitar o tempo, produzir conhecimento e relacionar-se com o outro. Em um espaço marcado pela suspensão do ritmo cotidiano e pela convivência intensa entre sujeitos, natureza e pensamento, emergiram perguntas sobre formação, escuta, diálogo e transformação. Interrogamos, assim, a própria noção de formação: uma formação produz experiências? Ou seriam as experiências que tornam possível uma formação? Inspiradas em Paulo Freire e Walter Kohan, pensamos a pergunta não como ausência de resposta, mas como gesto ético, político e sensível de abertura ao mundo e aos outros. O trabalho articula filosofia, infância e educação para defender a importância de uma formação comprometida com a escuta, com a partilha e com a possibilidade de desaprender certezas. A experiência narrada evidencia a potência política dos encontros formativos capazes de reorganizar sensibilidades, afetos e modos de estar-junto. Concluímos que a formação experiência vivida permanece inacabada, reverberando em nossas práticas educativas e em nossa maneira de compreender a pesquisa, a docência e a própria vida como espaços de abertura ao inédito.

Palavras-chave
Formação filosófica; Estética e política; Pergunta; Escuta; Experiência.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996. FREIRE, Paulo;

FAUNDEZ, Antonio. Por uma pedagogia da pergunta. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Sobre educação: diálogos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KOHAN, Walter Omar. Paulo Freire: outras infâncias para a infância. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 34, 2018.

KOHAN, Walter Omar. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (Orgs.). Uma escrita acadêmica outra. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

24 . setembro . 2026 **sala 12 - ed15**

Eixo Temático: estética e arte



ENTRE O SENTIR E O MOVER: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA, ARTE E AUTOCUIDADO NA FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA

Adrianne Ogêda Guedes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Lívia Tavares da Silva Campos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Thais Azevedo de Almeida
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Este estudo investiga de que formas as práticas corporais, experiências de criação e propostas de autocuidado do componente curricular "Corpo e Movimento" – disciplina obrigatória do curso de pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) – têm afetado os discentes e a equipe docente, composta pelas autoras deste estudo. O recorte empírico foca na turma do turno vespertino, no semestre de 2026.1. Neste resumo, apresentamos alguns elementos que constituem e contextualizam essa experiência, a serem aprofundados no trabalho completo.

A disciplina teve início com uma carta da equipe docente aos discentes, na qual compartilhamos a expectativa de ampliar possibilidades de autonomia, liberdade e autocuidado ao longo do percurso formativo. O uso do gênero epistolar na pesquisa e na docência instaura uma escrita em relação, tecida na endereçabilidade e no encontro com o outro, compreendendo a linguagem como prática dialógica. Nesse horizonte, a carta ganha densidade como prática formativa, pois acolhe a experiência, movimenta a memória, sustenta a escuta e favorece a produção de sentidos em processos que permanecem abertos, inacabados e profundamente implicados com a vida.

Em continuidade, os discentes foram convidados a escrever uma "carta de chegança", endereçada à equipe, apresentando-se e respondendo às questões propostas acerca de seus (des) encantamentos com a vida, de suas relações com o próprio corpo e de suas (im)possibilidades de autocuidado, favorecendo um conhecimento mais próximo e um acolhimento sensível. Nos encontros semanais, apostamos em metodologias que abraçam práticas de autocuidado, conscientização corporal, meditação, relaxamento, brincadeiras e danças, articuladas a leituras e rodas de conversa. Com isso, buscamos valorizar tanto os saberes incorporados nos discentes quanto aqueles que emergem nos encontros.

Esta pesquisa está em andamento e se constroi através de "metodologias minúsculas", que são formas científicas de se caminhar compromissadas com as singularidades, com o diferir, com o sabor e o saber criado e vivenciado na pesquisa (Guedes e Ribeiro, 2019).

Diante das “armadilhas psicossomáticas neoliberais que capturam diariamente nossa vitalidade” (Patzdorf, 2021, p. 14), a disciplina aposta no encantamento através das FRESTAS (em referência ao grupo de pesquisa das autoras Formação, Ressignificação, Saberes, Trocas, Arte e Sentidos). Nessa perspectiva, o conceito de encantamento (Simas e Rufino, 2020) refere-se à potência de produzir experiências sensíveis que tensionam com a lógica racional e utilitarista da vida, abrindo espaço para outras formas de relação com o corpo, com o outro e com a própria existência.

Palavras-chave
educação estética, cuidado, arte, corpo e movimento, formação docente.

Referências Bibliográficas

GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (Orgs.). Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas. Rio de Janeiro: AYVU, 2019.

PATZDORF, Danilo. Pequeno manual de autocuidado para corpos esgotados. 2021. Disponível em: https://paisagenscolaborativas.files.wordpress.com/ 2021/11/ pequenomanual-de-autocuidado-para-corpos-esgotados-danilo-patzdo rf-final-e-revisado-danilopatzdorf-casari-de-oliveira.pdf

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Encantamento: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

UMA PERGUNTA PARA A CRÍTICA DE ARTE: É PRECISO ENSINAR ARTE?

Bruno Novadvorski
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

É inegável a relevância das contribuições de Jacques Rancière o campo da arte e da educação e, de modo mais amplo, para a arte, a estética e a política. Em seu livro, O mestre ignorante (2002), o autor expõe os paradoxos da relação entre o mestre e o aluno no âmbito da educação, criticando a hierarquização que essa relação historicamente instituiu.

No texto Pedra de tropeço: a igualdade como ponto de partida (2003) com base na obra anteriormente citada, Lílian do Valle, analisa, no contexto brasileiro e à luz da de Rancière, a tradição pedagógica que dá ao mestre o monopólio da voz autorizada. Essa "distribuição desigual" do direito de fala legítima se apoia na crença da desigualdade de inteligências entre mestre e o aluno. Rancière propõe assim, com a tese da "igualdade das inteligências" que edifica uma reflexão sobre a educação democrática e emancipadora.

Ampliada, esta postulação serve para orientar o questionamento não só das relações pedagógicas, mas também do mito do "especialista" que detém, no caso da arte, o controle da crítica das obras, tendências e processos de criação. Deriva daí a definição do caráter pedagógico desta crítica, que faz do "especialista" – crítico ou curador – responsável por "ensinar" a apreciar a arte e, como afirmou Didi-Huberman, buscar o que cada obra "esconde" seu significado oculto (DIDI-HUBERMAN, 2013). Mas, até que ponto a crítica de arte deve conduzir seu leitor como um "ignorante", instruindo-lhe como "apreciar" uma obra de arte? Parece claro que desta postura implica-se um desprezo pela aventura sensível e única de cada expectador, o formalismo racionalista se substituindo a sua experiência. Como, e então, exercer uma crítica que estimule a abertura a arte e a capacidade de reflexão crítica, sem reafirmar a ordem hierárquica que divide "aquele que sabe" e o que "não sabe apreciar"? Como o exercício do crítico deve favorecer a igualdade e não o contrário?

Sujeita a um questionamento necessário, a função da crítica de arte pode ser comparada àquela da educação: uma crítica emancipadora deve reconhecer a igualdade das inteligências capaz de reconfigurar o sensível, ou seja, o modo de organização do sensível (RANCIÈRE, 2005)

Palavras-chave
arte, crítica de arte, espectador, formação humana, partilha do sensível.

Referências Bibliográficas

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. Tradução Mônica Costa Neto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

VALLE, L. Perda de tropeço: a igualdade como ponto de partida. Educação e Sociedade, v. 24, n. 82, p. 259-266, 2003.

TECNOFERÊNCIA PEDAGÓGICA E APRENDIZADO DA ARTE

Juliana Arraes Tavares dos Santos
Universidade Estadual de Campinas

Ao desejar compor uma música, o indivíduo recorre a ferramentas de inteligência artificial por considerá-las mais rápidas ou acessíveis. Nesse contexto, a etapa de aprendizagem musical é suprimida, juntamente com os desafios, as frustrações e os esforços inerentes a esse processo formativo. Do mesmo modo, deixam de ocorrer experiências fundamentais, como ensaios coletivos e interações em grupo, que possibilitam o desenvolvimento de saberes socialmente produzidos.

Ao delegar à tecnologia a produção artística, o sujeito renuncia, ainda que parcialmente, à vivência do processo criativo, à construção gradual da expressão estética e ao exercício de funções psicológicas superiores, como pensamento reflexivo, autorregulação, imaginação criadora e elaboração simbólica. Consequentemente, a aprendizagem deixa de se constituir como experiência formadora integral.

Esse processo é um exemplo de Tecnoferência Pedagógica, que entendemos como as interrupções regulares nas interações sociais, mas também as consequências relativas aos processos de desenvolvimento e aprendizagem derivadas das interferências oriundas dos dispositivos digitais e seus softwares.

O trabalho aqui apresentado pretende analisar a interferência das tecnologias na dinâmica do acompanhamento pedagógico no aprendizado de artes. Portanto, tem como objetivo destacar o que chamamos de Tecnoferência Pedagógica, refletindo, a partir do referencial filosófico e educacional, sobre as abstrações ocorrentes nesse processo e suas consequências para o desenvolvimento infantil. Admitindo a pedagogia como o saber transversal proveniente do acompanhamento (Figueiredo, 2017) e a relação pedagógica como essencialmente humana (Freire, 2002), é questionado como o campo pedagógico deve se relacionar com o problema da entrada indiscriminada das novidades tecnológicas no universo do ensino.

Tendo como base o artigo "Ideologia e educação" de Marilena Chaui (2016), que no início da década de 1980 já alertava para o caráter contraditório da introdução da tecnologia na educação (tornando o aluno como consumidor passivo de conteúdo, expondo-o à simplificação extrema do conhecimento e à redução da dimensão simbólica), bem

como fundamentado em alguns estudos sobre a relação entre filosofia e artes no mundo digital (N. BECCARI, 2023; JOHANN, 2021), este trabalho tem em vista integrar o Eixo IV do VI Congresso Internacional da SOFIE, atentando para a formação sensível do educando e para a importância da dimensão estética na constituição humana, compreendendo a sensorialidade, os vínculos e as interações sociais como elementos fundamentais dos processos educativos.

Palavras-chave
tecnoferência pedagógica, acompanhamento, ensino de artes, estética.

Referências Bibliográficas

CHAUI, Marilena. Ideologia e Educação. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 42, n. 1, p. 245-257, jan./mar. 2016.

FIGUEIREDO, Glaucia. Fuga imagética identitária II A pedagogia como um saber transversal e singular. In: Traçados nômades da pedagogia: do ofício do pedagogo e das imagens identitárias da profissão na contemporaneidade. Curitiba: Appris editora, 2017, p. 172; p. 236.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JOHANN, M. R. (2021). Arte, experiência e alteridade: reflexões no horizonte da educação ético estética. Revista Tempos e Espaços em Educação, 14(33), e15315. http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v14i33.15315.

BECCARI, Marcos; MARQUES KUSSLER, Leonardo; DIEHL DE OLIVEIRA, João Victor. Imagens [de]generativas: o ensino de artes visuais e design gráfico face à inteligência artificial. SCIAS. Educação, Comunicação e Tecnologia, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 124-141, 2023. DOI: 10.36704/sciaseducomtec.v5i2.7896. Disponível em: https://revista.uemg.br/sciasedcomtec/article/view/7896. Acesso em: 20 maio. 2026.

VOZ E EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Vinícius Ferrari Daniel
Universidade Estadual Paulista

Rodrigo Pelloso Gelamo
Universidade Estadual Paulista

No teatro, é comum que se fale em "projetar" a voz, uma vez que é por meio dela que o ator e a atriz partilham e narram ao público as histórias e experiências que se desdobram no palco. Do ponto de vista cênico, "ter voz" e "se fazer ouvir" se tornam sinônimo de assumir autoridade pelo que é dito. Com o presente trabalho investigamos filosoficamente o problema da voz no contexto educacional, especialmente nas aulas de filosofia. A voz aqui é compreendida não estritamente como emissão sonora, mas como possibilidade de narração da própria experiência. Partindo da aproximação entre espaço cênico e sala de aula, questionamos: como a voz do aluno pode se fazer ser ouvida?

A reflexão mobiliza principalmente Giorgio Agamben (2025), para quem a filosofia pouco tematizou a voz. Em sua perspectiva, a "infância", entendida como condição transcendental situada entre experiência e linguagem, constitui o lugar em que a experiência humana ainda não foi plenamente capturada pela palavra. A experiência, nesse sentido, é aquilo que convoca o sujeito à sua autoexpressão. Entretanto, a contemporaneidade vive um processo de "expropriação da experiência", produzindo uma pobreza experiencial que afeta diretamente a constituição da linguagem e da subjetividade (Agamben, 2005). Argumentamos que a educação formal participa historicamente dessa expropriação ao privilegiar a recognição e a transmissão de conteúdos já consolidados em detrimento de se estabelecer experiências autênticas que estimulem o pensar. Assim, o ensino de filosofia frequentemente se reduz à repetição de conceitos acabados, desconectados dos problemas e experiências que lhes deram origem. A partir de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), defende-se que o conceito filosófico só emerge diante de um problema que afeta o sujeito no campo da experiência. Sem essa dimensão, inviabiliza-se o próprio filosofar. Aproximamo-nos ainda das críticas de Paulo Freire à cultura do silêncio, entendida como forma de negação da palavra e do direito de "pronunciar o mundo" (Freire, 1981, p.13), estendendo isso a reflexão filosófica: a expropriação do direito a problematização e a conceituação a partir das próprias experiências. Também dialogamos com Augusto Boal (2009), para quem o silenciamento dos sujeitos envolve tanto a perda do discurso quanto da sensibilidade estética. Recuperar a voz significaria, portanto, restabelecer a relação entre

experiência, sensibilidade e linguagem, criando condições para que o aluno narre, problematize e filosofe a partir da própria experiência.

Palavras-chave
ensino de filosofia; experiência; teatro; linguagem; cultura do silêncio.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. A voz humana. Tradução de Claudio Oliveira. São Paulo: Quina Editora, 2025.

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

INVENTAR O EDUCADOR. APOSTAR NO ARTISTA

Paula Gadelha
Universidade Federal Fluminense

Na tentativa de atribuir uma função ao que se pensa ser a educação, rapidamente somos conduzidos à imagem da formação e do ensino. Quase como a fórmula essencial da educação. No entanto, certo ou errado, a educação está diretamente ligada às formas de se situar no mundo. Mas e se, o posicionamento se produzir pelo campo do sensível? Para onde irá a educação?

Aponto, aqui, um caminho para elaborar uma educação que se instale no campo estético e que nos coloque a mercê do caos, uma atitude muito entrelaçada a um fazer artístico (Deleuze; Guattari, 1992).

Quando criança, fui ao circo pela primeira vez e por alguma razão meu corpo esquentou de tal forma que minhas bochechas ficaram rosadas e minha pele começou a suar. Era febre. Eu não lembro, minha mãe que me contou. Quando Agnès Varda em Ulisses (1983), retorna, após 30 anos, a foto que bateu do menino nu na praia, ele diz não lembrar. Nem da foto, nem do momento. Mas, por alguma razão, ele fez uma pintura, ainda criança, do instante registrado por Varda. Pintura esta que também não lembrava. A memória em si não garante a relevância desses dois momentos. Mas a febre e a pintura nos atestam que algo nos enfrentou e nos atravessou. Em contraste com o campo da consciência, o que nos ocorreu transborda da linguagem para nos dar notícia de uma linha de operação da experiência quase imperceptível, bem como situa Guattari e Rolnik (1996) ao afirmar que qualquer processo de revolução só se viabiliza em um "(...) campo social inconsciente, para além ou aquém do discurso" (p.185). Nesse âmbito, a experiência estética se articula causando "microdesestabilizações naquilo que entendemos como 'nosso mundo'." (p. 51, Migliorin, 2015), se afirmando, assim, política. Nesse sentido, se a experiência estética nos reposiciona no mundo há de importar à educação.

Dessa forma, quando Deleuze e Guattari (1992) falam que "o artista traz do caos variedades, que (...) erigem um ser do sensível" (p. 260) sugerem um gesto de operação com o caos que nos coloca no limite na estabilidade, pois com isso se instaura "uma crise nas formas de ver e perceber" (Migliorin, 2015, p.79). Penso que isso pode tratar, também, de um fazer pedagógico. Portanto, para direcionar um caminho para o

educador, o artista pode ser uma aposta importante para elaborar uma prática que seja, acima de tudo, criativa e sensível.

Palavras-chave
experiência estética, educador, artista, sensível, política.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? São Paulo: Editora 34, 1992.
GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOHAN, Walter Omar. Infância. Entre a Educação e a Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

24 . setembro . 2026 **sala 13 - ed16**

Eixo Temático: estética e política

CORPO, IMAGEM E ALTERIDADE: A ESTETIZAÇÃO DO SUJEITO DA INJUSTIÇA SOCIAL ENTRE LÉVINAS E DUSSEL

José Ricardo Cunha
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O presente trabalho investiga o modo como, nas sociedades contemporâneas marcadas pela centralidade das mídias digitais, o corpo do sujeito da injustiça social é progressivamente substituído por uma economia estética de imagens que reorganiza a experiência sensível do outro e condiciona sua inteligibilidade no espaço público. Parte-se da hipótese de que essa substituição não constitui apenas uma distorção representacional, mas uma forma específica de violência que compromete a possibilidade de interpelação ética e de emergência política desses sujeitos.

A análise desloca-se de uma abordagem sociológica da injustiça social para uma problematização filosófica da experiência sensível, compreendendo o corpo como lugar de exposição, vulnerabilidade e aparecimento do outro. Nesse contexto, propõe-se o conceito de economia estética de imagens para designar o conjunto de práticas de produção, circulação e disputa de imagens que estruturam a percepção coletiva e mobilizam afetos políticos. Memes e representações visuais simplificadas não apenas representam, mas frequentemente substituem o sujeito da injustiça social, reduzindo sua corporeidade a signos estereotipados e afetivamente mobilizadores.

A reflexão encontra em Emmanuel Lévinas um primeiro eixo teórico, ao sustentar que o rosto do outro não pode ser reduzido a imagem ou representação, pois constitui uma presença que interpela eticamente e exige responsabilidade. A economia estética de imagens, ao substituir o rosto por representações, opera uma redução da alteridade e compromete a relação ética originária. Contudo, essa abordagem é ampliada a partir de Enrique Dussel, cuja filosofia da libertação reinscreve o corpo do outro no campo da política. Por meio do princípio-libertação, evidencia-se que a interpelação ética exige respostas concretas capazes de transformar as estruturas que produzem a injustiça.

Do ponto de vista da formação humana, argumenta-se que a educação deve ser compreendida como formação estética do olhar, isto é, como um trabalho crítico sobre as formas de ver, sentir e interpretar o outro. Isso implica tensionar as mediações imagéticas dominantes e criar

condições para que o outro apareça como presença, e não como imagem estabilizada. Nesse sentido, a noção de testemunho é problematizada, pois não se trata de mera inclusão discursiva, mas da possibilidade de o sujeito aparecer a partir de sua própria corporeidade.

Conclui-se que a crítica à economia estética de imagens exige um reposicionamento ético, político e educativo que amplie os espaços de manifestação dos sujeitos da injustiça social, fortaleça suas formas de organização e promova uma sensibilidade capaz de resistir à sua redução imagética.

Palavras-chave
alteridade, corpo, imagem, ética da alteridade, ética da libertação.

Referências Bibliográficas

Máximo de 5 referências

DUSSEL, Enrique. Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

DUSSEL, Enrique. Hacia una Filosofía Política Crítica. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. De Otro Modo que Ser o Más Allá de la Esencia. Salamanca: Sígueme, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

EDUCAÇÃO, ALTERIDADE E LIBERTAÇÃO: UMA ABORDAGEM ESTÉTICO-POLÍTICA A PARTIR DE LÉVINAS E DUSSEL

Leonan Gustavo Genghini da Cruz
Universidade São Francisco

Clayton Messias
Universidade São Francisco

Karina Carrasqueira Lopes
Universidade São Francisco

O presente resumo propõe uma reflexão acerca das relações entre educação, alteridade e libertação a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel, buscando compreender de que maneira a experiência ética do encontro com o Outro pode fundamentar práticas educativas comprometidas com a emancipação e a transformação social. Em um contexto marcado pela exclusão, pela instrumentalização da vida e pela permanência de estruturas coloniais de poder, torna-se necessário (re)pensar a educação para além de modelos meramente técnicos ou utilitaristas, recolocando no debate a responsabilidade ética diante da alteridade e das múltiplas formas de opressão.

A partir da filosofia da alteridade de Lévinas, o estudo analisa a centralidade do rosto do Outro como interpelação ética originária, anterior a qualquer sistema conceitual ou político. Nesse horizonte, a educação deixa de ser compreendida apenas como transmissão de conteúdos e passa a ser entendida como abertura ao Outro, acolhimento da diferença e responsabilidade infinita. Em diálogo com essa perspectiva, a analética dusseliana é mobilizada para pensar a dimensão histórico-política da libertação, especialmente no contexto latino americano, marcado pelas consequências da colonialidade que geram a exclusão social. Dussel amplia a reflexão ética ao enfatizar a necessidade de ouvir as vozes historicamente silenciadas e construir práticas educativas voltadas à libertação dos sujeitos marginalizados.

Além disso, este resumo busca aproximar tais reflexões de uma abordagem estético-política da educação, compreendendo a estética como sensibilidade ética diante do sofrimento e da vulnerabilidade do Outro. Assim, defende-se que a experiência educativa pode constituir um espaço de resistência às lógicas de dominação, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de reconhecer a dignidade da alteridade e atuar criticamente na transformação da realidade social. A pesquisa possui caráter teórico e fundamenta-se principalmente nas obras de Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel, articulando filosofia, educação e crítica da modernidade, com especial atenção aos desafios éticos presentes nas sociedades contemporâneas latino-americanas.

Palavras-chave
educação, alteridade, libertação, Lévinas, Dussel.

Referências Bibliográficas

DUSSEL, Enrique. Filosofia da libertação. São Paulo: Loyola, 1977.

DUSSEL, Enrique. Método para uma Filosofia da Libertação. São Paulo: Loyola, 1986.

DUSSEL, Enrique. Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÉVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1980.

LÉVINAS, Emmanuel. Ética e Infinito. Lisboa: Edições 70, 1982.

SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA E DIMENSÃO HISTÓRICA DA EXISTÊNCIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA CENA ESCOLAR EM TORNO DA LEI 10.639

Anita Pompéia Soares
Universidade de São Paulo

Os mais de vinte anos da entrada em vigor da lei 10.639 (Brasil, 2003), que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação básica nacional, fomenta reflexões sobre seus efeitos. Partindo do relato de uma professora, este texto tem como objetivo realizar um exercício de pensamento, no campo da filosofia da educação, sobre uma experiência escolar que tem a lei como pano de fundo.

A narrativa docente relata a performance de estudantes e professores em torno do que a lei apenas sugere em termos abrangentes. Na ocasião, estudantes colocaram em operação diferentes noções de sujeitos: se, por um lado, a lei convoca um ideal de subjetividade nacional e dialoga com coletividades negras que atuaram para sua promulgação, a cena em questão performou o humano. Nosso olhar preocupado em examinar como pode a escola abrir espaço para narrativas reparadoras encontrou, no meio do caminho, a dimensão histórica da existência implicada na formação de subjetividades.

A tentativa de atribuir significados à cena escolar nos leva a convocar o conceito de subjetivação política de Jacques Rancière (2018). Para o autor, a formação de uma nova subjetividade não ocorre sem a negação de uma exclusão produzida pela palavra de um outro. Tal efeito parece particularmente importante num contexto que questiona delimitações curriculares que, por tanto tempo, marcaram pela alcunha do "outro" uma diversidade de sujeitos, povos e saberes.

Em Rancière (2018), a subjetivação é política, pois perpassa um processo de remodelação do sensível, que reorganiza a partilha dos papéis sociais, os modos de ser, aparecer e dizer de cada um numa esfera comum, compartilhada. O conceito nos leva de volta à cena e nos ajuda a refletir sobre a relação entre a formação de subjetividades e a dimensão histórica da existência de cada num tempo em que sujeitos no interior das escolas arriscam dar uma configuração única a ideais formais, normativos, com finalidades reparadoras.

Palavras-chave
subjetivação política, experiência escolar, lei 10.639, Jacques Rancière, cena.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Lei nº 10639 de 10 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p.1, 10 jan. 2003.

RANCIÈRE, J. O desentendimento. Política e Filosofia. São Paulo: Editora 34, 2018.

EDUCAÇÃO, ACELERAÇÃO E SEMIFORMAÇÃO: ENSINAMENTOS DE UM XAMÃ

Darlan Marcelo Delgado
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Emerson Freire
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Marcelo Micke Doti
Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

O processo de formação e de iniciação de um jovem xamã, como o caso narrado por Davi Kopenawa, na obra A queda do céu, pode se apresentar como significativa fonte de reflexão sobre a formação educacional comparativamente às promessas não cumpridas da modernidade ocidental: autenticidade, autonomia e individualidade. Nos pressupostos antípodas da modernidade e suas constelações (cultura, relações sociais, ética, epistemologias, trocas) teríamos aquelas a nos inspirar a reconquistar os conteúdos prometidos.

Na obra acima mencionada (Kopenawa, Albert, 2015), Kopenawa relata sua formação como xamã yanomami, no contexto da cultura e da cosmologia de seu povo. Toda a trajetória e as experiências vivenciadas ao longo de sua infância e juventude culminam no seu rito pessoal de iniciação xamânica, sendo que este longo e imersivo processo pode ser tomado à guisa de reflexão para a educação contemporânea, suas características e peculiaridades no contexto de uma sociedade que reduz a educação àquilo que Adorno (2010) nomeou de Halbbildung (semiformação).

Já na infância Kopenawa passa a sonhar com os xapiri, os espíritos da floresta, que vêm dançar para ele, o agitando e assustando. Ele ainda não sabia que os xapiri fariam parte de seu rito de iniciação e de formação como xamã. Este processo exige uma temporalidade que não pode ser alterada nem mesmo aligeirada por forças estranhas às etapas da educação das crianças e adolescentes yanomamis. A educação yanomami indica ser alheia à temporalidade cronológica (o tempo de Chronos) e respeitosa à temporalidade do indivíduo e de seu amadurecimento (o tempo de Kayrós), daí a relevância da formação da autonomia do indivíduo e a crítica à aceleração (Rosa, 2022; Pripas, 2009).

Ao longo de toda a trajetória formativa da infância à adolescência, Kopenawa é conduzido por seu padrasto e, ao chegar no momento de seu rito de iniciação xamânica, é guiado e cuidado por seu sogro. Pode-se observar um cuidado por parte de quem o conduz, de modo que poder-se-ia tomar como análogo ao papel de um preceptor ou formador. Na iniciação, o sogro cuida de Kopenawa ao longo dos dias do processo, assegurando sua privacidade na casa, seus cuidados pessoais, sua

alimentação e seu repouso. Não se trata apenas de um papel de transmissão de conhecimentos ou de simples mediação entre iniciando e saberes. O formador acompanha o processo de modo zeloso com a individualidade do educando. A formação plena de Kopenawa recupera as categorias prometidas e não cumpridas da modernidade.

Palavras-chave
formação, semiformação, aceleração, cultura indígena.

Referências Bibliográficas

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PRIPAS, S. Cronos ensandecido: sobre a agitação no mundo contemporâneo. São Carlos-SP: EdUFSCar, 2009.

ROSA, H. Alienação e aceleração: por uma teoria crítica da temporalidade tardo-moderna. Tradução de Fábio Roberto Lucas. Petrópolis-RJ, Vozes, 2022.

SENSIBILIDADE, ALTERIDADE E FORMAÇÃO: POR UMA CRÍTICA COSMOPOLÍTICA DA RACIONALIDADE EDUCATIVA

Fábio Caires Correia
Universidade Estadual Paulista

O presente trabalho propõe uma reflexão filosófico-educacional acerca da crise contemporânea da formação (Bildung), tomando como ponto de partida a hipótese de que os atuais processos de subjetivação, profundamente atravessados pela racionalidade neoliberal e pela intensificação das formas de controle tecno-político, têm produzido sujeitos cada vez mais adaptados à lógica da performatividade, da concorrência e da obediência. Nesse cenário, argumenta-se que a dimensão estética da formação, entendida como constituição sensível da experiência, da escuta e da capacidade de ser afetado pelo outro, encontra-se progressivamente capturada por dispositivos de administração da vida e de neutralização da alteridade.

A pesquisa articula, de modo intercultural e crítico, dois referenciais teóricos centrais: a Teoria Crítica da Sociedade, especialmente a reflexão de Theodor W. Adorno acerca da semiformação (Halbbildung) e da razão instrumental; e a cosmologia yanomami de Davi Kopenawa, sobretudo a partir da obra A queda do céu, elaborada em parceria com Bruce Albert. A aproximação entre esses referenciais permite compreender a formação não apenas como transmissão de conteúdos ou adaptação funcional à ordem vigente, mas como experiência ético-estética de elaboração do mundo, fundada na sensibilidade, na memória, na reciprocidade e na abertura radical à alteridade.

Ao tensionar a crítica adorniana da racionalidade administrada com a ontologia relacional ameríndia, o trabalho busca evidenciar como os regimes contemporâneos de formação produzem um empobrecimento da experiência sensível, restringindo as possibilidades de construção de subjetividades não autoritárias. Em contrapartida, a cosmologia yanomami oferece elementos para pensar uma outra política do sensível, baseada na interdependência entre humanos, não humanos e territórios, deslocando os fundamentos antropocêntricos e produtivistas da educação moderna.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa teórico-conceitual, orientada pela crítica imanente e pela tradução intercultural, visando construir uma zona de interlocução entre crítica social e cosmopolítica. Defende-se, por fim, que a reconfiguração estética da

formação constitui uma condição fundamental para resistir às formas contemporâneas de barbárie e para reimaginar práticas educativas comprometidas com a dignidade da vida, a pluralidade dos mundos e a reconstrução do comum.

Palavras-chave
formação, estética política, subjetivação autoritária, cosmopolítica, alteridade ontológica.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. Dialética negativa. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor. Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. O espírito da floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CIDADANIA DIGITAL E AS EFEMERIDADES DAS RELAÇÕES NO MEIO DIGITAL

Gabriel Magerl Dutra
Universidade de Caxias do Sul

A cidadania digital tornou-se um dos principais temas de debate na contemporaneidade devido ao avanço das tecnologias digitais e à ampliação das relações humanas nos ambientes virtuais. Em uma sociedade marcada pela conectividade, redes sociais e circulação instantânea de informações, as formas de interação passaram a ocorrer de maneira cada vez mais rápida, dinâmica e efêmera. Nesse contexto, compreender como as relações sociais se desenvolvem no meio digital é fundamental para refletir sobre os impactos culturais, sociais e educacionais provocados pela digitalização da vida cotidiana.

A cidadania digital pode ser entendida como a participação consciente, ética e responsável dos indivíduos nos espaços digitais. Ela envolve direitos, deveres, acesso à informação, produção de conteúdo e convivência em redes digitais. Entretanto, ao mesmo tempo em que as tecnologias ampliam as possibilidades de comunicação e interação, também contribuem para a superficialidade das relações humanas, marcadas pela instantaneidade e pela volatilidade dos vínculos sociais. As redes sociais digitais favorecem conexões rápidas e constantes, porém muitas vezes frágeis e passageiras, influenciadas pela lógica do consumo acelerado de conteúdos e pela necessidade permanente de exposição e reconhecimento social.

Nesse cenário, as reflexões de Gilles Lipovetsky, especialmente na obra O Império do Efêmero, contribuem para compreender a valorização do imediato e do transitório na sociedade contemporânea. Para o autor, a cultura moderna é marcada pela constante renovação dos comportamentos, das imagens e das formas de consumo, produzindo relações cada vez mais instáveis e passageiras. No ambiente digital, essa lógica manifesta-se na velocidade com que conteúdos, tendências e interações surgem e desaparecem, reforçando experiências sociais mediadas pela busca contínua por novidade, visibilidade e pertencimento. Assim, as relações digitais tornam-se marcadas pela fluidez e pela efemeridade, impactando diretamente a construção das identidades e das formas de participação social.

Além disso, as interações mediadas por algoritmos e redes digitais podem favorecer práticas de desinformação e exclusão digital,

evidenciando a necessidade de uma formação crítica voltada para o exercício da cidadania digital. Nesse sentido, a educação possui papel fundamental na construção de sujeitos capazes de compreender criticamente o funcionamento das tecnologias e das relações sociais digitais. Promover a cidadania digital significa desenvolver competências relacionadas à ética, responsabilidade, empatia e pensamento crítico, possibilitando que os indivíduos atuem de maneira consciente nos ambientes digitais. Assim, refletir sobre as efemeridades das relações no meio digital torna-se essencial para compreender os desafios da convivência humana em uma sociedade cada vez mais conectada.

Palavras-chave
cidadania digital; efemeridade; relações digitais; tecnologia; educação.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DI FELICE, Massimo. A cidadania digital. São Paulo: Paulus, 2021.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Editora 34, 1993. LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHLEMMER, Eliane. Educação OnLIFE: conceito e paradigmas. São Paulo, 2021.

24 . setembro . 2026 **sala 14 - II02**

Eixo Temático: estética e política

O NASCIMENTO DE ÉDOUARD LOUIS: OU "A BELA VIOLÊNCIA DO DESENRAIZAMENTO"

Luiz Coppi
Universidade Estadual de Campinas

Carolina dos Santos Machado Azevedo
Universidade Estadual de Campinas

Em “Mudar: método”, o escritor francês Édouard Louis narra numa perspectiva autoficcional o processo pelo qual abandona sua cidade de origem e, em contato com uma classe social diversa da sua, passa a experimentar tudo aquilo que seria impróprio para alguém com as suas raízes. Filho de operários pauperizados e machistas, Édouard – então ainda Eddy Bellegueulle –, sob influência de uma amiga que faz no novo colégio, passa a experimentar os livros, a poesia, a literatura, a filosofia; passa a pôr em contato com seu paladar sabores que lhe eram completamente estranhos; experimenta sensações e sentimentos que jamais autorizaria a si mesmo provar. Desenraíza-se de uma identidade que acreditava ser definitiva para si e, nesse movimento, encontra a “possibilidade de uma forma de liberdade”. Eddy torna-se um estranho para aqueles com quem convivera até então. Eddy torna-se um estranho para si mesmo. E, violentado por essa percepção ao mimetizar aquilo que encontra nas novas relações que estabelece, rompe com um destino aparentemente definitivo e dá à luz Édouard. Emancipou-se? Ou apenas foi dominado pela nova classe? Neste trabalho, pretendemos investigar essas questões a partir das noções de “nascimento”, conforme Hannah Arendt o define, e de “política”, no entendimento de Jacques Rancière. O percurso narrado por Louis, assim como o de outros autores contemporâneos que se identificam como “trânsfugas de classe”, traz uma ambiguidade instigante em relação ao que lhes ocorre. Pode-se interpretar que não há mudanças sociais profundas quando passam a se sentir livres ao ascenderem a um lugar social já dado como valoroso desde sempre. Por outro lado, Rancière nos ajuda a pensar a “política” como um movimento de desenraizamento, de reconfiguração do sensível, que decorre justamente do poder fazer, falar, sentir e pensar aquilo que seria, até este momento, “impróprio”; Arendt, por sua vez, nos ajuda a pensar o “nascimento” quando aqueles que sempre se limitaram a responder a “o que” são se autorizam, narrativamente, a responder “quem” são. Levando isso em consideração, nosso objetivo aqui, então, é analisar, a partir de dois livros de Louis – “Mudar: método” e “O fim de Eddy” –, se e como o deslocamento de um corpo por espaços e por experiências que lhe foram desde sempre interditados faz emergir, ou nascer, uma espécie de emancipação política.

Palavras-chave
desenraizamento, nascimento, Édouard Louis, autoficção, "trânsfuga".

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A condição humana. 13. ed. rev. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

LOUIS, Édouard. O fim de Eddy. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2025.

LOUIS, Édouard. Mudar: método. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

A PURA SUSPENSÃO COMO ATITUDE CRÍTICA: UM ENSAIO SOBRE POLÍTICA E ESTÉTICA A PARTIR DE DIAS PERFEITOS DE WIM WENDERS

Taís Araújo
Universidade de São Paulo

À maneira de um breve ensaio, se pretende, nesta comunicação, uma tentativa de se dizer algo sobre a relação entre política e estética, a partir de uma livre reflexão sobre a personagem de Hirayama do filme Dias perfeitos de Wim Wenders. Por meio da concepção de Jacques Rancière de um "regime estético", entendemos que a arte carregaria a potência heterogênea de um pensamento que se torna estranho a si mesmo, que une os contrários e produz o estado estético como pura suspensão. Em Dias perfeitos, vislumbramos a suspensão dos valores transmitidos pela sociedade atual, como o produtivismo, o consumo para ostentar, a exigência por performance e a digitalização das relações humanas a partir do modo como um trabalhador faz da sua existência um encontro diário com a beleza em meio ao embrutecimento da sua condição; da maneira como aparece a contradição entre a alta tecnologia presente nos banheiros e a valorização do antigo, visível nas escolhas da personagem: o gosto pela fita cassete, pelo livro físico, pela máquina fotográfica analógica; da construção do tempo clássico da intriga aristotélica com o aparecimento dramático da sobrinha e da irmã de Hirayama e de um tempo em inflexão com a repetição quase cansativa das cenas; do modo como o acontecimento rompe como o que não parece acontecer. Este estado de pura suspensão construído no filme nos indica como a escolha por um modo de habitar o presente, marcada essencialmente pelo silêncio da personagem ao vivenciar as contradições apontadas, expressa uma contra conduta, ou, em outros termos, a construção de um modo de vida que mostra em ato a arte de não ser totalmente governado, conforme propôs Michel Foucault com o termo atitude crítica. No entanto, neste caso, não se trata de uma necessidade por "fazer-se ouvir", mas antes de um constante trabalho sobre si.

Palavras-chave
estética, política, crítica, dias perfeitos.

Referências Bibliográficas

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques; JDEY, Adnen. La méthode de la scène. Paris: Éditions Lignes, 2018. FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981/1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O que é a crítica? Tradução de Claudio Medeiros, Ivan de Sampaio, João Francisco Gabriel, Mario Marino e Rafael Furtado. São Paulo: Ubu editora, 2025.

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE JOGO (SPIELRAUM): POLITIZAÇÃO E RESISTÊNCIA ANTIFASCISTA NA ESCOLA

Márcio Jarek
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este trabalho propõe pensar a escola e, em especial, a sala de aula como espaço de jogo (Spielraum), em uma tentativa de recuperar o sentido originário de skholé enquanto tempo livre dedicado ao estudo. Partimos de Masschelein e Simons (2014), para quem a escola constitui uma invenção política capaz de operar dispositivos de suspensão e de profanação espaço-temporais e oferecer resistência às ameaças promovidas tanto pelas estratégias neoliberais de mercantilização quanto pela ascensão do fascismo. E, nos valendo decisivamente do pensamento de Walter Benjamin, argumentamos que dispositivos didáticos de suspensão podem instaurar uma interrupção temporária das pressões econômicas, situando o estudante em um "presente do indicativo", um benjaminiano "tempo do agora" educacional e existencial; ao passo que dispositivos de profanação são capazes de subtrair o conhecimento de seu uso produtivo sacralizado pelas políticas educacionais hegemônicas, convertendo-o em bem comum disponível para o exercício, a experimentação e o estudo livre. Tais dispositivos fundamentam-se no conceito de "segunda técnica" de Walter Benjamin (2013) que, na leitura de Tyson Lewis (2020), oferece uma visão ampliada da sala de aula como espaço de jogo (Spielraum). Sob a segunda técnica, em contraposição à primeira, fundada na dominação e no sacrifício, a sala de aula pode funcionar como um jogo harmonioso (Zusammenspiel) entre natureza e humanidade, tornando-se um espaço de inervação coletiva. Nesse registro, a frieza e a dureza do caráter autoritário (traço constitutivo do fascismo) são tensionadas pela distração produtiva (alertness) como prontidão sensorial aberta ao novo. O professor passa a agir à semelhança do "cozinheiro" do conto A Bela Adormecida, conforme a interpretação de Benjamin (2013): alguém que lança mão de "alter-choques" pedagógicos para despertar a percepção dos estudantes, sem recorrer à autoridade burocrática. Em síntese, a concepção da sala de aula como Spielraum pode engendrar uma forma de politização dos estudantes mais aberta, plural e democrática, oferecendo um horizonte teórico metodológico alternativo para pesquisas nos campos da filosofia da educação e do ensino de filosofia.

Palavras-chave
espaço de jogo (Spielraum), segunda técnica, educação antifascista, filosofia da educação, ensino de filosofia.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 2013.

LEWIS, Tyson E. Walter Benjamin's Antifascist Education: From Riddles to Radio. Albany: SUNY Press, 2020.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007. ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

QUANDO A CRIANÇA PERGUNTA

Henrique Resende Corrêa
Universidade de São Paulo

O tema do congresso provocou-me a realizar um exercício de pensamento derivado da minha pesquisa de doutoramento, que investiga o ensino de filosofia como prática filosófica situada a partir de experiências extensionistas de Filosofia com Crianças. A pergunta que orienta a tese – "o que se filosofa com crianças?" – é enfrentada prioritariamente no registro metafilosófico e epistemológico. Neste momento, proponho uma derivação dessa dimensão, deslocando a ênfase para o instante em que a criança pergunta e algo da ordem sensível se desorganiza. A tradição filosófica ocidental, ao associar o filosofar à maturidade, à erudição e ao domínio de uma linguagem técnica abstrata, instituiu não apenas um critério de validade, mas uma operação sensorial que tornou a criança invisível ao olhar filosófico. O que está em jogo quando a criança pergunta é justamente a perturbação dessa ordem: uma voz que não estava autorizada irrompe no espaço do pensamento e exige ser escutada. Para sustentar essa travessia do político-epistemológico ao estético-político, articulo três movimentos teóricos complementares. O primeiro consiste em compreender a pergunta infantil como ato que desestabiliza uma partilha do sensível – uma distribuição consensual dos corpos e das vozes que definiu quem pode tomar parte no comum do filosofar e quem dele foi excluído. O segundo movimento busca valorizar a corporeidade e o afeto que essa pergunta mobiliza, resistindo ao logocentrismo ocidental que desencarnou o pensamento e desvalorizou o corpo como modo legítimo de conhecimento. O terceiro movimento ancora a comunidade de investigação filosófica na micropolítica da sala de aula como território de resistência à modelação do sentir e à racionalidade neoliberal – território onde a pergunta infantil, justamente por não estar prevista no roteiro, é o que move o pensar. À luz desses referenciais, visito brevemente experiências do LAFIL-UFSJ e do NEFI-UERJ como cenas em que a pergunta da criança suspende a temporalidade produtivista da escola e desloca a autoridade filosófica do monopólio erudito para a qualidade de uma escuta encarnada. Quando a criança pergunta, o que se filosofa é também, e inseparavelmente, uma reconfiguração sensível, uma reeducação da escuta e um ato de resistência ao silenciamento da infância no espaço escolar.

Palavras-chave
filosofia com crianças; ensino de filosofia; estética e política; partilha do sensível; extensão universitária.

Referências Bibliográficas

CERLETTI, Alejandro. O ensino de filosofia como problema filosófico. Tradução: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALLO, Sílvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio; CORNELLI, Gabriele; DANELON, Márcio (org.). Filosofia do Ensino de Filosofia. Petrópolis: Vozes, 2003.

RANCIÈRE, Jacques. A Partilha do Sensível: Estética e Política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SODRÉ, Muniz. As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

ESCOLA NEOLIBERAL: ENTRE A GOVERNAMENTALIDADE DEMOCRÁTICA E O CULTO À PULSÃO DE MORTE

Laura Santiago Lelis Gallo
Universidade Estadual Paulista

O trabalho "Escola neoliberal: entre a governamentalidade democrática e o culto à pulsão de morte" – apresentado, sob eixo temático "Estética e política", ao VI Congresso da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação, o qual possui por temática "Formação humana e estética: o corpo em evidência" – pretende analisar a educação escolar como instrumento da biopolítica e como ela tem sido reconfigurada a uma tanatopolítica a partir da regência da governamentalidade neoliberal.

Objetiva-se investigar como a governamentalidade neoliberal esvazia a democracia escolar por meio da subjetivação de sujeitos super obedientes a essa racionalidade em oposição aos corpos lançados à margem da biopolítica. Especificamente, tratar-se-á, da análise do sofrimento produzido por esse processo biopolítico, e tanatopolítico, gerado por uma governamentalidade neoliberal.

Este estudo desenvolveu-se por meio de reflexão qualitativa de estudos na área da filosofia da educação adotando um estilo ensaístico, para situar-se nesse campo de reflexões teóricas. Recorre para tanto a um procedimento parcialmente genealógico, de modo a investigar as proveniências e contingências a partir da colaboração da escola democrática para um culto à pulsão de morte no neoliberalismo, revelando as redes de poder que moldam as subjetividades e argumentando que a proposta de uma educação neoliberal causa dor e morte entre os atores escolares.

Em termos conceituais se recorre às noções foucaultianas de "biopolítica" e "governamentalidade neoliberal", juntamente com a análise de Christian Laval sobre a escola neoliberal e à interpretação de Frédéric Gros acerca da "inversão da monstruosidade", tomando como elementos fundamentais para lançar olhar aos sujeitos obedientes a governamentalidade neoliberal. Com esses conceitos o trabalho se acerca do sofrimento gerado por esse maquinismo, examinando o culto à pulsão de morte presente na escola neoliberal, utilizando o ponto de vista de Roberto Esposito sobre a política de morte ou a "tanatopolítica". Por fim, discute-se o sofrimento recorrendo-se aos aportes de Suely Rolnik, especialmente suas reflexões sobre a "cafetinagem".

Conclui-se este estudo assinando-se a vivência da monstruosidade da escola neoliberal e o cultivo da pulsão de morte, não apenas para debater as possibilidades da democracia e da inclusão nessa instituição, mas também para elucidar a dor e o sofrimento dos atores escolares ante a tendência tanatopolítica da biopolítica na atual governamentalidade neoliberal.

Palavras-chave
escola democrática, governamentalidade neoliberal, biopolítica, tanatopolítica, pulsão de morte.

Referências Bibliográficas

ESPOSITO, Roberto. Bios: biopolítica e filosofia. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70. 2010.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978- 1979). 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

GROS, Frédéric. Desobedecer. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1. Ed. São Paulo: Boitempo. 2019.

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n 1 edições, 2019.

24 . setembro . 2026 **sala 15 - II03**

Eixo Temático: estética e arte

PARA DRIBLAR A SOLIDÃO: PENSAMENTO EM CAMPO ABERTO.

Rafael Soares Moura
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

No amor e no futebol tudo pode acontecer? No coração da torcida ainda batem pontos de interrogação? Afirmar a magia do jogo é uma forma de sonhar um drible no Brasil das casas de aposta? Em um ano marcado pela acentuação do facismo, das guerras e conflitos internacionais, uma Copa do Mundo nos convida a pensar o esporte em suas contradições: Os poderes e sua dureza, as nações e fronteiras, o Capital e sua impessoalidade - Os jogos e o molejo, o campo e o encontro, a bola e seus caprichos. Seria o futebol uma forma de pensar o impossível?

Chamando para a troca de passes Gilles Deleuze, organizando as jogadas com Henri Bergson, entramos em campo para um jogo apoiado com os conceitos de real, virtual, possível e impossível. E, para o futebol, se faz necessário partir da bola: A bola e suas possibilidades de atualização da memória, trazendo para a carne nossas apercepções, nossos desejos e inclinações estéticas. Então, a partir das durações da bola e de seus afetos, queremos articular os conceitos Bergsonianos com a infância, a escola, a masculinidade e, em alguma medida, a Filosofia.

Também a noção de jogo se oferece para fazer conosco o meio de campo, uma vez que em sua ambidestria o jogo se apresenta perfeitamente contraditório, em termos bergsonianos: um espaço para solução de problemas inventados.

E particularmente o futebol leva no sobrenome o problema da estética, visto que o "jogo bonito", mesmo atravessado por todas fronteiras, ainda funciona como espaço de convívio, de mobilização do desejo, da imaginação e é claro, dos poderes hegemônicos.

Assim, queremos colocar as problemáticas da ética e da política contemporânea a partir do futebol e de Bergson, tentando debruçar nossa torcida sobre os lances sutis, os acontecimentos da bola e os problemas que ela põe em campo, desde a ética à epistemologia através da presença e do compartilhado.

Palavras-chave
futebol, filosofia, duração, filosofia com infâncias, ensino de filosofia.

Referências Bibliográficas

BERGSON. Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2° Edição. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

DELEUZE. Gilles. Bergsonismo. 1° Edição. São Paulo: Editora 34. 1999.

DELEUZE. Gilles. GUATTARI. Felix. Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia. 1° Edição. São paulo: Editora 34. 2000.

FUNK, IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO

Rubens Fagner da Silva
Universidade Federal de São Paulo

O pressuposto fundamental da pesquisa é que o funk se projeta sobre um arcabouço simbólico essencialmente formativo e uma imaginação criadora, pois lida com questões complexas e vitais do ser humano, especialmente da juventude. A escola, pouco fruidora das cosmovisões não eurocêntricas, tenta dialogar com a arte urbana popular juvenil por meio de alguns instrumentos. O objetivo geral deste trabalho é contribuir com esse diálogo.

A proposta consiste em realizar o procedimento mitoanalítico das letras de funk a partir da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand. Os mitos são compreendidos aqui como sistemas dinâmicos de símbolos que tendem a compor narrativas; sua pregnância simbólica é atemporal e capaz de se reconfigurar e reatualizar conforme as circunstâncias do tempo e do espaço. Podem ser percebidos nas religiões, nas manifestações artísticas e literárias, nas ciências, nas tecnologias e na política.

Até o momento da pesquisa, foi realizada a análise das músicas de MC Poze do Rodo, artista que ganhou ampla visibilidade nos últimos anos. A escolha se dá pelo fato de ele suscitar reflexões sobre o imaginário em torno do funk. Trata-se de uma personalidade polissêmica, cuja singularidade é movida pela contradição. Sua ambiguidade é fundamental não apenas para compreender o funk enquanto fenômeno social, mas possibilita uma interpretação mais dialógica, menos dualista e causal da formação das subjetividades.

A partir da análise, identificou-se a presença de símbolos, arquétipos e pregnâncias míticas relacionadas especialmente à figura do herói trickster ou anti-herói. A astúcia constitui elemento identitário central: o artista dribla a lei, a polícia e conquista crescente visibilidade pública. Dentre os diversos exemplos mitológicos do trickster, Exu apresenta forte reverberação simbólica na imagem do MC, justamente por seu caráter ambivalente. Ele simboliza movimento, transformação e ruptura das normas estabelecidas. Poze também desafia tabus ao colocar em xeque concepções dualistas; o artista ocupa simultaneamente os espaços do morro e do asfalto, da marginalidade e da fama, miséria e riqueza. Sua posição contraditória

provoca tensionamentos sociais capazes de mobilizar afetos e suscitar debates em um terreno nebuloso.

Palavras-chave
funk, imaginário, mitanálise, edcucação.

Referências Bibliográficas

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ENTRE O GIZ E A CARNE: EXPERIMENTAÇÕES SENSÍVEIS DE ESCRITA COM A EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Maria Eduarda Miranda Dugois
Universidade de São Paulo

Michela Tuchapesk da Silva
Universidade de São Paulo

Um risco de giz é feito na lousa. Um espaço se instaura. Entre as unhas dos dedos da mão, a poeira colorida gruda na carne. Paisagens se insinuam no intermezzo. Letras, números, gestos, ruídos, silêncios. Geografias outras pulsam nos entremeios de um território. Mãos e bocas percorrem caminhos (re)conhecidos. Mundos nascem e se desmancham. Vozes flutuam no ar: o meu deu 37! E o meu deu 64... Vestígios e rastros... que não levam a lugar algum.

Um não-lugar emerge e um espaço instaurado se (des)dobra em outro. Não se trata de um outro como um não-igual, mas sim uma mistura intensiva de multiplicidades que não cessam de se combinar. Mundos que se sobrepõem por um instante, possibilitando produções outras de pensar, de agir, de aprender.

É exatamente aqui, sobre este não-lugar, que este trabalho se produz. Nos propomos a movimentar o modo de criação de nossa própria pesquisa de doutorado (em andamento), em composição com autores das filosofias da diferença, traçando potencialidades de se pensar o conceito de heterotopia operando junto à produção de escritas ficcionais que se dão sobre o território da Educação Matemática. Afinal, que podem ficções heterotópicas na experimentação do sensível que habita a Educação Matemática? Que potência mobilizam tais escritas quando o sensível passa a vibrar entre corpos, números e gestos? Que mundos se criam quando a poeira do giz deixa de repousar extensivamente sobre a pele e passa a se entranhar intensivamente na carne?

É nesse contorno movediço que emergem as f(r)icções, escritas que se produzem nas frestas deste território, friccionando suas instaurações para produzir ficções que inauguram mundos outros. Um modo de escrever que desliza e faz deslizar uma da sala de aula, produzindo superfícies intensivas nas quais se é convocado a habitar de maneiras outras, produzindo um corpo vibrátil que abre passagem para mobilizar modos outros de pensar as práticas e táticas que constituem o aprender Matemática.

Para além dos mundos ideais das utopias e dos mundos em ruínas das distopias, tais escritas se colocam como possibilidades de aberturas

de espaços heterotópicos dentro do território Educação Matemática, para fazer emergir um plano intensivo em que a escrita cria possibilidades sensíveis, tensiona o presente e dá passagem para o virtual que já estava ali, esperando apenas um risco de giz para nascer.

Palavras-chave
ficção, cartografia, heterotopia, aprender.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro : Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 edições, 2013.

LAPOUJADE, David. A alteração dos mundos: versões de Philip K. Dick. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2022.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

O SAMBA COMO EXPERIÊNCIA DIONISÍACA: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A FORMAÇÃO ESTÉTICA

Uyara Camargo Rodrigues
Universidade de Caxias do Sul

As discussões contemporâneas acerca da educação têm evidenciado um crescente predomínio de perspectivas racionalizantes e tecnicistas nos processos formativos, frequentemente reduzindo a experiência educativa à aquisição de competências e ao desempenho produtivo. Em contraposição a essa lógica, este trabalho propõe uma reflexão acerca das potências formativas da música e da arte a partir da filosofia de Friedrich Nietzsche, especialmente de sua elaboração sobre o dionisíaco presente em O Nascimento da Tragédia. Busca-se investigar como a música, enquanto experiência estética, contribui para a formação da sensibilidade e de que maneira essa compreensão pode dialogar com práticas culturais como o samba.

Mais do que um gênero musical, o samba constitui uma experiência coletiva atravessada pelo corpo, pelo ritmo, pela escuta, pelo encontro e pela partilha. Na roda, não há pontas, não há primeiro nem último lugar: todos se enxergam, cantam, respondem, improvisam e participam da construção daquele acontecimento. Nesse sentido, o samba produz experiências que ultrapassam a dimensão do entretenimento e instauram modos de relação capazes de mobilizar afetos, pertencimento e criação coletiva.

A partir da perspectiva nietzschiana, o elemento dionisíaco aparece como experiência de intensificação da vida, dissolução das individualidades rígidas e reconexão do ser humano com sua dimensão sensível e trágica. Tal compreensão permite pensar o samba como espaço privilegiado de formação estética, no qual corpo e sensibilidade não aparecem subordinados à racionalidade, mas como dimensões constitutivas da experiência humana. Ao cantar, tocar, dançar e compartilhar a roda, os sujeitos vivenciam processos formativos que envolvem escuta, presença, memória, criação e coletividade.

Desse modo, o trabalho busca ampliar a noção de formação para além de perspectivas estritamente intelectualizadas, compreendendo a educação também como experiência estética e sensível. A partir de revisão bibliográfica de caráter filosófico, pretende-se aproximar os conceitos nietzschianos de arte, música e formação da experiência estética produzida pelo samba, entendendo-a como possibilidade de

resistência à fragmentação da experiência humana e aos modelos educativos centrados exclusivamente na racionalização do sujeito.

Palavras-chave
Nietzsche, formação estética, samba, dionisíaco, filosofia da educação.

Referências Bibliográficas

LIMA, Silvia Cristina Fernandes. Nietzsche e a educação como experimentação de si. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

MOURA, Roberto M. No princípio, era a roda: um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. A visão dionisíaca do mundo e outros textos de juventude. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SODRÉ, Muniz. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

OFICINA ENTRE ATHOS E GATOS: ARTE, BRINCADEIRA E SIGNOS EM UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO SENSÍVEL

Maíra Isabela Ferreira
Universidade Federal de São Carlos

Carolina Rodrigues de Souza
Universidade Federal de São Carlos

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de uma oficina realizada no grupo de estudos Educação e Arte, formado por discentes e docentes da UFSCar. A oficina, intitulada Entre Athos e Gatos foi proposta no primeiro semestre de 2026, em diálogo com estudos sobre o oficinar na sala de aula e com discussões que aproximam matemática, arte, corpo e experimentação sensível.

Assumimos a oficina como espaço de experimentações corporais, cujo sentido se constrói em um agenciamento coletivo, poético, político e filosófico (LÓPEZ, 2008 apud FLORES, 2023, p.373). Nessa perspectiva, a sala de aula convida a viver outra relação com o espaço-tempo marcado pelo encontro e os signos que emergem nos instantes – aquilo que nos atravessa em um tempo de afetos e encontros.

A aproximação da matemática com Athos Bulcão se deu como sua obra tensiona a relação entre módulo e variação, regra e acaso, repetição e diferença, abrindo a composição para arranjos assimétricos. Vilela(2021,p.9) aponta que viver matemática e arte "vai além de uma aprendizagem: propicia experiências que articulam arte e conhecimento, praticando a matemática em um contexto criativo". O brincar com os dedos, com os pares e com as formas produziu uma matemática vivida no corpo, para além de cálculos e conceitos. Em diálogo com Ludvig, Flores e Wagner (2023), Kerscher-Franco e Flores (2023) e Vilela et al. (2021), compreendemos que viver matemática e arte vai além de uma aprendizagem formal, pois propicia experiências que articulam conhecimento, criação e sensibilidade. Os azulejos recriados na oficina materializaram encontros singulares, funcionando como registros vivos de um instante compartilhado. Cada composição só se tornou possível na relação com participantes, nos gestos produzidos em pares e nas variações que emergiram do brincar.

A leitura deleuziana dos signos sensíveis, especialmente em Proust e os Signos, permite pensar que aquilo que se aprende em um experiencia se produz por meio de encontros que nos afetam e nos forçam a pensar. Logo, essência dos signos sensíveis se revela e se desmaterializa. Portanto, ainda que houvesse uma proposição ao oficinar, o que restou para além de uma aprendizagem matemática foi

um sentido que se fez no encontro – a estética se deu nas relações, no gesto, como formas, ritmos e variações que emergiram do encontro dos corpos. A arte é, o destino inconsciente do aprendiz, sendo ela própria a "bela unidade final", tornando-se cada vez mais próxima e íntima (Deleuze, 2022, p.84).

Palavras-chave
oficina; signos sensíveis; encontro; instantes; arte.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. São Paulo: Editora 34, 2022.

LUDVIG, Isadora Cristina; FLORES, Cláudia Regina; WAGNER, Débora Regina. No cultivo de uma oficina com arte contemporânea indígena: a soberania de um saber da matemática na escola. REAMEC - Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Cuiabá, v. 11, n. 1, p. e23070, 2023. DOI: 10.26571/reamec.v11i1.16491. Disponível em:REAMEC Acesso em: 12 maio 2026.

KERSCHER-FRANCO, Marilete Maria; FLORES, Cláudia Regina. Oficinas como experimentações com matemática e arte. Bolema: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v. 37, n. 76, p. 371-391, 2023. DOI: 10.1590/1980-4415v37n76a01. Disponível em: Bolema. Acesso em: 12 maio 2026.

LÓPEZ, M.V. Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

VILELA, Denise Silva; COURY, Aline Germano Fonseca; RODRIGUES, Vânia Cristina da Silva; MOLINA, Natalia Stefany Guirelli. O pensamento da arte na Educação Matemática: a obra aberta de Athos Bulcão. Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 26, n. 3, p. 1-20, 2021. Disponível em: Repositório UFSCar. Acesso em: 12 maio 2026.

CORPO E EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA HERMENÊUTICA DE GADAMER

Tailan França
Universidade de Caxias do Sul

Vanderlei Carbonara
Universidade de Caxias do Sul

O presente trabalho discute o corpo como dimensão fundamental da experiência formativa na educação a partir da hermenêutica filosófica de Gadamer. A pesquisa parte da compreensão de que os processos educativos contemporâneos frequentemente privilegiam perspectivas técnicas, cognitivas e instrumentalizadas, reduzindo espaços de experiência sensível e enfraquecendo dimensões relacionadas à corporeidade, à arte e à formação humana. Nesse contexto, o estudo reflete sobre a importância da experiência, sensibilidade e corporeidade, como elementos constitutivos da formação.

A questão orientadora deste trabalho consiste em compreender de que forma o corpo pode ser assumido como dimensão constitutiva da experiência formativa na educação à luz da hermenêutica gadameriana. O estudo integra o escopo da pesquisa de mestrado intitulada "A obra de arte como acontecimento formativo: a dança na perspectiva da experiência estética de Gadamer". Aproximando as discussões sobre experiência, formação, corporeidade e estética no horizonte da hermenêutica filosófica.

A pesquisa apoiasse na compreensão de que a experiência, no horizonte hermenêutico, não se reduz ao acúmulo de informações ou vivências imediatas, mas constitui um processo histórico e interpretativo capaz de transformar o sujeito. A formação, nesse sentido, é entendida como movimento contínuo de constituição humana, marcado pela abertura ao outro, pela historicidade e pela experiência do mundo. Assim, a formação não corresponde apenas à instrução ou à preparação técnica, mas à formação do sujeito em sua totalidade.

A discussão sobre corporeidade evidencia que o corpo não pode ser compreendido apenas de maneira funcional ou biológica. Na perspectiva hermenêutica, o sujeito experiência o mundo corporalmente, sendo a sensibilidade elemento central nos processos de compreensão e formação. Dessa forma, corpo e sensibilidade deixam de ocupar um lugar secundário na educação e passam a ser reconhecidos como dimensões constitutivas da experiência humana.

A experiência estética também assume centralidade no estudo, especialmente por sua capacidade de provocar deslocamentos

interpretativos e ampliar horizontes de compreensão. A arte, nesse contexto, é compreendida como acontecimento formativo que interpela o sujeito e possibilita novas formas de perceber a si mesmo e o mundo, pela sensibilidade. A experiência estética ultrapassa a contemplação passiva e torna-se espaço de transformação, diálogo e abertura à diferença. Conclui-se que a hermenêutica filosófica possibilita pensar a educação para além de perspectivas instrumentalizadas, recuperando a importância da experiência, da sensibilidade e da corporeidade como uma possibilidade nos processos formativos. O corpo, nesse horizonte, não é apenas suporte da aprendizagem, mas dimensão fundamental da constituição humana, da experiência e da formação.

Palavras-chave
corpo; experiência; formação; educação.

Referências Bibliográficas

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Trad. de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HERMANN, N. M. A. Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético estética. Ijuí: Unijuí, 2010.

CARBONARA, Vanderlei. Educação, ética e diálogo desde Levinas e Gadamer. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2013. Orientadora: Nadja Mara Amilíbia Hermann. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2900>. Acesso em: 9 abr. 2026.

FURLANI, Carla. A manifestação da sensibilidade na dança como possibilidade de formação humana: um estudo a partir da hermenêutica filosófica. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Nova Prata, 2022. Orientador: Vanderlei Carbonara. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/10276>. Acesso em: 9 abr. 2026.

ZUCCO, Amanda Khalil Suleiman. A experiência da velhice à flor da pele: o gesto da dança como formação do sujeito velho. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Caxias do Sul, 2021. Orientador: Vanderlei Carbonara. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui /handle/11338/9697>. Acesso em: 9 abr. 2026.

24 . setembro . 2026 **sala 16 - multiuso II**

Eixo Temático: estética e arte

A SIMBÓLICA DE MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS COMO CHAVE HERMENÊUTICA PARA O PRÓLOGO DE ASSIM FALAVA ZARATUSTRA: CORPO, FORMAÇÃO ESTÉTICA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Tiago Teixeira Vieira
Universidade Federal do São Carlos

A hipertrofia cognitivista que marca a educação contemporânea e o progressivo apagamento do corpo como instância formativa exigem uma chave filosófica capaz de restituir a centralidade do sensível na formação humana. Este trabalho demonstra que a Simbólica de Mário Ferreira dos Santos, aplicada ao Prólogo de Assim Falava Zaratustra, produz uma analítica do corpo formativo inédita no horizonte da Filosofia da Educação brasileira, oferecendo repertório conceitual próprio para enfrentar a crise do paradigma intelectualista e a descolonização epistêmica do pensamento educacional. O objetivo é extrair, por via de pesquisa bibliográfica de natureza filosófica, um programa de formação estética que reconheça o corpo não como objeto de disciplina ou expressão espontânea, mas como sujeito de conhecimento simbólico.

O método dialético-simbólico opera em quatro etapas: a dialética identifica onze símbolos estruturantes no Prólogo (trinta, pátria, lago, montanha, dez, aurora, astro, caverna, quarenta, águia e serpente); a adaptação revela suas tensões internas; a participação desvela o modo como cada símbolo participa da realidade simbolizada; a significação articula o sentido formativo do conjunto. Dessa analítica emerge a tríade caverna-águia-serpente como núcleo de uma pedagogia do corpo: a caverna simboliza o corpo humano como receptáculo e matriz da experiência sensível; a águia representa o espírito que ascende ao conhecimento; a serpente encarna a alma que integra e transmuta. Essa tríade supera tanto o racionalismo intelectualista da escola tradicional quanto o espontaneísmo expressivista, propondo uma dialética formativa que articula corpo-espírito-alma.

O conceito ferreiriano de Matese, que configura em uma metalinguagem em que o símbolo participa da realidade simbolizada, fundamenta uma educação estética em que o corpo é reconhecido como categoria epistemológica. A dialética apolínea-dionisíaca, lida pela Simbólica ferreiriana, fornece modelo de formação que responde à virada corporal nas ciências da educação e à resistência estética frente à racionalidade tecnocrática. O trabalho dialoga criticamente com Pedro Pagni, ao radicalizar a centralidade do corpo na formação, e

com Nadja Hermann, ao propor que a experiência estética não é complemento, mas fundamento da formação humana. A analítica do corpo formativo aqui produzida oferece à Filosofia da Educação brasileira um repertório conceitual enraizado em tradição filosófica nacional, com desdobramentos diretos para práticas pedagógicas em artes do corpo, dança e teatro.

Palavras-chave
formação estética, corpo, filosofia da educação, simbólica, Nietzsche.

Referências Bibliográficas

HERMANN, N. Ética e estética: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

NIETZSCHE, F. Assim falava Zaratustra. Trad. Mário Ferreira dos Santos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PAGNI, P. A. Nietzsche e a educação: para além de bem e mal. In: PAGNI, P. A.; SILVA, D. J. da (Orgs.). Introdução à filosofia da educação: temas contemporâneos e história. São Paulo: Avercamp, 2007.

SANTOS, M. F. dos. Tratado de simbólica. São Paulo: É Realizações, 2007.

SANTOS, M. F. dos. Filosofia concreta. São Paulo: É Realizações, 2009.

A COMPREENSÃO ESTÉTICA FREIREANA FRENTE À ASCENSÃO OPRESSORA: A PEDAGOGIA DA BONITEZA COMO CONDIÇÃO DE TRANSFORMAÇÃO DO SER HUMANO

Ana Lúcia Vieira
Universidade de Passo Fundo

Elcio Alcione Cordeiro
Universidade de Passo Fundo

Esther Almeida das Neves
Universidade de Passo Fundo

A violência, a miséria, a precarização e as diversas formas de opressão obscurecem a boniteza do viver e os seres humanos são compelidos a concorrer para garantir a sobrevivência. O feio ganha notoriedade, diante do viés da concorrência, que se amplia com o avanço da racionalidade neoliberal, expressão conceituada por Dardot e Laval (2016). Nessa perspectiva, a educação tende a ser dominada e o sentido formativo dela, prejudicado. A narrativa da boniteza, aqui compreendida pela prática dialógica e seus fundamentos é proferida, mas acentua-se o que é repulsivo. Agrava-se o problema quando a boniteza é uma aspiração individual e não coletiva. Busca-se princípios formativos para si, mas dificultam que os mesmos sejam direcionados ao outro. Os fundamentos que compõem a essência da pedagogia freireana (1975) estão obstaculizados pela contemporaneidade mercantil. Os sujeitos, compreendidos como seres ambíguos, têm a dualidade potencializada e deixam-se dominar pela metade opressora que carregam consigo, distanciando-se do princípio dialógico, que é fundante da formação humana. Diante do exposto, pretende-se discutir a ideia de uma estética freireana no campo educacional, frente à opressão-feiura que o modelo educacional conduzido pela ótica neoliberal produz. A fim de problematizar o tema, identifica-se o seguinte problema: Como a educação, amparada pelos fundamentos da pedagogia da boniteza freireana pode ajudar em relação ao enfrentamento do que produz a feiura no mundo, ou seja, a (de) formação do ser? A hipótese é que a presença da pedagogia da boniteza de Freire no contexto educacional é uma potente alternativa de transformação, uma vez que amplia as condições da formação humanizada, reverberando o que é belo e bom. Como expressa Freire: "Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade" (2016, p. 26). Busca-se uma reflexão problematizadora no pensamento de Paulo Freire que destaque a pedagogia da boniteza como proposta de transformação. O trabalho está assim estruturado: 1. O contexto opressor; 2. O diálogo e os fundamentos freireanos como princípios transformadores do ser humano; 3. A boniteza da formação

humana e a necessidade de comunhão/partilha. O referencial teórico consiste na pesquisa bibliográfica das seguintes obras: Pedagogia do Oprimido (1975); Pedagogia da Autonomia (2016); Pedagogia da Esperança (2015), entre outras obras que se aproximam dessa reflexão.

Palavras-chave
boniteza, diálogo, educação, opressão, estética.

Referências Bibliográficas

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 22ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1975.

O HEDOR COMO CATEGORIA ESTÉTICA: RODOLFO KUSCH E A (RE)FUNDAÇÃO DA SENSIBILIDADE PARA UMA CONVIVÊNCIA ESCOLAR POSITIVA

Alonso Bezerra de Carvalho
Universidade Estadual Paulista

Fabiola Colombani
Universidade Estadual Paulista

José Alejandro Tasat
Universidade Estadual Paulista

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, baseada na análise hermenêutica das obras de Rodolfo Kusch e de seus comentadores. Neste trabalho propomos uma reflexão sobre as possibilidades de práticas de análise e vivência comunitária a partir do referencial teórico do autor, com foco nos conceitos de "América Profunda", "hedor" e "ato estético". Busca-se reconhecer a importância da formação sensível como parte integrante da formação humana, deslocando-a dos cânones eurocêntricos que supervalorizam a obra, o artista e a pulcritude ocidental. Tal deslocamento é condição fundamental para uma convivência escolar positiva, uma vez que a escola, ao reproduzir o mito da limpeza estética e cultural, tende a excluir corpos, gestos e saberes não enquadrados no ideal de civilidade.

Kusch (2007) descreve o "hedor" como um signo estético-político que produz aversão e medo originário, instaurando uma diferença entre a pretensa "limpeza" do sujeito ocidentalizado e o mundo adverso da América. Na convivência escolar, esse medo se manifesta no estranhamento diante do aluno indígena, do migrante ou daqueles cujos modos de ser fogem à norma. Frente ao mito da pulcritude – que busca segurança no progresso e na técnica – Kusch propõe reabilitar o que foi superado: reconhecer-nos como desalojados do lar civilizatório e reencontrar o medo que funda nossa existência. Essa operação exige uma "filosofia selvagem" que transborda disciplinas e se nutre do símbolo, do ritual e do gesto, constituindo um cosmos orientado pelo "estar" em vez do "Ser" (Kusch, 2012).

Para a educação e a prática comunitária, a estética kuscheana convoca a recuperar o autêntico ato artístico como construção de uma outra humanidade, na qual os fazeres indígenas perpassam o campo afetivo e plural do mundo. Não se trata de julgar pela beleza ou originalidade, mas de integrar-se ao espaço geográfico americano por meio da resistência. Assim, o corpo e a sensibilidade tornam-se lugares epistemológicos do pensamento. Conclui-se que a aposta em uma estética do "estar" – situada, comunitária e convivial – aponta para práticas educativas que assumem o hedor, o desamparo e o encontro com o outro como matéria-prima da formação sensível e da vida em comum na escola.

Palavras-chave
Rodolfo Kusch, estética americana, formação humana, convivência escolar, educação comunitária.

Referências bibliográficas

KUSCH, G. R. Anotaciones para una estética de lo americano. In: Obras Completas IV. Rosario: Fundación Ross, 2007. p. 784-815.

KUSCH, R. América Profunda. . Buenos Aires: Editorial Biblios 2012.

PEREIRA, T. Uma geografia do modernismo. Arte popular, arte primitiva e a fragmentação da arte moderna. Lisboa, 2001. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/a1059fc2-af4f-4d2a-a4fe c9444516293a Acesso: 22 mai 2026.

SANTOS, G. A. O. Contribuições de Kusch para a educação, cultura e vida escolar. Revista Contemporânea de Educação, Ahead of Print 2021. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/42924/pdf. Acesso: 22 mai 2026.

TASAT, A.; PÉREZ, J. Arte, estética, literatura y teatro en Rodolfo Kusch. Buenos Aires: Monada Nómada, 2020.

UM DIÁLOGO ENTRE FRIEDRICH SCHILLER E PAULO FREIRE: A EDUCAÇÃO SÓ FORMA PLENAMENTE QUANDO ENVOLVE O CORPO, A SENSIBILIDADE E A EXPERIÊNCIA

Adriano Soares de Sousa
Universidad de Buenos Aires

Este trabalho investiga o papel da formação estética na educação contemporânea, argumentando que o desenvolvimento humano não pode ser reduzido a dimensões puramente cognitivas ou racionais. Baseando-se nas reflexões filosóficas de Friedrich Schiller e no pensamento pedagógico de Paulo Freire, o estudo propõe uma reavaliação do corpo e da sensibilidade como elementos fundamentais no processo educativo. Nos sistemas de ensino modernos, persiste uma tendência a privilegiar a abstração, o controle e o excesso de intelectualidade, frequentemente em detrimento da experiência vivida, da afetividade e da corporeidade. Tal modelo corre o risco de produzir sujeitos fragmentados, desconectados de suas próprias capacidades sensoriais e expressivas.

O conceito de educação estética de Schiller, particularmente desenvolvido em suas Cartas sobre a Educação Estética do Homem, oferece uma estrutura crucial para a compreensão da integração da razão e da sensibilidade na formação de um ser humano plenamente desenvolvido. Para Schiller, a experiência estética medeia entre o sensível e o racional, possibilitando a emergência da liberdade por meio daquilo que ele chama de "impulso lúdico". Essa noção fornece uma base filosófica para conceber a educação como um processo que envolve a pessoa em sua totalidade, em vez de meramente cultivar as faculdades intelectuais.

Em diálogo com essa perspectiva, a crítica de Freire ao "modelo bancário" de educação enfatiza a importância da aprendizagem corporificada, dialógica e experiencial. A educação, na visão de Freire, não é a transmissão passiva de conhecimento, mas uma prática ativa e transformadora, enraizada nas realidades vividas pelos aprendizes. Ao destacar o papel da experiência, do diálogo e da práxis, Freire contribui para uma visão de educação que ressoa com o apelo de Schiller por um desenvolvimento harmonioso das capacidades humanas.

A convergência entre esses dois pensadores permite uma reflexão crítica sobre a educação contemporânea, destacando a necessidade de reintegrar a dimensão estética às práticas pedagógicas. Isso inclui reconhecer o corpo como um espaço de conhecimento, valorizar a

expressão artística e fomentar ambiente onde a sensibilidade e a criatividade possam florescer. Em última análise, o trabalho argumenta que a formação estética não é um aspecto secundário ou ornamental da educação, mas uma condição central para o desenvolvimento de sujeitos autônomos, sensíveis e plenamente humanos.

Palavras chaves
corpo; educação estética; filosofia da educação; formação humana; sensibilidade.

FORMAS DO APRENDER E FORÇAS DO APRENDIZAR: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO DE GILLES DELEUZE E GILBERT SIMONDON PARA PENSAR O FUNCIONAMENTO DAS MODULAÇÕES PEDAGÓGICAS A PARTIR DAS DIDÁTICAS DE DISPARAÇÃO

Gláucia Figueiredo

O presente trabalho propõe uma reflexão filosófico-pedagógica acerca das contribuições de Gilles Deleuze e Gilbert Simondon para a construção de uma teoria da "Modulação Pedagógica" articulada a uma "Didática da Disparação". Argumenta-se que as filosofias da diferença permitem deslocar a compreensão tradicional do aprender — entendida como assimilação e interiorização de conteúdos — para uma concepção intensiva do aprendizar enquanto dinâmica temporal e espacial de variação e invenção.

A pesquisa sustenta que a pedagogia moderna organizou-se historicamente em torno do paradigma da forma, produzindo modelos de normalização subjetiva baseados na estabilidade, na homogeneização temporal e na representação do conhecimento. Em oposição a esse modelo, Deleuze (1992;2003;2006) critica a "imagem dogmática do pensamento", demonstrando que o pensamento não nasce da recognição, mas do encontro violento com signos capazes de romper com a lógica supracitada. Nesse horizonte, propõe-se distinguir "formas do aprender" e "forças do aprendizar". As formas do aprender correspondem às estruturas estabilizadas da educação moderna — currículo, avaliação, conteúdos, habilidades e competências. Já as forças do aprendizar designam os movimentos intensivos pelos quais sujeitos entram em relação com problemas, signos e diferenças capazes de produzir transformações. O que importa é acompanhar com atenção as tensões produzidas entre as séries: as formas em estado de coabitação com forças.

A partir da teoria da individuação de Simondon (2020), encontra-se o conceito de disparação que torna-se central, pois designa a tensão entre séries heterogêneas cuja incompatibilidade produz forças perceptivas e cognitivas. Propõe-se, então, uma "Didática da Disparação", sustentada pela composição entre linguagens, temporalidades e racionalidades distintas. A noção de "Modulação Pedagógica" refere-se a práticas educativas que abandonam a lógica da moldagem disciplinar para operar por variações contínuas, acompanhando ritmos diferenciais de individuação. O professor deixa então de ocupar exclusivamente o lugar de transmissor de conteúdos para tornar-se operador de intensidades, cartógrafo de problemas e

modulador de relações. Conclui-se que Deleuze e Simondon oferecem instrumentos conceituais fundamentais para pensar uma Filosofia da Educação como processo intensivo de criação de outros de modos de existência no contemporâneo.

Palavras-chave
Gilles Deleuze; Gilbert Simondon; modulação pedagógica; didática da disparação.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. Tradução brasileira de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2003

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

SAUVAGNARGUES, Anne. Deleuze: l'empirisme transcendantal. Paris: PUF, 2009.

SIMONDON, Gilbert. A individuação à luz das noções de forma e informação. São Paulo: Editora 34, 2020.

DEVIR-CHAVES NA EDUCAÇÃO FILOSÓFICA

Pedro Jorge Miranda Abreu (Pedro Poeta)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O seriado mexicano El Chavo Del Ocho (1973), traduzido como Chaves no Brasil, é um acontecimento midiático mundial. Protagonizada por um menino pobre, órfão, vulnerável, em suas tramas com demais personagens, a série produz histórias que cruzam diferentes lugares sociais, relações de poder, quase todas centralizadas no menino Chaves.

A série produz uma percepção de um cosmo onde o mais vulnerável está no centro, e as coisas giram em torno dele. Um conjunto de valores estéticos e morais latino americanos que furaram bolhas da indústria audiovisual hegemônica e foram apresentados para o mundo a partir da série, que desde os anos 80 até hoje faz sucesso e repercute os mesmos episódios.

Com Deleuze e Guattari, em O Que é a Filosofia? (1991) consideramos a série um monumento artístico, onde os episódios sendo blocos de sensibilidade finitos e temporais, produzem intensidades infinitas dentro de si, permeando-se entre gerações, gerando sempre sensações, associando o tosco, o bruto, o repetido com a crítica sensível das relações sociais, que se reatualizam no mundo, mas tem na vila do Chaves a repetição contínua, com sensações e interpretações variáveis.

Proponho, como educador e pesquisador da educação pública, identificarmos quem são os Chaves de uma turma, os famintos, assustados, traumatizados alunos presentes em nossas salas.

O Devir-Chaves é um conceito que vibra um grito de urgência de mais atenção a essas crianças, de escuta delas e ação comprometida a respeito de sua condição, provocando uma zona de fronteira com passagens intensas entre o educador em filosofia e o aluno em vulnerabilidade.

“Aquele moleque que sobrevive como manda o dia a dia, lá na correria, como vive a maioria”, como canta Racionais Mc em Mágico de Oz(1997) sobre as crianças abandonadas, também invoca a necessidade de olhares, escutas e ações diferenciadas para estas crianças.

O trabalho pretende, através de análises dos episódios comparados com situações cotidianas, procurar pistas de ações onde um educador

em filosofia pode atuar com crianças em vulnerabilidades, contribuindo para que além de suas condições materiais sejam plenamente garantidas, a sua voz possa ser emanada como um referencial epistemológico da filosofia da educação.

Palavras-chave
Chaves; filosofia; devir; crianças; educação

Referências Bibliográficas

BOLAÑOS, Roberto Gómez. El Chavo del Ocho. México: Televisión Independiente de México, 1973.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

TRIVINHO, Eugênio. O que é glocal? Sistematização conceitual e novas considerações teóricas sobre a mais importante invenção tecnocultural da civilização mediática. Galáxia, São Paulo, n. 27, p. 15-32, jun. 2014.

MARTINS, Rafael Barbosa Fialho; CALEIRO, Maurício de Medeiros. A vila é o mundo: o seriado "Chaves" como expressão do conceito de glocalidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

RACIONAIS MC'S. Mágico de Oz. In: Sobrevivendo no Inferno. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 CD.

24 . setembro . 2026 **sala 1 (online)**

Eixo Temático: estética e os corpos desviantes

RELATO DE EXPERIÊNCIA COM ABORDAGEM AUTOBIOGRÁFICA: PERCURSOS DE UMA ARTISTA E DANÇARINA CEGA

Eduarda Richelly Pereira Gama
Marisa Vento
Universidade Federal do Goiás

Esta comunicação apresenta um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e tem o objetivo de expor a abordagem autobiográfica que o constitui. Com a narrativa da trajetória pessoal, artística e acadêmica de uma mulher com deficiência visual, acadêmica do curso de Licenciatura em Dança no Instituto Federal de Goiás, o trabalho buscou refletir sobre a constituição da subjetividade, a partir do diagnóstico de cegueira irreversível e articular vivências sensoriais com os desafios da inclusão no ensino superior. E problematiza a entrada no universo acadêmico como um ato de afirmação política e social, confrontando instituições que, historicamente, ignoram corpos desviantes.

A metodologia, ancorada narrativa autobiográfica, fundamenta-se nos estudos de Marie-Christine Josso (2007) e Philippe Lejeune (2002). Josso, possibilitou a compreensão de que narrar-se implica reconstruir sentidos e produzir conhecimento a partir da vivência concreta; já em Lejeune, estabelece-se o "pacto autobiográfico", no qual a escrita assume uma responsabilidade ética e de autoafirmação. Teoricamente, a narrativa é atravessada pela fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e pelas discussões de Michel Foucault sobre modos de subjetivação, permitindo compreender a cegueira não como impedimento, mas como uma reconfiguração da sensibilidade instituída.

A estrutura do trabalho percorre três eixos existenciais: o primeiro aborda a infância e o encontro primordial com a arte; o segundo narra o impacto do diagnóstico de cegueira e o imperativo da reinvenção de si; o terceiro eixo oferece um testemunho reflexivo sobre a graduação em Dança, explorando as implicações estéticas e subjetivas da deficiência.

Conclui-se que a autobiografia, ao romper com a clássica separação entre sujeito e objeto, transforma a angústia em potência narrativa. O relato evidencia que a presença de um corpo cego na licenciatura em Dança atua como uma força de resistência e um convite à alteridade, exigindo que o espaço universitário reconheça a sensorialidade e a sensibilidade como partes integrantes da produção de saber. Ao assumir a voz de "Rainha da Inclusão", ocorre a transmutação da própria história em um gesto de existência, legitimando novos modos de estar e sentir no mundo.

Palavras-chave
autobiografia, subjetividade, dança, corpos desviantes.

Referências Bibliográficas

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação. Porto Alegre/ RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez, 2007. Disponível em:

https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741. Acesso em: 21 dez. 2025.

_____. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 04/12/2025 MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). 2- ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Tópicos)

NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Entrevista com Philippe Lejeune. Ipotesi, Revista de estudos literários. Juiz de Fora,v. 6, n. 2p. 21-30 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19271/10257.> Acesso em: 4 dez. 2025.

NOBREGA, Terezinha Petrúcia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Estudos de Psicologia 2008, 13(2), 141-148. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/epsic/a/4WhJkzJ77wqK6XCvHFwsqSD/?format=pdf &lang=pt> Acesso em: 04/12/2025.

AS CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DEF PARA A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Franciele Monique Scopetc dos Santos
Universidade Federal do Maranhão

A presente pesquisa tem por objetivo discutir as contribuições da chamada Filosofia DEF para o campo da Filosofia da Educação. A Filosofia DEF, aqui compreendida como um conjunto de reflexões que articulam crítica social, ontologia do sujeito e desconstrução epistêmica, oferece ferramentas conceituais relevantes para repensar as práticas educacionais contemporâneas.

Inicialmente, observa-se que a Filosofia da Educação tradicional tem se fundamentado, majoritariamente, em paradigmas que privilegiam a racionalidade técnica e a reprodução de saberes canônicos. Em contrapartida, a Filosofia DEF propõe uma inversão desse movimento ao valorizar corpos, experiências e narrativas historicamente marginalizadas no ambiente escolar. Tal perspectiva alinha-se ao pensamento de autores como Fábio Passos (UFPI) Judith Butler (2019) Maurice Merleau-Ponty (2018). Fábio Passos cuja obra Corpos Invisíveis (2023) evidencia como determinados sujeitos educacionais permanecem à margem dos discursos pedagógicos hegemônicos.

A partir da análise da Filosofia DEF, é possível identificar três contribuições centrais para a Filosofia da Educação. A primeira diz respeito à crítica à neutralidade do conhecimento: todo ato educativo carrega marcas de poder, raça, gênero e classe. A segunda contribuição refere-se à valorização da corporeidade no processo de aprendizagem, rompendo com o dualismo cartesiano que separa mente e corpo. A terceira, fortemente inspirada nas reflexões de Passos, é a visibilização dos corpos invisíveis – alunas, professoras e saberes que a instituição escolar sistematicamente apaga ou silencia.

Além disso, a Filosofia DEF convoca a educadora a assumir uma postura ético política de escuta atenta às experiências encarnadas das estudantes. Isso implica reconsiderar currículos, metodologias e avaliações sob a luz de uma pedagogia corporal e sensível, que não apenas reconhece a diversidade, mas a toma como fundamento da prática filosófico-educacional.

Por fim, conclui-se que a interlocução entre a Filosofia DEF e a Filosofia da Educação não é meramente complementar, mas sim transformadora. Ao incorporar noções como corpo, invisibilidade e

resistência, essa abordagem reescreve o próprio sentido do educar: não mais como mera transmissão de conteúdos, mas como encontro entre subjetividades encarnadas. A obra de Fábio Passos, Corpos Invisíveis, serve como referência fundamental para as(os) educadoras(es) que buscam tornar visível aquilo que a tradição insiste em ocultar.

Palavras-chave
filosofia DEF; filosofia da educação; corpos invisíveis; corporeidade; Fábio Passos.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo". Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. 1. ed. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

PASSOS, Fábio. Corpos Invisíveis. Teresina: EDUFPI, 2023.

A ESTÉTICA DO FEMININO ILUMINADO: PRÁTICAS DE CUIDADO E DESVIO DOS REGIMES MODERNOS DE SUBJETIVAÇÃO

Sidcléia da Silva Santos
Universidade Federal de Pernambuco

Este estudo, em andamento, consiste em problematizar as práticas de cuidado vinculadas à mandala do aspecto feminino iluminado no budismo Vajrayana como dispositivos ético-estéticos capazes de transgredir os regimes modernos de subjetivação. Partimos da compreensão de que a racionalidade moderna ocidental, ao privilegiar uma lógica instrumental e produtivista, contribuiu para o desencantamento do mundo e para a marginalização de saberes não ocidentais, espirituais e cosmológicos, impactando diretamente os processos formativos no campo da educação.

Ancorada na perspectiva do cuidado de si em Michel Foucault (2006), entendido como prática de transformação ética e estética da existência, a pesquisa articula a cartografia inspirada em Deleuze e Guattari (1995) e a revisão bibliográfica como procedimentos metodológicos. A mandala do aspecto feminino iluminado, associada às emanações de Arya Tara, é analisada como um campo simbólico, ritual e estético que mobiliza experiências de transmutação, como a transformação do medo em coragem e da ignorância em sabedoria, produzindo deslocamentos ético-existenciais que desafiam a centralidade antropocêntrica da modernidade.

Nesse eixo, o feminino iluminado é compreendido como uma potência que se inscreve nos corpos, desestabilizando normas fixas de identidade, gênero e racionalidade. Refere-se a corpos desviantes que resistem às formas hegemônicas de subjetivação e instauram uma estética da existência baseada na interdependência entre sujeito, mundo e alteridade. Essas práticas de cuidado configuram modos de vida que escapam à normatividade moderna, ampliando a capacidade de afetar e ser afetado e abrindo espaço para múltiplas experiências formativas.

Resultados parciais indicam que tais práticas possibilitam a emergência de perspectivas cosmopolíticas e educativas mais receptivas à diversidade ontológica e epistêmica, contribuindo para agenciamentos diversos diante de crises contemporâneas, especialmente no contexto das catástrofes socioambientais (STENGERS, 2015). Portanto, a incorporação dessas experiências no campo educacional pode potencializar processos de formação

humana voltados ao reencantamento do mundo, à valorização dos corpos desviantes e à criação de modos de existência mais inventivos, devires que escapam à captura da finitude.

Palavras-chave
cuidado de si, corpos desviantes, estética, budismo Vajrayana.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

ARTHUR, HUGO, GREGÓRIO, NAOKI E JOSENEI: A (H)ISTÓRIA DAQUELES QUE CARREGAM A MARCA DA DIFERENÇA

Alzira Fabiana de Christo
Universidade Estadual Paulista

A presente pesquisa foi desenvolvida durante o estágio pós-doutoral (2025) na Faculdade de Educação, da Unesp, Marília, sob a supervisão do professor Dr Pedro Angelo Pagni e surgiu da vontade de entender um pouco mais sobre a maneira como o sujeito autista compreende o mundo e tudo o que o envolve. Dessa forma, por meio dos livros Arthur: um autista do século XIX (2020), de Maria Cristina Kupfer, O que me faz pular? (2014), de Naoki Higashida e Manual de um autista subversivo (2025), de Josenei Godoi de Medeiros e dos filmes O cérebro de Hugo (2012) e Goyo (2024), procuramos compreender um pensamento outro, decorrente dessa experiência, ainda que permeada por certa ficcionalidade, oferecendo elementos para que a sociedade pense na diferença suscitada com a presença desses corpos que interpelam tanto seu modo de ser quanto o de todas as instituição sociais, principalmente a escolar. Para tanto, fiz leituras do campo de estudos pós-estruturalistas em educação para analisar as formas de tratamento das noções de diferença, incluindo a análise de algumas fontes das filosofias da diferença, dentre elas, Foucault (1999, 2008, 2010); Deleuze e Guatarri (2010) Pugliesi&Carneiro (2020) e Julieta Jerusalinsky (2021). Por meio da pesquisa vislumbrou-se os aspectos e as especificidades dos corpos atravessados pelas diferenças. Dentre as questões estão a maneira como foram compreendidos ao longo do tempo, a diversidade de pesquisas, descobertas e perspectivas teóricas sobre como deveriam ser compreendidos, a maneira como foram tratados, o surgimento da psiquiatria, da escola e da clínica, bem como o que querem na atualidade, isto é, serem sujeitos de suas escolhas, de suas especificidades, sem precisar se adequarem a uma performance exigida ou que existe somente para satisfazer as instituições, dentre elas, a família, a escola e o mercado de trabalho.

Palavras-chave
educação, diferença, literatura, autismo, personagens conceituais.

Referências Bibliográficas

CARNEVALE, Marcos. Goyo. Argentina: Kuarzo International Films, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia? Trad. Bento Prado Jr. e Alberto

Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975). 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a. FOUCAULT, Michel. O governo de si e dos outros. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

HIGASHIDA. Naoki. O que me faz pular? São Paulo: Intrínseca, 2014.

KUPFER, Maria Cristina. Arthur: história de um autista que viveu no final do século XIX. São Paulo: Escuta, 2020.

MEDEIROS, Josenei Godoi de. Manual do autista subversivo. Ed. do Autor: Iguatu, 2025.

REVIL, Sophie. O cérebro de Hugo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PKhS4WIG234

24 . setembro . 2026 **sala 2 (online)**

Eixo Temático: estética e os corpos desviantes

O DEVIR BERGSONIANO COMO CONTRAPONTO À DITADURA DOS RELÓGIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Angela Quintino Pereira
Universidade Regional de Blumenau

A pesquisa de minha dissertação, OS TEMPOS DAS INFÂNCIAS, ensejou o presente trabalho, que busca um diálogo entre duas maneiras de entender e praticar o tempo nas instituições de educação infantil, o tempo homogêneo, cronométrico, e o tempo heterogêneo, das multiplicidades, das singularidades e do devir. Também se buscará acompanhar a trajetória de conceitos bergsonianos até à filosofia da infância.

O objetivo é tencionar os conceitos de tempo de Henri Bergson com os tempos praticados na Educação Infantil, buscando um novo olhar sobre as infâncias na atualidade. O conceito mais genuíno de Bergson é a duração, que implica seu conceito de memória, de tempo heterogêneo, qualitativo, as singularidades, as multiplicidades e o devir.

Para ele, o tempo-duração é um devir que opera um movimento contínuo de transformações, pela virtualização do presente e atualização da memória. Ele distingue o tempo-duração do tempo homogêneo, cronométrico, medido mecanicamente pelo relógio, pela rotação e pela translação da Terra, as unidades de medida quantitativa: segundos, horas, dias, meses, anos, séculos...

Este é o tempo do senso comum, dos matemáticos, dos físicos, dos cientistas em geral, fundamental em seus métodos de produção do conhecimento. O tempo heterogênio é duração em-si-mesma, um devir ininterrupto, sem formas pré-existentes, mas de criação do novo, que permite compreender, simultaneamente, a evolução criadora da própria vida, e o devir criativo das crianças.

A partir da noção de duração e de devir em Bergson, encontramos em Diferença e Repetição de Gilles Deleuze e de Mil Platôs, Gilles Deleuze & Guattari, as noções de diferença, singularidades, multiplicidades, devires, incluindo-se o devir-criança, apresentando a infância como potência, capaz de movimentos rizomáticos, linhas de fuga às capturas dos estereótipos institucionais, abertura criativa para o mundo.

A partir de Deleuze, encontramos na Filosofia da Infância de Walter Omar Kohan os conceitos de devir, linhas de fuga, criação, os rizomas, agora entramados com a noção de infância. Pensar a infância, a

criança e o devir, permiti aprender com as crianças, reinventar-se, resistir às capturas e controles que enrijecem a existência e a vida.

A Educação Infantil situa-se no entre os dois modos de tempo: a captura homogeneizante do tempo cronológico das rotinas institucionais e o devir, a duração criativa das crianças. Pensar o devir-criança possibilita uma abertura frente à rigidez cronométrica do cotidiano institucional, buscando processo de singularidade, de multiplicidade, de devir criativo junto com as crianças.

Palavras-chave
infância, tempo, educação, filosofia, devir.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência. Tradução de João da Silva Gama. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 1927.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERGSON, Henri. Bergson. O Pensamento e o Movente. Tradução de Bento Prado Neto. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. Bergson. A Evolução Criadora. Tradução de Bento Prado Neto. 1. ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

O DIÁLOGO COMO RESISTÊNCIA E ACOLHIMENTO

Celso Kraemer
Universidade Regional de Blumenau

Embora a questão da justiça curricular (Ponce, 2016; Silva, 2018) e da justiça epistêmica (Fricker, 2024) sejam temáticas de educação que emergem apenas nas primeiras décadas de nosso século, há um antecedente significativo na educação de Paulo Freire, desde 1960. Em pleno Nordeste do Brasil, com toda miséria advinda da injusta distribuição de terras e riquezas, herança do modelo colonial escravocrata, Freire fez nascer uma filosofia da educação da resistência à dominação e de acolhimento da diversidade. Estes princípios sustentam uma compreensão ontológica, ética, epistemológica e estética de educação.

Quanto à compreensão ontológica, vigora o princípio do inacabamento e da essencial abertura do humano ao outro e ao mundo, caracterizando-se como um sendo, em permanente devir com o outro no mundo. Na questão ética, o princípio da alteridade, da vida comunitária, engajada social, política, epistêmica e esteticamente com a justiça, pelo qual o saber, o modo de ser, os gostos e a vida efetiva do outro fundamentam a educação dialógica.

Quanto à epistemologia, o princípio da horizontalidade, saberes que se conectam e se complementam no devir histórico do conhecimento, sem hierarquia entre o superior e o inferior, sem os universais que aprisionam e imobilizam o pensamento, de modo fatalista. Uma epistemologia pautada na abertura à multiplicidade e reciprocidade de saberes que constituem a forma humana e histórica do mundo, enquanto possibilidade de criação e transformação.

No âmbito da estética, o princípio de que a beleza se sustenta na pluralidade da cultura, na singularidade dos corpos e na multiplicidade do belo em cada pessoa, em cada povo, em cada formação histórica. Uma estética marcada pela sensibilidade e pelos afetos da presença do outro como transcendência aos padrões que certas elites pretendem impor à população marginalizada e subalternizada em sua etnia e em sua condição social.

A estética que dá sustentação à filosofia da educação dialógica, problematizadora e emancipatória de Paulo Freire é uma estética da resistência e do acolhimento. Resistir às formas de sujeição aos

estereótipos culturais da dominação, que inviabilizam as formações históricas, étnicas, culturais e políticas de tantos corpos em sua singularidade, diversidade e pluralidade. Resistir ao silenciamento estético da dominação.

Mas é também uma estética do acolhimento integral da pessoa em sua efetiva singularidade histórica, étnica, cultual, religiosa, existencial. Acolher o outro justamente em sua alteridade, pois é ela que amplia o horizonte da percepção e da sensibilidade, dando vida ao diálogo como fundamento da educação.

Palavras-chave
acolhimento, diálogo, justiça epistêmica, resistência.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRICKER, Miranda. Injustiça Epistêmica - o poder e a ética do conhecimento. Tradução: Breno R. G. Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2024.

PONCE, Branca Jurema. O Tempo no Mundo Contemporâneo: o tempo escolar e a justiça curricular. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1141-1160, out./dez. 2016.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Revisitando a Noção de Justiça Curricular: problematizações ao processo de seleção dos conhecimentos escolares. Educação em Revista. Belo Horizonte, n.34, e168824, 2018.

DEVIR: CORPOS DESVIANTES E CRIAÇÃO NO ENCONTRO CRIANÇA / EDUCADORA

Franciele Barbosa da Silva
Universidade Regional de Blumenau

Este trabalho problematiza o encontro entre os corpos de crianças e educadoras a partir das filosofias da diferença de Gilles Deleuze e da noção de rizoma de Deleuze & Félix Guattari. A conexão entre crianças e educadoras é visualizada a partir dos conceitos de devir, agenciamento, desterritorialização e criação. O local de imanência são as experiências vividas na educação infantil. Parte-se da compreensão de que a infância não opera pela lógica da adaptação ou da reprodução de formas estabilizadas de existência, mas pela invenção de relações, pela criação de acessos e pela produção de desvios que desorganizam provisoriamente os modos endurecidos de pensar, de educar e de habitar o cotidiano. "Assim como o adulto, a criança vê portas em tudo que se vivencia e se aprende: mas para ela são acessos; para ele, apenas passagens" (Nietzsche, 2005, p. 90) Investiga-se o que acontece quando o encontro entre crianças e educadoras deixa de operar apenas como funcionamento pedagógico e passa a constituir-se como campo intensivo de composição. Nesse movimento, perguntas, brincadeiras, gestos e acontecimentos mínimos deslocam o espaço disciplinado da escola, reorganizam temporalidades e fazem vacilar as formas fixas do saber. A pesquisa insere-se no eixo temático "estética e corpos desviantes", por compreender a infância como potência de criação e linha de fuga diante das tentativas de normalização da vida. O corpo infantil aparece não como corpo a ser ajustado, controlado ou conduzido ao modelo adulto, mas como corpo intensivo que produz novas semióticas, reinventa usos, desmonta funções previamente estabelecidas e cria modos singulares de existir. A educadora em devir-criança não é pensada como regressão ou retorno nostálgico à infância, mas como deslocamento da posição centralizadora do saber em direção a uma composição ética, estética e afetiva com a infância. O encontro produz rachaduras nas formas instituídas da educação. Produz criação. Produz devires.

Palavras-chave
conexões, corpos desviantes, criação, encontros.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

A FLORESTA E A ESCOLA: DESLOCAMENTOS DE(S)COLONIAIS E COSMOPOLÍTICOS EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Augusto Rodrigues de Sousa
Instituto Federal de Rondônia
Universidade Estadual Paulista

Esta pesquisa cartografa movimentos aberrantes dos corpos amazônicos – humanos e mais-que-humanos – no Instituto Federal, instituição que se apresenta como agente de desenvolvimento local e emancipação individual, isto é, moderna, iluminista e progressista. Esses corpos, formalmente incluídos nas estruturas educacionais, tensionam suas gramáticas universalistas provocando deslocamentos de(s)coloniais e cosmopolíticos no cotidiano escolar. O problema central interroga como a filosofia da educação, historicamente assentada na matriz greco-europeia do zoon politikon, pode deslocar-se para a floresta como território de experimentação do pensamento, (des)encontrando cosmologias ameríndias, afrodiaspóricas e quilombolas que recusam o dualismo natureza cultura e afirmam humanos, plantas, rios e espíritos como copartícipes de processos formativos.

Metodologicamente, opera-se por cartografia, seguindo movimentos minoritários que desestabilizam a forma escolar; e fabulação, produzindo narrativas que desafiam ficções coloniais do poder e convocam um povo por vir. O trabalho se estrutura em mapas/ensaios que articulam filosofias da diferença, teorias de(s)coloniais e cosmopolíticas, universos artísticos e acompanhamento dos corpos amazônicos. O primeiro mapa fabula a docência como travessia que se faz no desfazimento da estrutura outrem (diálogo com Robinson Crusoé de Tournier via Deleuze e Eliane Brum) e na construção de si como corpo amazônico, (per)versão florestada do Corpo-sem-Órgãos. O segundo cartografa, em diálogo com três filmes indígenas, vetores de ataque aos corpos amazônicos: desmatamento, mineração e desenvolvimentismo; catequese neopentecostal; e urbanização das subjetividades que impõe o desejo de assimilação capitalista

urbana como desligamento da terra. O terceiro mapa cartografa alianças e linhas de fuga que esses corpos traçam na ambiguidade da instituição que pode ser simultaneamente aliada e instrumento de ataque. A pesquisa se desdobra em vetores de deslocamento de(s) colonial/cosmopolítico que esses corpos convidam o filósofo da educação a enveredar e em exercício fabulatório afro ameríndio-futurista da instituição daqui a duzentos anos.

Teoricamente, armo-me das filosofias da diferença, em especial com Deleuze Guattari via Pagni e Gallo, e a partir deles desloco-me para perspectivas de(s)coloniais e cosmopolíticas brasileiras e pela produção artística dos povos da floresta. A posição do pesquisador é assumidamente implicada: filósofo educador na fronteira Brasil-Bolívia, habitante da floresta, cartógrafo de processos que o atravessam. Aposto na diplomacia filosófica como experimentação de pensamento com (não sobre) esses povos e territórios.

Espera-se experimentar movimentos menores de deslocamento que intensifiquem linhas de fuga em filosofia da educação, vivenciando a floresta como tensionamento dos modos de viver por meio dos (des) encontros que aumentam a potência da vida dos corpos amazônicos no espaço educacional.

Palavras-chave
cosmopolítica, colonialidade.

Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. Banzeiro okotó: viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

DELEUZE, Gilles. Michel Tournier e o mundo sem outrem. In: DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 311-330.

GALLO, Sílvio. Filosofia da educação no Brasil do século XX: da crítica ao conceito. EccoS – Revista Científica, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 261-284, 2008. DOI: 10.5585/eccos.v9i2.1083. Disponível em: https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/1083. Acesso em: 4 jul. 2025. PAGNI, Pedro Angelo. Filosofia da educação no Brasil: concepções, impasses e desafios para a sua constituição como campo de pesquisa e o seu ensino nas duas últimas décadas. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 28, n. 56, p. 773-808, 2014. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102- 6801.v28n56a2014-p773-808. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/22469. Acesso em: 17 jun. 2025. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós estrutural. São Paulo: Ubu Editora; n-1 edições, 2018.

24 . setembro . 2026 **sala 3 - online**

Eixo Temático: estética e linguagens

A DIMENSÃO ESTÉTICA DA ESCRITA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: A PRÁXIS INVESTIGATIVA COMO ATO DE RESISTÊNCIA E HUMANIZAÇÃO

Liliane Barros de Almeida
Universidade Estadual de Goiás
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

A presente proposta de comunicação oral põe em questão a formação humana em sua totalidade, apreendida como um fenômeno que se realiza por meio de manifestações articuladas com e na cultura. A comunicação assenta-se em reflexão teórico-filosófica articulada a uma pesquisa de pós-doutoramento em andamento sobre formação docente, sem pretensão de apresentar resultados empíricos exaustivos, mas busca da pesquisa como prática formativa. O objetivo central é defender a tese de que a atividade investigativa, mediada pelo binômio leitura-escrita, constitui uma práxis de resistência social e um ato sensível de constituição do sujeito. A argumentação fundamenta-se na crítica à racionalidade instrumental que, historicamente, operacionaliza-se por meio de uma pedagogia da fábrica, a qual educa o corpo e a mente para o disciplinamento e para a aceitação da condição subalterna, conformando posturas, gestos, ritmos de trabalho intelectual e formas de sentir adequadas à lógica produtivista. No contexto contemporâneo, esse processo materializa-se na dialética da inclusão excludente: fenômeno em que o acesso formal aos espaços educativos não assegura a apropriação real do saber sistematizado, resultando em subjetividades intelectualmente subordinadas e despojadas de sua potência criadora. A discussão demonstra que a leitura crítica e a escrita rigorosa transcendem o mero procedimento técnico, constituindo-se como mediação fundamental para a realização da autonomia e do esclarecimento. Ao recusar a condição de copista ou de burocrata do saber — figuras funcionais da técnica que operam dados sem se deixarem interpelar por eles —, o pesquisador assume a autoria como um posicionamento ético e ontológico. Propõe-se que o ato de pesquisar exige o resgate do tempo do pensamento (Kairós) contra o imediatismo de Chrónos, permitindo que o sujeito habite o seu dizer e recupere a unidade entre teoria e ação. Essa presença viva no texto rompe com a regra da competência que silencia o discurso educacional e modela as formas de sentir em conformidade com o capital. Justifica-se a relevância da proposta pela necessidade de reafirmar a universidade como o espaço-tempo da paideia, no qual o rigor científico, aliado ao compromisso com o desvelamento do real, consolida a liberdade acadêmica e a integridade da formação humana contra o obscurantismo e a menoridade do pensamento.

Palavras-chave
formação humana; práxis de resistência; estética da escrita; inclusão excludente; totalidade

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, L. B.; BASTOS, R. B. M. Fundamentos da leitura, da escrita e da formação: a pesquisa em educação como práxis de resistência. Inter-Ação, Goiânia, v. 51, n. 1, p. 65- 82, 2026.

CHAUÍ, M. Ideologia e educação. Educação & Sociedade, Campinas, v. 1, n. 5, p. 24-40, 1980.

FERNANDES, M. A. Técnica, pensamento, paideía: uma meditação cairológica. In: COÊLHO, I. M.; FURTADO, R. M. M. (orgs.). Universidade, cultura, saber e formação. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

KANT, I. Resposta à pergunta: que é Esclarecimento? In: Textos seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.

KUENZER, A. Z. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D. et al. (orgs.). Capitalismo, trabalho e educação. Campinas: Autores Associados, 2002.

DO RITUAL AO CLICK: O DESENVOLVIMENTO DA ATENÇÃO E A REDUÇÃO DA EXPERIÊNCIA EM UMA SOCIEDADE EXCITADA

Denise Furtado
Universidade do Estado de Santa Catarina

Lidnei Ventura
Universidade do Estado de Santa Catarina

O presente estudo objetiva investigar as modificações e impactos da atual intensificação dos choques audiovisuais, diante do consumo excessivo de estímulos, por meio das tecnologias digitais, no desenvolvimento da atenção e da experiência infantil, em meio a esta Sociedade Excitada (Türcke, 2010), à luz das contribuições de Christoph Türcke e Walter Benjamin.

Dessa forma, esta investigação pretende discutir os impactos destes estímulos excessivos no aparato sensorial humano, ao problematizar as vivências contemporâneas sob o prisma do choque e da degradação da atenção, confluindo para uma reflexão acerca da experiência no cenário atual.

De modo a tensionar os impactos sociais deste contexto, de uma sociedade quase que sem pausas, cerceada por uma indústria cultural digital1(Della Torre, 2023) totalitária, e suas consequências no declínio da experiência, conforme proposto por Benjamin (1987, p. 198): "[...] as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo".

Walter Benjamin examina sob diferentes prismas o fenômeno do declínio da experiência na modernidade (Erfahrung), bem como sobre os impactos da aceleração industrial e das modificações na vida do sujeito que se tornaram constantes "experiências de choque" em função da intensidade e velocidade das novas dinâmicas sociais.

No entanto, o contexto experenciado por Benjamin (1892-1940) e suas elaborações a respeito da perda da experiência, tantos anos depois encontram eco, nas proposições de Christoph Türcke (2010; 2016), filósofo contemporâneo, que adverte sobre a degradação da atenção ao afirmar que "[...] de fato vivemos o início de uma fase histórica na qual a atenção humana se apresenta como um bem passível de ser perdido" (Türcke, 2016, p. 10).

Diante disso mostra-se necessário direcionar nosso olhar para os impactos destes estímulos excessivos no aparato sensorial humano, considerando-se a relevância da problemática e a premente necessidade de pesquisa sobre o tema de forma interdisciplinar.

Palavras-chave
atenção, experiência, sociedade excitada.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

DELLA TORRE, Bruna. Indústria Cultural: o conceito e sua atualidade em sete teses. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 17, p. 18, dez. 2023. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/wp content/uploads/2023/12/Industria-Cultural-O-conceito-e-sua atualidade-em-sete-teses.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

TÜRCKE, Christoph. Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção. Trad. José Pedro Antunes; revisão de tradução Eduardo Guerreiro B. Losso. – 1ª ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2016.

TÜRCKE, Christoph. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Trad. A. Zuin, F. Durão, F. Fontanella & M. Frungillo. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

A FICÇÃO COMO ATO SENSÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O POTENCIAL ÉTICO-FORMATIVO DA LITERATURA NA ESCOLA

Erick Nathan de Souza Pereira
Vinicius Bertoncini Vicenzi
Universidade do Planalto Catarinense

As inquietações que culminaram no nascimento dessa pesquisa em nível de mestrado surgem da experiência do pesquisador como docente de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica. Observa-se, no ambiente escolar, um agravamento de relações violentas, intensificadas pela lógica competitiva e meritocrática que marca o neoliberalismo vigente (Carvalho, 2023). Diante desse cenário, muitos professores têm optado por pensar o ensino de literatura em uma lógica intervencionista causal, como se literatura pudesse ser um "meio", a depender das escolhas de títulos e temáticas, para que as crianças e jovens tenham outro tipo de comportamento, menos violento.

Gostaríamos de propor uma investigação que caminhe em um sentido um pouco diverso, cujo objetivo geral é pensar as potencialidades da leitura de ficção como possibilidade de desenvolvimento da experiência de alteridade (Skliar, 2019), em um movimento de des-identificação ou deslocamento, capaz de compreender a posição do outro e, assim, mitigar os conflitos.Para isso, faz se necessário compreender a ficção a partir dos regimes de identificação das artes propostos por Jacques Rancière em sua obra "A partilha do sensível" (2005).Em especial, busca-se discutir aqui os "modos de ficção" que o filósofo apresenta a partir do que chama de "regime estético das artes".

Este regime favorece pensar em como enunciados literários têm efeito sobre o real, definindo variações nas intensidades sensíveis, nas percepções e na capacidade dos corpos (Rancière, 2005), contribuindo para entrarmos em diálogo com outros estudos que pensam a materialidade da língua como ato sensível e social na construção dos sujeitos, como propõe o Eixo II do presente Congresso.

Nesse sentido, a revisitação das histórias ficcionais, sob a ótica proposta por Rancière, pode oportunizar ao estudante "desidentificar-se" enquanto sujeito preso a uma hierarquia social e institucional, criando derivações da própria realidade através de um desencaminhar-se pelo poder das palavras. Tal descaminho pode permitir, em alguma medida, ver o mundo pelos olhos de outros(as), personagens e histórias, produzindo efeitos nas relações que moldam os modos de ser, de fazer e de dizer. Em especial, no nosso caso, para

pensar as relações presentes na escola e nos efeitos de violência gerados. Tal experiência, proporcionada no ambiente escolar, estimula uma revisão do propósito institucional da educação que, apoiada cada vez mais em teorias reprodutivistas, percebe a si mesma como estritamente responsável por fornecer às crianças e aos jovens ferramentas capazes de superar as desigualdades sociais provenientes do "capital cultural" (Bourdieu; Passeron, 1982) que os estudantes aportam à escola.

Palavras-chave
escola, alteridade, violência escolar, regime estético das artes, Rancière.

Referências Bibliográficas

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005. SKLIAR, Carlos. A escuta das diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2019.
BOURDEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1982

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Neoliberalismo e governamentalidade de crises no pós fascismo: que pode a educação? Praxis & Saber, Tunja, v. 14, n. 38, p. 71-87, jul./set. 2023. DOI: 10.19053/22160159.v14.n38.2023.15070. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=477278725006&utm_>. Acesso em 13 mai. 2026.

LINGUISTICIDADE, CORPOREIDADE E DIÁLOGO PROFUNDO

Rodinei Balbinot
Universidade de Passo Fundo

O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre linguisticidade, corporeidade e diálogo profundo, e suas implicações formativas. Em que sentido o conceito gadameriano de linguisticidade contempla uma ideia de corporeidade e reflete na sua concepção de diálogo profundo - vertiefter Dialog? Para responder a esta problemática é preciso compreender o sentido da linguisticidade em Gadamer; verificar se ela engloba uma ideia da corporeidade; entender os seus reflexos na concepção de diálogo profundo e sua dimensão (auto)formativa (Bildung).

O conceito de linguisticidade (Sprachlichkeit) em Gadamer (2015, p. 492) não se prende apenas aos aspectos orais da linguagem – os enunciados falados. Contempla, além disso, toda a nossa experiência de mundo, que envolve tanto o dito como o não dito (Gadamer, 2015). Gadamer, a partir da antropologia aristotélica clássica, diz que "o homem é um ser vivo dotado de linguagem" (2002, p. 174). Ou seja, somos seres nos quais a corporeidade é acompanhada de linguagem. Isso porque o tato, o corpo, os gestos, enfim, tudo o que ganha em nós expressividade, participa da experiência da linguagem e compõe os sentidos compreendidos.

É a ideia de uma corporeidade com linguagem, ela mesma parte da tradição, que está presente na noção gadameriana de linguisticidade. Deste modo, a corporeidade participa e influencia diretamente na compreensão, refletindo na concepção de diálogo profundo. Gadamer (2002) ilustrou isso com o contraexemplo da conversa telefônica. Segundo ele, na conversa telefônica, a "aproximação artificial" torna quase impossível "ouvir a disposição de abertura do outro para entrar em diálogo", não possibilita a "experiência de aproximação mútua" e, por fim, quebra imperceptivelmente a "esfera do tato e da escuta" (Gadamer, 2002, p. 244). A ausência da corporeidade impõe limites ao diálogo.

Lendo pelo não-dito, podemos afirmar que, para Gadamer, o diálogo profundo exige o encontro real entre corporeidades com linguagem. Tal é o caso da relação professor-educandos, cujo acontecer pedagógico se desdobra como exercício sem fim de escuta-pergunta-resposta,

tendo em conta os conteúdos disciplinares e alcançando a (auto) formação humana (Bildung).

Palavras-chave
linguisticidade, corporeidade, diálogo profundo.

Referências Bibliográficas

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I. 15 Ed. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método II. 2 Ed. Complementos e índice. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

24 . setembro . 2026 **sala 4 - online**

Eixo Temático: estética e política

ENTRE PLURALIDADE E MASSIFICAÇÃO: EDUCAÇÃO E MUNDO COMUM EM HANNAH ARENDT

Vinicius Araujo da Silva Nascimento
Universidade Federal de Goiás

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a educação a partir do diagnóstico, em Hannah Arendt, da crise do mundo comum na sociedade de massas. Em Origens do Totalitarismo, Arendt mostra que a emergência das massas está vinculada a processos de superfluidade, desarraigamento e solidão que não apenas isolam os indivíduos, mas corroem as bases de uma vida compartilhada. A dissolução de vínculos comuns, a atomização social e a fragilização das condições de pertencimento não constituem, assim, efeitos secundários da modernidade, mas traços decisivos de uma configuração histórica que ameaça a pluralidade humana e enfraquece o espaço entre os homens no qual a palavra, a ação e a experiência política podem aparecer. É precisamente nesse ponto que a questão educativa se torna incontornável. Em Arendt, a educação não se reduz à transmissão de conteúdos nem à adaptação dos novos a uma ordem já dada; ela responde à responsabilidade de introduzir os recém-chegados em um mundo comum, apresentando-lhes aquilo que herdamos historicamente e, ao mesmo tempo, preservando a abertura para que possam iniciar algo novo. Por isso, a crise da pluralidade e do pertencimento não permanece exterior à educação: ela atinge seu próprio fundamento. Quando o mundo comum se empobrece e os laços compartilhados se desfazem, torna-se frágil a própria possibilidade de um estar-junto formativo, isto é, de uma formação que não elimine a diferença, mas a acolha como condição de renovação do mundo. Nesse sentido, a noção arendtiana de natalidade adquire centralidade, pois educar implica reconhecer que cada novo ser humano traz consigo a possibilidade de recomeço. Em aproximação pontual com Michel Foucault, pretende-se ainda indicar que essa crise não opera apenas no nível das instituições ou das ideias, mas também na produção histórica das sensibilidades, dos modos de perceber, sentir e ser afetado. As formas de subjetivação socialmente produzidas distribuem desigualmente as possibilidades de participação no comum, afetando a maneira como os sujeitos se relacionam consigo, com os outros e com o mundo. A pesquisa sustenta, assim, que pensar a educação hoje exige enfrentar criticamente as condições políticas que ameaçam a pluralidade e empobrecem a experiência compartilhada, recolocando a formação como responsabilidade pelo mundo e abertura ao novo.

Palavras-chave
educação, Hannah Arendt, pluralidade, sociedade de massas, mundo comum.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. A condição humana. Tradução: Roberto Raposo. 13. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022.

ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. Tradução: Mauro W. Barbosa. 9. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2022. 424 p. ISBN 978-65-5505-106-3.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Tradução: Roberto Raposo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. ISBN 978-85-359-2204-2.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. ISBN 85.326.0508-7.

FORMAÇÃO HUMANA, TERRITÓRIO E CONFLITO EPISTEMOLÓGICO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Cristiane Medeiros e Medeiros
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Mello de Malta
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Conflitos socioambientais associados a grandes infraestruturas produzem mais do que alterações materiais sobre ecossistemas e usos do território. Em muitos casos, reorganizam os critérios que definem o que pode adquirir relevância ambiental nos processos institucionais de decisão. No semiárido brasileiro, esse processo se torna particularmente visível nos mecanismos de monitoramento ambiental, por meio dos quais determinadas formas de vida e experiências territoriais adquirem reconhecimento técnico e institucional. A análise toma como referência a transposição do rio São Francisco, examinando como o empreendimento reorganiza critérios de relevância ambiental e redefine formas de relação com o território. Nesse contexto, infraestruturas dessa natureza interferem na maneira como o território é percebido e como determinadas formas de vida passam a adquirir valor e relevância pública. Partindo de discussões situadas entre filosofia da ciência, filosofia da educação e ecologia política, este texto propõe compreender práticas de gestão como formas de definir o que adquire reconhecimento ambiental e institucional. O trabalho possui caráter teórico-conceitual e integra uma pesquisa de doutorado em andamento sobre produção sociotécnica da biodiversidade e processos de formação da percepção ambiental no semiárido brasileiro.

Os impactos produzidos nesse contexto não afetam populações apenas em termos materiais. Eles também redefinem quais experiências do território conseguem adquirir legitimidade nos processos de decisão ambiental. Percepções locais sobre perda de biodiversidade, transformações da paisagem ou alterações nos modos de vida frequentemente precisam ser traduzidas em categorias técnicas compatíveis com os processos de licenciamento. Muitas dessas experiências permanecem à margem dos enquadramentos técnicos quais impactos podem ser reconhecidos institucionalmente. Assim, a produção técnica da biodiversidade e da própria natureza interfere diretamente nas formas pelas quais pessoas afetadas interpretam mudanças ambientais e disputam publicamente a legitimidade de suas experiências.

A autoridade para interpretar mudanças ambientais também se torna objeto de disputa nos conflitos associados às grandes infraestruturas. Parte desses conflitos emerge justamente da dificuldade de traduzir experiências territoriais em linguagens reconhecidas pelos dispositivos técnicos de gestão. Muitas dessas experiências permanecem à margem dos critérios administrativos e científicos que definem quais impactos podem ser reconhecidos institucionalmente. Ao discutir essas dinâmicas, o trabalho busca explorar como processos sociais de reconhecimento e disputa em torno do território aproximam o debate ambiental de questões relacionadas à aprendizagem social dos impactos e à legitimidade dos saberes envolvidos nas formas de perceber e interpretar o território.

Palavras-chave
conflitos socioambientais, formação de percepção ambiental, legitimidade dos saberes, produção técnica da natureza, transposição do rio São Francisco.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LATOUR, Bruno. Políticas da natureza: como associar a ciência à democracia. Bauru: Editora Unesp, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.

STENGERS, Isabelle. Cosmopolitics I. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

POR UMA COMUM-EXISTÊNCIA: REVISÃO DO CONCEITO DE COMUM À LUZ DE FOUCAULT

Odair Neitzel
Universidade Federal da Fronteira Sul

A crise contemporânea das noções de comunidade e bem comum, tensionadas entre o essencialismo (comunidade como substância, identidade ou fusão) e o economicismo (comunidade como gestão de bens e recursos), demanda uma revisão do conceito de comum e que o reposicione como enfrentamento à racionalidade neoliberal e às formas de vida que ela instaura. Este trabalho, de natureza teórica e em estágio pós-doutoral, ancora-se no pensamento do último Foucault, particularmente em suas noções de práticas de si, cuidado de si e estética da existência, para revisar criticamente as potências e os limites de três perspectivas na teorização contemporânea do comum. A primeira é a de Jean-Luc Nancy (2016), para quem a comunidade é inoperada e expõe a finitude das singularidades sem as fundir em uma obra comum Uno, mas cuja ontologia relacional corre o risco de um novo essencialismo da relação pura, dificilmente traduzível em práxis política concreta. A segunda é a de Pierre Dardot e Christian Laval (2017), que deslocam o comum do terreno ontológico para o político, concebendo-o como práxis instituinte, atividade coletiva consciente de coprodução de regras de direito que geram coobrigações entre os que agem juntos, mas cuja ênfase normativa pode, apesar de suas intenções, reintroduzir lógicas de dominação se não for acompanhada de um trabalho sobre os afetos e as subjetividades. A terceira é a de Arturo Escobar (2014), cuja ontologia política e o conceito de sentipensar reivindicam a inseparabilidade entre razão e afeto, mente e corpo, na defesa do pluriverso contra o Mundo-Uno neoliberal, embora por vezes idealize as cosmovisões não ocidentais e encontre dificuldades de aplicação em contextos urbanos e hipercomplexos. Dessa revisão crítica emerge o conceito de comum-existência, que forjamos para designar o comum não como algo que se possui ou se gere, mas como aquilo que se exerce por meio de um conjunto de práticas, exercícios e saberes continuamente partilhados, uma askēsis coletiva análoga ao trabalho sobre si que Foucault (2010) identificou na Antiguidade greco romana, quando o cuidado de si não era isolamento, mas condição para o cuidado dos outros e da cidade. Nosso objetivo é buscar um modo de pensar e teorizar o espaço do comum que considere a diversidade e a pluralidade cultural, fazendo falar os silenciados na produção de uma estética da comum existência. Aqui,

estética não se confunde com beleza ou com a teoria da arte, mas designa, na esteira de Foucault, um modo de existir que se produz por práticas e exercícios que instituem o comum e o reconduzem continuamente a si mesmo, configurando corpos, afetos e formas de vida que resistem à atomização neoliberal. Conclui-se que a comum-existência, ao reinscrever a estética no coração da política e ao propor uma ascese coletiva como fundamento do estar-junto, oferece uma chave para pensar a formação humana para além dos dualismos modernos e como resistência a homogenização de um Mundo-Uno que nos isola e nos explora.

Palavras-chave
comum-existência; Foucault; práxis instituinte; ontologia política; estética da existência.

Referências Bibliográficas

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2017 - ISBN 978-85-7559-597-8.

ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, território y diferência. Medellín: Unaula, 2014 - ISBN 978-958- 8869-14-8. (Coleção Pensamento Vivo).

ESPOSITO, Roberto. Communitas: origen y destino de la comunidad (Precedido de conloquium de Jean-Luc Nancy). Tradução: Carlo Rodolfo Molinari Morotto. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2012 - ISBN 978-950-518- 714-0. (Mutaciones).

FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. Tradução: Márcio Alves da Fonseca; Salma Annus Muchail. 3aed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a - ISBN 798-85-7827-299-9.

NANCY, Jean-luc. A comunidade inoperada. Tradução: Soraya Guimarães Hoepfner. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016 - ISBN 978-85-421-0509-4.

24 . setembro . 2026 **sala 5 - online**

Eixo Temático: estética e arte

CORPOS QUE SE FECHAM E ENCOLHEM: A MÁQUINA DO MUNDO EM NIETZSCHE E DRUMMOND

Vagner da Silva
Universidade Federal de Rondônia

Propomos uma leitura do poema A máquina do mundo, de Carlos Drummond de Andrade, em diálogo com a seção 2 do discurso "Da virtude que apequena", de Assim falou Zaratustra, de Friedrich Nietzsche. A hipótese central é que a recusa da abertura da máquina do mundo, em Drummond, pode ser lida à luz do diagnóstico nietzschiano do apequenamento humano. Não se trata de afirmar que Nietzsche explique Drummond, mas de sustentar que sua crítica aos corpos diminuídos, amansados e habituados ao abaixamento oferece uma chave de leitura para compreender a cena poética.

No poema, a máquina do mundo se abre de maneira solene diante de um corpo exausto, desenganado e gasto pela vida. Aquilo que se oferece não é apenas uma explicação intelectual do real, mas uma abertura do mundo que exige acolhimento, disponibilidade e força para suportar sua grandeza. No entanto, o corpo drummondiano baixa os olhos, se retrai e segue adiante. A hipótese desenvolvida neste trabalho é que essa recusa pode ser lida como sintoma de um corpo que já não consegue sustentar a amplidão do mundo.

Em Nietzsche, especialmente na seção 2 de "Da virtude que apequena", o processo de diminuição do humano aparece inscrito no corpo: corpos que se abaixam, que claudicam, que já não dançam, que perderam os punhos, que buscam apenas bem-estar, mansidão e segurança. Ali se descreve um modo de vida em que o corpo se torna menor, mais dócil, mais prudente e menos capaz de altitude. Essa crítica permite reler a figura drummondiana não apenas como expressão de ceticismo ou desencanto, mas como manifestação de um corpo encolhido em sua potência de abertura. A recusa da máquina do mundo deixa de aparecer apenas como gesto individual e passa a ser compreendida como índice de um processo histórico de apequenamento corporal e espiritual.

Ao cotejar Drummond e Nietzsche, o trabalho busca contribuir para a Filosofia da Educação, sobretudo no que diz respeito às relações entre corpo, sensibilidade e formação. O problema que emerge dessa aproximação permite a pergunta: que processos educativos produzem corpos capazes de acolher a complexidade do mundo, e

que processos, ao contrário, produzem corpos fechados, apequenados e defensivos? Mais do que transmitir conteúdos, formar pode significar ampliar a estatura sensível do corpo, sua capacidade de suportar o real, de não se retrair diante do que excede o conforto, e de não reduzir a existência à medida estreita do bem-estar.

Palavras-chave
corpo, Drummond, Nietzsche, máquina do mundo.

Referências Bibliográficas

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Claro enigma. Rio de Janeiro: Record, 2022.

A FORMAÇÃO HUMANA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO MUSICAL NAS ESCOLAS DE SAMBA: COMUNHÃO, TEMPO ESPIRALAR E IDENTIDADE NA MÚSICA POPULAR AFRO-DIASPÓRICA

Letícia Maria Passos Corrêa
Universidade Federal de Pelotas

Neiva Afonso Oliveira
Universidade Federal de Pelotas

Nivia Celoí Barragan Ferreira
Universidade Federal de Pelotas

Este artigo analisa as escolas de samba como espaços de formação humana a partir da educação musical afro-diaspórica. Nesta perspectiva, pensar a formação humana para além dos limites da escola formal implica em reconhecer que processos educativos ocorrem em múltiplos territórios culturais. Para além dos processos de escolarização, o indivíduo torna-se o que é a partir de múltiplas experiências, oriundas também de espaços não-formais e informais de educação.

Dialogando com o pensamento de Paulo Freire sobre educação como prática de liberdade e com Stuart Hall acerca da construção identitária na diáspora, discute-se como o samba constitui território de comunhão, pertencimento e produção de sentido coletivo. Visto desta forma, enquanto intercâmbio de singularidades, a educação não-formal desenvolvida nas escolas de samba aponta para um importante elemento: o desenvolvimento da conscientização libertadora que ultrapassa o branqueamento do samba, e valoriza as múltiplas identidades invisibilizadas pela supremacia da branquitude. Para tanto, Stuart Hall nos lembra elementos fundamentais para discutirmos o reconhecimento identitário, bem como valorizarmos o reconhecimento de que toda música popular brasileira é negra.

A partir do conceito de tempo espiralar, propõe-se que as práticas musicais das escolas de samba operem uma temporalidade própria, que articula memória, ancestralidade e criação contemporânea. Nesse contínuo devir da existência, o tempo, em seu constante espiral, mescla-se ao corpo-tela, enquanto infinito espaço de criação da vida, dos afetos e dessa corporeidade que vai, incessantemente, construindo memórias.

O estudo destaca ainda a vivência de Mussum na Estação Primeira de Mangueira como exemplo da potência formativa desses espaços. A trajetória biográfica de Mussum evidencia como a escola de samba atua como espaço de formação que ultrapassa seus limites imediatos, influenciando trajetórias pessoais e profissionais. Implica em perceber a formação humana com intencionalidade brasileira, em que as escolas de samba aparecem como espaços formativos que implicam em deslocar o eixo tradicional da educação musical

eurocentrada, a partir da comunhão e da vivência social a partir do samba e da música popular.

Conclui-se que as escolas de samba configuram ambientes de educação não-formal fundamentais para a formação ética, estética e política de seus participantes. Reconhecer o caráter formativo das escolas de samba é, portanto, reconhecer que a educação musical também acontece na rua, na quadra, no ensaio, portanto, em comunhão. Nesse sentido, as escolas de samba podem ser entendidas como espaços privilegiados de educação musical afro-diaspórica, nos quais se articulam tradição decolonial, criação e formação comunitária.

Palavras-chave
escolas de samba, educação musical, práticas musicais afro-diaspóricas, formação humana, educação não-formal.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. Dicionário da história social do samba. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo-espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

TROTTA, Felipe. Mussum, "Os Originais do Samba" e a sonoridade do pagode carioca. In: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Disponível em: httpe://share.google/4oBk3rH0U0QRjYdI . Acesso em: 26 fev. 2026.

ASPECTOS SOBRE PÁTHOS, EROS E FINITUDE EM A MONTANHA MÁGICA, DE THOMAS MANN

Marcelo Ricardo Nolli
Universidade de Passo Fundo

Visa-se abordar uma possível interpretação sobre o tema do amor na obra A montanha mágica (1924), do escritor alemão Thomas Mann (1875-1955), a partir de uma associação com os temas da doença, da morte e da decadência. O romance articula tais perspectivas por meio das influências filosófico-estéticas de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, para os quais o sofrimento, a vontade, o desejo e as contradições da vida constituem elementos fundamentais de experiência estética e, por consequência, de formação.

No sanatório Berghof, espaço marcado pela suspensão do tempo das "planícies", Mann recupera uma reflexão sobre eros e pathos através da narrativa sobre seu herói, Hans Castorp, e de seu enamoramento por Clawdia Chauchat, personagem que pode ser interpretada como figura alegórica de Vênus, cuja presença remete à tradição do amor cortês e à ópera Tannhäuser, de Richard Wagner. Clawdia seduz o herói e o mantém preso a seus encantamentos no subsolo do Venusberg (Monte de Vênus). Neste caso, a imagem-título da obra não trataria de uma 'elevação às alturas', mas de um 'adentrar na montanha', de modo que a estadia de Castorp se dá em torno de aspectos negativos da experiência humana, tais como o inconsciente, a doença, o amor e a finitude.

Procura-se sustentar que o romance, entendido como uma paródia do Bildungsroman, oferece contribuições à Filosofia da Educação por abordar aspectos por vezes "marginalizados" em uma perspectiva excessivamente racionalista, tais como a sensibilidade, o corpo, o inconsciente e as pulsões. Deste modo, defendemos ser possível pensar na formação não como um engrandecimento teleologicamente orientado do sujeito, mas por meio de experiências de estranhamento, fracasso e padecimento, em que o Eu é desestabilizado.

A pesquisa se guia por meio de uma postura interpretativo-hermenêutica, procurando articular análise filosófica, estética e formativa. A leitura da obra evidencia uma chave cômico-grotesca, humorística, em que Mann aborda temas decadentes sem deixar-se sucumbir a eles, transformando-os em uma "brincadeira muito séria". Diante disto, pode ser visto como um romance que nos auxilia a refletir

sobre pedagogias facilitadoras e formas contemporâneas de educação voltadas puramente para o bem-estar, ao ressaltar o laço entre negatividade, sofrimento e paixão, partes integrantes da formação e da autoformação.

Palavras-chave
Thomas Mann, romance de formação, pathos, estética, corpo.

Referências Bibliográficas

MANN, Thomas. A montanha mágica. Tradução de Herbet Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MANN, Thomas. Reflections of a non-political man. New York City: New York Review Books, 2021.

ROSENFELD, Anatol. Thomas Mann. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SAFRANSKI, Rüdiger. Romanticism: A German Affair. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2014.

24 . setembro . 2026 **sala 6 - online**

Eixo Temático: estética e arte

ESCOLA EM CRIAÇÃO: ALEGORIAS ESCOLARES NA AULA DE ARTE/ TEATRO COM CRIANÇAS E JOVENS

Túlio Fernandes Silveira
Universidade do Estado de Santa Catarina

Esta pesquisa investiga a escola pública a partir de processos criativos desenvolvidos nas aulas de Arte/Teatro com crianças e jovens, compreendendo a escola como um espaço-tempo em constante. Inserida no campo da Pedagogia das Artes Cênicas em diálogo com a Filosofia da Educação, a pesquisa se ancora especialmente em autores vinculados à perspectiva da experiência e do sentido na educação, como Jan Masschelein e Maarten Simons, Jacques Rancière, Jorge Larrosa e Walter Kohan. A investigação é orientada pela pergunta-dispositivo: o que pode ser e o que pode fazer a escola? A partir dessa questão, o estudo busca mobilizar a escola como tema de criação e reflexão com os próprios estudantes, tomando a criação artística como prática de pensamento e produção de conhecimento.

A pesquisa parte do entendimento de que a escola pode constituir um tempo de suspensão em relação às lógicas produtivistas e utilitaristas que frequentemente atravessam a educação contemporânea, possibilitando experiências de atenção, encontro, imaginação e elaboração coletiva do mundo (Masschelein; Simons, 2021). Nesse sentido, o Teatro é compreendido como campo de conhecimento capaz de produzir modos específicos de pensar e experienciar a escola através do corpo, do jogo, da ficção e da presença em coletivo.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, fundamentada na perspectiva da Prática como Pesquisa, articulando os papéis de professor, artista e pesquisador em sala de aula. Foram desenvolvidas três práticas artístico-pedagógicas, entendidas como alegorias escolares, a partir de diferentes abordagens do ensino do Teatro e de distintos materiais de estudo: o Drama (Cabral, 2012), mobilizado através de um pré-texto teórico-filosófico sobre a escola; a Mediação Teatral (Desgranges, 2022) de uma peça com temática escolar;; e o trabalho com Texto e Jogo (Pupo, 2010) a partir de uma dramaturgia contemporânea relacionada ao universo da escola. Nessas experiências, a ficção operou, em diferentes intensidades, como estratégia para tensionar o real e abrir espaços de imaginação e pensamento (Rancière, 2009), permitindo que os estudantes expressassem, por meio do corpo e do jogo, percepções, inquietações e reflexões sobre a/com a/na escola.

Como resultado, observou-se que a aula de Teatro pode se configurar como uma arena criativa e coletiva de experimentação, na qual a escola pode ser colocada em questão pelos próprios sujeitos que a vivenciam cotidianamente. A pesquisa evidencia, assim, o Teatro na Escola como um campo capaz de produzir deslocamentos nos modos de pensar, experienciar e reimaginar a escola contemporânea.

Palavras-chave
pedagogia das artes cênicas, escola pública, teatro na escola, filosofia da educação, alegoria.

Referências Bibliográficas

CABRAL, Beatriz. Drama como método de ensino. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

DESGRANGES, Flávio. O que eu significo diante disso: ação artística com espectadores teatrais. Revista Brasileira de Estudos da Presença, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 01-17, 2022. Disponível em:

https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/94955. Acesso em: 15 dez. 2024.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. 2. ed. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

PUPO, Maria Lúcia S. B. Entre o Mediterrâneo e o Atlântico: Uma aventura teatral. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

FORMAÇÃO HUMANA E RESISTÊNCIA À BARBÁRIE: A ARTICULAÇÃO ENTRE ÉTICA E ESTÉTICA EM NADJA HERMANN

Vanessa Salete Bicigo de Quadros
Universidade de Passo Fundo

A presente investigação, situada no campo da Filosofia da Educação, parte do diagnóstico crítico da barbárie formulado por Theodor Adorno para problematizar os limites da formação humana na contemporaneidade. Em um contexto marcado pela intensificação da racionalidade técnico-instrumental, pela centralidade do desempenho, da mensuração e da adaptação funcional, a pesquisa discute como a educação pode coexistir com formas sutis de desumanização, manifestadas na regressão da sensibilidade, na indiferença diante do sofrimento do outro e na fragilização da autorreflexão. Nessa perspectiva, compreende-se a barbárie como possibilidade imanente à própria cultura, produzida no interior de processos formativos que privilegiam eficiência, produtividade e conformação em detrimento da experiência reflexiva. Assim, o problema educacional não se reduz ao acesso à escolarização ou à transmissão de conteúdos, mas envolve o empobrecimento da experiência formativa e o enfraquecimento da capacidade de elaborar criticamente o vivido.

Em interlocução com as contribuições de Nadja Hermann, investiga-se em que medida a articulação entre ética e estética pode reconfigurar o sentido da formação humana e constituir-se como possibilidade de resistência às formas contemporâneas de barbárie presentes na educação. A pesquisa sustenta que o enfraquecimento da experiência sensível compromete a formação do juízo ético e favorece a naturalização da indiferença. Desse modo, a experiência estética é compreendida não como dimensão acessória ou restrita ao campo artístico, mas como possibilidade formativa capaz de ampliar a sensibilidade, fortalecer a abertura à alteridade e sustentar os processos de reflexão crítica. Inspirada na hermenêutica filosófica, especialmente em Hans-Georg Gadamer, a investigação assume abordagem qualitativa e bibliográfica, compreendendo a interpretação como experiência histórica e dialógica de produção de sentido

Como categoria central, propõe-se o cultivo da interioridade, entendido como uma dimensão formativa onde a sensibilidade, a reflexão e a responsabilidade ética se articulam. Defende-se que a aproximação entre ética e estética, elaborada por Nadja Hermann, amplia a compreensão da formação humana ao afirmar a experiência estética

como condição de possibilidade para a emancipação, a resistência à insensibilidade e a preservação da educação como espaço de formação ética e crítica.

Palavras-chave
formação humana; barbárie; ética; estética; interioridade.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Educação e emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HERMANN, Nadja. Ética e estética: a relação quase esquecida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERMANN, Nadja. Hermenêutica e educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2010.

PEDAGOGIA DOS DUENDES: UMA HERMENÊUTICA SIMBÓLICA DA EDUCAÇÃO A PARTIR DE FIGURAS DO IMAGINÁRIO

William Gustavo Machado
Universidade de Caxias do Sul

Por uma hermenêutica simbólica de fenômenos educativos, este estudo tem como intuito investigar figuras arquetípicas que passam pelo corpo latino-americano. Que pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas temos em relação a estas que evocamos? No caso deste trabalho, trazemos duas imagens: Dionísio/Pombagira e Hermes/Exu. A primeira é do deus grego da embriaguez, muito explorado filosoficamente por Friedrich Nietzsche. A segunda é do deus grego da comunicação. Mas aqui evocamos essas forças nas suas manifestações culturais afro-diaspóricas: Pombagira, entidade feminina do desejo; Exu, entidade masculina dos portais. Expressões arquetípicas de Anima e Animus, o par simbólico do feminino e do masculino, da vontade e da ordem.

Anima, Dionísio, Pombagira. Irrompem fronteiras. Mais fundo, Pombagira é a própria anima no sentido bachelardiano. Ela é da (des) ordem do devaneio, onde é a poética que vem habitar o poeta. Onde o sonho toma o sonhador. Não se racionaliza a evocação da pombagira. Ela somente vem. É a fonte do desejo – não do desejo psicanalítico, como falta, mas do desejo como a própria potência criadora. É, aquém, o desejo deleuziano. Isotopicamente, e manifesto, é a imagem do duende. Filosoficamente, e prática, é a manía platônica – e também a mania do transtorno bipolar, que, quando bem mediada, põe o sujeito em contato com suas vontades mais urgentes.

Animus, Hermes, Exu. É a organização do desejo no mundo da superfície, no contato com as alteridades. Sem Exu, a alma não vai ao mundo. Ou se perde, e não retorna. O delírio toma conta. Exu segura as pontas sem reprimir. Deixa vir o que precisa e quer vir. Pois se assim não for, não há a própria alteridade da singularidade. Não haveriam duendes no mundo.

Assim perguntamos: temos uma pedagogia para todo esse enthousiasmós? Dada a pluralidade das manifestações dionisíacas, talvez seja preciso uma pedagogia das pedagogias que cada caso necessita. Enfim, é em torno do problema da pedagogia dos duendes que aqui filosofamos.

Palavras-chave
imaginário, filosofia da educação, hermenêutica simbólica.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Paloma Gisele Muniz. Pombagira: a imagem dos desejos inconfessos projetados em um feminino indesejado. 2023. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ORTIZ-OSÉS, Andrés; LANCEROS, Patxi. Claves de hermenéutica: para la filosofía, la cultura y la sociedad. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005.

THOMAS, Joël. Sciences de l'imaginaire, physique quantique et neurosciences: un dialogue. França, 2018. (cel-01951947). Disponível em: https://hal.science/cel-01951947v1. Acesso em: 04 maio 2026.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA PELA ARTE: ESTÉTICA, SENSIBILIDADE E FORMAÇÃO HUMANA

Lucimar Donizete Gusmão
Secretaria de Estado da Educação do Paraná

A tradição escolar moderna consolidou, em grande medida, uma concepção de ensino da matemática marcada pela racionalidade técnica, pela mecanização e pelo distanciamento, senão divisão, da experiência sensível. Em contraposição a esse modelo, em Gusmão (2013) há uma defesa da educação da sensibilidade no campo da matemática, ou seja, uma educação matemática pela arte em que propõe uma reflexão epistemológica, filosófica e pedagógica sobre a possibilidade de reaproximar matemática, arte e experiência estética como dimensões constitutivas da formação humana e construção do conhecimento.

Interpretando as contribuições sobre Educação pela arte de Herbert Read (1986) e de Fundamentos estéticos da educação de João-Francisco Duarte Júnior (2008) para o campo da educação matemática, Gusmão (2013) defende que a educação matemática não pode restringir-se ao desenvolvimento lógico-formal, mas deve também cultivar imaginação, intuição, criatividade, emoção e sensibilidade. A matemática, nesse contexto, deixa de ser concebida apenas como um sistema fechado de conhecimento para ser reconhecida como produção humana em que a beleza, a criação e a experiência estética desempenham papéis fundamentais, reconfigurando a compreensão da matemática, constituída, também, pela sensibilidade e pela experiência estética.

Ao discutir a relação entre estética e educação matemática, Gusmão evidencia que a dimensão sensível ocupa um papel fundamental no processo de conhecer e perceber o mundo, não sendo apenas como algo biológico e físico. A percepção visual, a imaginação criadora, os gestos, os traços, as formas e os ritmos tornam-se elementos mediadores da aprendizagem matemática. Tal perspectiva contribui para romper com a dicotomia historicamente estabelecida entre razão e sensibilidade, reconhecendo que o conhecimento também se constitui pela experiência estética do mundo.

Nesse sentido, a proposta de uma "educação matemática pela arte" aproxima-se diretamente das discussões contemporâneas da Filosofia da Educação sobre formação sensível e valorização das artes do corpo. Mais do que utilizar a arte como recurso metodológico, trata-se

de compreender a experiência estética como dimensão formativa capaz de humanizar os processos educativos e resgatar a potência criadora dos sujeitos.

Assim, ao defender a integração entre arte e matemática, a pesquisa de Gusmão aponta para uma educação comprometida não apenas com a transmissão de conteúdos, mas com a formação integral do ser humano. A sensibilidade estética passa, então, a constituir um elemento essencial para pensar práticas educativas mais abertas à criatividade, à experiência e à construção de sentidos.

Palavras-chave
educação matemática, arte, sensibilidade, formação humana.

Referências Bibliográficas

GUSMÃO, Lucimar Donizete. Educação matemática pela arte: uma defesa da educação da sensibilidade no campo da matemática. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: Repositório UFPR. Acesso em: 7 maio 2026.

READ, Herbert. A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte. São Paulo: Summus, 1986.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos estéticos da educação. 7. ed. Campinas: Papirus, 2008.


SOFIE
Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação

sofie.org.br


UNICAMP


CAPES


FAPESP